CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

BRUNA FERNANDES BARROS

ENTRE A SUBVERSÃO E A VIOLÊNCIA:
A resistência discursiva nos relatos de si do livro *Elza*, sob a ótica da Análise Crítica do Discurso

BELO HORIZONTE
2024

BRUNA FERNANDES BARROS

ENTRE A SUBVERSÃO E A VIOLÊNCIA:
A resistência discursiva nos relatos de si do livro *Elza*, sob a ótica da Análise Crítica do Discurso

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), na linha II: Discurso, mídia e tecnologia, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Estudos de Linguagens.

Orientador(a): Prof. Dr. Renato Caixeta da Silva

BELO HORIZONTE
2024

Barros, Bruna Fernandes.
B277e Entre a subversão e a violência: a resistência discursiva nos relatos de si do livro Elza, sob a ótica da Análise Crítica do Discurso / Bruna Fernandes Barros. – 2024.
119 f. : il.
Orientador: Renato Caixeta da Silva.

Tese (doutorado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2024.
Bibliografia.

1. Soares, Elza, 1930-2022 - Biografia. 2. Análise crítica do discurso. 3. Resistência. 4. Poder. 5. Narrativas pessoais. I. Silva, Renato Caixeta da. II. Título.

CDD: 401.41

Ficha elaborada pela Biblioteca - Campus Nova Suíça – CEFET-MG
Bibliotecário: Wagner Oliveira Braga CRB6 - 3261

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS - NS

ATA DE DEFESA DE TESE Nº 17 / 2024 - POSLING (11.52.09)

Nº do Protocolo: 23062.024501/2024-38

Belo Horizonte-MG, 10 de maio de 2024.

BRUNA FERNANDES BARROS

Entre a subversão e a violência: a resistência discursiva nos relatos de si do livro Elza, sob a ótica da Análise Crítica do Discurso

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais em 29 de abril de 2024, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos de Linguagens, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Renato Caixeta da Silva (Orientador)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof. Dr. Argus Romero Abreu de Morais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Cláudio Márcio do Carmo
Universidade Federal de São João del-Rei

Prof.ª Dr.ª Giani David Silva
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Lilian Aparecida Arão
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

(Assinado digitalmente em 13/05/2024 13:47)
GIANI DAVID SILVA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DIRGRAD (11.51)
Matrícula: 1534331

(Assinado digitalmente em 15/05/2024 04:17)
LILIAN APARECIDA ARAO
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 1685158

(Assinado digitalmente em 14/05/2024 14:04)
RENATO CAIXETA DA SILVA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 1218319

(Assinado digitalmente em 10/05/2024 11:18)
ARGUS ROMERO ABREU DE MORAIS
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.343-##

(Assinado digitalmente em 10/05/2024 11:57)
CLÁUDIO MÁRCIO DO CARMO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.766-##

Visualize o documento original em **https://sig.cefetmg.br/public/documentos/index.jsp** informando seu número: **17**, ano: **2024**, tipo: **ATA DE DEFESA DE TESE**, data de emissão: **10/05/2024** e o código de verificação: **b85a704f21**

Eu quero ter o direito de estar buscando isso ou aquilo. Quero andar, comer, dormir, amar, cantar. Ter isso, para mim, é que é o verdadeiro poder.

- Elza Soares

À Cristina, minha mãe, Carol, minha parceira, e todas as mães que conduzem o mundo.

AGRADECIMENTOS

Não existe muito propósito em estudar as possibilidades de mudança no mundo e no sujeito se não acreditamos em um horizonte mais ético, com mais possibilidades para todas as pessoas. Apesar de Elza Soares, na sua história biográfica, oferecer um vislumbre desse horizonte, é no dia a dia que consigo sentir e observar as possibilidades dessa potência no futuro. Por isso, primeiramente, agradeço pela existência do Antônio, meu filho/enteado, é por meio dele que os melhores sentimentos e a confiança nas possibilidades humanas me atravessam.

Agradeço também a minha companheira, Carol, e aos meus pais, Cristina e Paulo, pelo constante apoio e motivação, sempre buscando entender meus estudos e contribuir da melhor maneira possível.

Finalmente, agradeço ao meu orientador nesta tese, Prof. Dr. Renato Caixeta da Silva, pela orientação cuidadosa. À avaliação atenta da Prof. Dr. Lilian Aparecida Arão e do Prof. Dr. Argus Romero. E ao CEFET/MG, principalmente ao Posling, por me darem a oportunidade de elaborar e expor meus estudos.

Gostaria de ressaltar também que este trabalho só foi possível devido ao meu amadurecimento acadêmico, obtido principalmente durante meu Mestrado, no Promel, da UFSJ. Por isso, agradeço a todos que conviveram comigo naquele período e me auxiliaram no meu desenvolvimento, amigos, colegas e professores.

RESUMO

Pensar os estudos de gênero é, essencialmente, pensar mulheres, suas vivencias, limitações e práticas. Assim como Beauvoir reconhece a mulher como o outro, aquele que precisa ser nomeado, pois foge à norma, que seria ser homem, o gênero feminino seria o único marcado, aquele para o qual o próprio conceito de gênero se torna necessário. Se entendemos que o homem seria o não-gênero, a norma, o branco seria então a não-raça. Esta lógica da branquitude como padrão é discutida por Schwarcz em seus trabalhos. Portanto, se a mulher é marcada por ser mulher e a pessoa negra por sua negritude, a mulher negra é marcada duplamente, seu corpo é negado duas vezes.

Esse percurso pode ser acompanhado estatisticamente na história, na atualidade e é ilustrado por meio da biografia de Elza Soares. A cantora foi um ícone internacional, de um talento reconhecido por grandes críticos musicais em todo mundo, mas precisou lutar até o fim para ser reconhecida como tal. Na vida pessoal, Elza também sofreu violências, por ser negra, por ser mulher, por ser pobre. Foi obrigada a se casar ainda adolescente, a cuidar de seus filhos na miséria e a superar violências também dentro de casa. Mesmo depois de conhecer a fama, Elza precisou travar batalhas por todas suas conquistas e se provar muito mais do que outros artistas consolidados na mesma época que a sua.

No entanto, esse estudo não é sobre a luta em si, mas sobre a resistência, esta que está contida em muitas lutas, mas, para além disso, antecipa-se a todas elas. Por meio do discurso de resistência, Elza conta sua história, sem glória permanente, repleta de pequenas e grandes vitórias e derrotas. Ler Elza Soares, a partir do livro *Elza* (2018), de Zeca Camargo, pode ser uma forma de começar a ler inúmeros sujeitos, em especial mulheres negras, entender suas complexidades que vão além de sua formação social, mas que atravessam seu íntimo e sua construção como indivíduos. Cada pessoa possui um mundo em sua história, a de Elza Soares parece apresentar a força e a complexidade de uma galáxia.

A fim de estudar esse território discursivo, trago autores como Collins (2009) para compreender a relação da mulher negra no mundo, Foucault (1996, 2004) e Butler (2019) para entender a relação do sujeito com o mundo e si mesmo, Arfuch (2010), Lejeune (2008) e Arendt (2000) a fim de conversar sobre biografia, autobriografia e seus atravessamentos nos sujeitos, entre outros. Para realizar a análise aplicando a Análise Crítica do Discurso, Fairclough (1989, 1992, 2009, 2017) e Martin e Rose (2007) embasam a estrutura teórico-metodológica e as categorias de análise.

Este estudo é direcionado pelo objetivo geral de analisar o ato de relatar a si mesma como um processo dialético no livro *Elza*, com base em pressupostos da Análise Crítica do Discurso em consonância com estudos sobre resistência, poder, e autobiografia. E, para atingir tal objetivo, determino outros três objetivos específicos: definir a relação entre a ACD, a metodologia dialético-relacional e os recursos de significação a fim de embasar a análise discursiva; definir biografia, autobiografia e seus enredamentos, atravessando história, política e sociedade; e definir resistência discursiva a partir dos conceitos de discurso, resistência e poder.

Por fim, busco responder à questão: Qual a relação entre a resistência discursiva e a construção do sujeito pela narrativa (de si) na obra biográfica *Elza*, de Zeca Camargo? Hipoteticamente, afirmo que o sujeito resiste pela narrativa, seja na narrativa do mundo contada para si mesmo, ou até mesmo da noção de si. E, se considerarmos que nossa visão de mundo está diretamente associada a quem pensamos que somos, podemos considerar que a narrativa, em geral, é indissociável do sujeito. No caso de Elza Soares, arrisco dizer que a resistência a constitui tanto quanto sua capacidade de mudança e adaptação e que, apesar de talvez não existir um eu fixo nomeável imutável, é exatamente nessa capacidade do reconhecimento de ser sem nunca de fato ter sido que reside a resistência.

Palavras-chave: Elza Soares; Resistência; Discurso; Resistência discursiva; Biografia; Autobiografia; Poder; Sujeito.

ABSTRACT

Thinking about gender studies is, essentially, thinking about women, their experiences, limitations and practices. Just as Beauvoir recognizes women as the other, the one who needs to be named, as it goes beyond the norm, which would be to be a man, the female gender would be the only one marked, the one for which the very concept of gender becomes necessary. If we understand that man would be non-gender, the norm, then white would be non-race. This logic of whiteness as a standard is discussed by Schwarcz in her works. Therefore, if the woman is marked for being a woman and the black person for her blackness, the black woman is marked twice, her body is denied twice.

This path can be statistically followed in history, in the present and is illustrated through Elza Soares' biography. The singer was an international icon, a talent recognized by the majority of music critics around the world, but she had to fight until the end to be recognized as such. In her personal life, Elza also suffered violence, for being black, for being a woman, for being poor. She was forced to get married as a teenager, to take care of her children in poverty and also to overcome violence at home. Even after achieving fame, Elza had to fight battles for all her achievements and prove herself much more than other consolidated artists from the same period.

However, this study is not about the fight itself, but about the resistance, which is contained in many fights, but, in a certain way, anticipates them all. From the speech of resistance, Elza tells her story, without permanent glory, full of small and big victories and defeats. Reading Elza Soares, on the book *Elza* (2018), by Zeca Camargo, can be a way to start reading countless subjects, especially black women, to understand their complexities that go beyond their social background, but that cross their intimate and their construction as individuals. Each person has a world in their story, Elza Soares' seems to present the strength and complexity of a galaxy.

In order to study this discursive territory, I present authors such as Collins (2009), to understand the relationship of black women in the world, Foucault (1996, 2004) and Butler (2019), to understand the relationship of the subject with the world and himself, Arfuch (2010) and Arendt (2000) in order to talk about biography, autobriography and their crossings in the subject, among others. To perform the analysis based on Critical Discourse Analysis, Fairclough (1989, 1992, 2009, 2017) and Martin & Rose (2007) offer the theoretical-methodological structure and categories of analysis.

This study is directed by the general objective of analyzing the act of giving an account of oneself as a dialectical process in the book Elza, based on assumptions of the Critical Discourse Analysis in line with studies on resistance, power, and autobiography. And, to achieve this objective, I determine three other specific objectives: defining the relationship between CDA, the dialectical-relational methodology and the resources of meaning in order to support the discursive analysis; defining biography, autobiography and their entanglements, crossing history, politics and society; and defining discursive resistance based on the concepts of discourse, resistance and power.

Finally, I seek to answer the question: What is the relationship between discursive resistance and the construction of the subject through the narrative (of oneself) in the biographical work *Elza*, by Zeca Camargo? Hypothetically, I claim that the subject resists through the narrative, whether in the narrative of the world told to themselves, or even the notion of self. And, if we consider that our worldview is directly associated with who we think we are, we can consider that the narrative, in general, is inseparable from the subject. In the case of Elza Soares, I dare say that resistance constitutes her as much as her capacity for change and adaptation and that, despite the fact that perhaps there is no fixed, nameable self, it is exactly in this capacity of the recognition of being without ever actually being that resides the resistance.

Keywords: Elza Soares; Resistance; Discoursive resistance; Speech; Biography; Autobiography; Power.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Sistemas de Avaliatividade 41
FIGURA 02: Sistemas de Ideação 44
FIGURA 03: Sistemas de Identificação 46
FIGURA 04: Sistemas de Rastreamento 47

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	DISCURSO, RESISTÊNCIA E PODER	15
	1.2 IDEOLOGIA E DISPUTA DE PODER	21
	1.3 SUJEITO, SUBJETIVAÇÃO E SUJEIÇÃO	24
	1.4 O SUJEITO NO RELATAR A SI MESMO	26
	1.5 RESISTIR E SE SUBMETER NO ATO DE RELATAR A SI MESMO	28
2	ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E CONCEITOS METODOLÓGICOS	32
	2.1 Conceitos e fundamentos	32
	2.2 Aspectos metodológicos e direcionamentos	36
	2.3 Aplicação metodológica no estudo proposto	38
	2.3.1 Recursos de significação	39
3	AS FACETAS DO EU: SUJEITO, BIOGRAFIA E O RELATO DE SI	50
	3.1 Biografia e desenvolvimento do sujeito	50
	3.2 O individualismo como política	56
4	ELZA E A HISTÓRIA DAS MULHERES	62
	4.1 Construção narrativa e lugar de fala	63
	4.2 Bela, mãe e do mundo: sobre maternidade, casamento e individualidade	69
	4.3 Força, sujeição e violência: a ambiguidade e os homens na vida de Elza	79
	4.4 A pobreza resiliente e uma infância interrompida	89
	4.4.1 A criança subversiva e a supressão da infância	90
	4.4.2 A dor e o subversão em mãe e filha	92
	4.5 Música, racismo e os percalços da realização de um sonho	96
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
	REFERÊNCIAS	117

INTRODUÇÃO

Compreender os limites e a constituição do sujeito tem sido foco de pesquisas ao redor do mundo em diferentes áreas do conhecimento. A construção do sujeito, ou a própria noção de sujeito, é objeto de análise desde muito antes do desenvolvimento da Análise do Discurso. Se Benveniste, na Teoria da Enunciação, entendia o sujeito como central, Bakhtin teorizava que o sujeito, na verdade, era atravessado por inúmeras vozes, mas ambos ofereceram caminhos para o desenvolvimento desse conceito na Análise do Discurso. Os estudos da psicanálise foram umas das bases para a fundação da Análise do Discurso pecheutiana, compreendendo o sujeito como dividido entre consciente e inconsciente, descentrado. Althusser (1985) também ofereceu sua contibuição a partir da noção de assujeitamento, a qual define um sujeito imerso na ideologia de Estado.

Os estudos de Althusser (1985) não apenas embasam a noção de sujeito da Análise do Discurso Francesa, mas oferecem a ideia de ideologia a partir da qual a Análise Crítica do Discurso de Fairclough desenvolve sua própria conceituação. No entanto, Fairclough (2001) busca em Foucault (2008) os primeiros fundamentos para seu conceito de sujeito, e se afasta de Althusser na medida em que busca compreender um sujeito que não apenas é atravessado pela ideologia, pela estrutura, mas age sobre ela. O conceito faircloughiano de sujeito é o que utilizamos neste estudo, tem como foco um movimento ambíguo entre o atravessamento do sujeito pela ideologia e a possibilidade deste mesmo sujeito atuar de forma transformadora na sua realidade. Dessa forma, temos um movimento dialético em que o sujeito tem a linguagem imposta sobre ele, mas também apresenta a capacidade de atuar com e sobre ela.

O sujeito se forma como uma posição social, atravessada e marcada pelas estruturas. Podemos entender que o sujeito surge a partir da capacidade do indivíduo de atuar socialmente (RESENDE, 2006). No entanto, não é possível entendê-lo apenas como um ser social, é preciso reconhecer sua individualidade, que se entrelaça ao ser político. As emoções, intenções, pensamentos não surgem apenas no individual, são construções coletivas, histórico-culturais, atravessam cada um desde seu nascimento. Não há sujeito sem sua história pessoal, assim como ele se desmantelaria se não houvesse o coletivo para atravessá-lo e no qual atuasse

ativamente, Quando falamos da formação do sujeito e sua atuação no mundo, um caminho lógico, neste trabalho, parece ser associar tais estudos às biografias e autobiografias.

O estudo da ideia de sujeito por meio de distintas plataformas biográficas (livros, filmes, reportagens) pode oferecer uma visão da construção individual e seu desdobramento no desenvolvimento histórico-social. A realização das próprias ambições por meio da admiração de feitos de grandes personalidades se tornou uma manifestação recorrente na vida humana. Podemos considerar o sucesso de biografias e autobiografias como um forte exemplo da curiosidade humana pela vida, pelas pessoas e pela força individual na transformação de eventos históricos.

Paralelamente, questões relacionadas a grupos subalternizados moveram minhas pesquisas desde a graduação. Inicialmente, no Trabalho de Conclusão de Curso na graduação, trabalhei com feminismo me identificando com as opressões e a história de lutas e conquistas (BARROS, 2010). No entanto, na medida que meu percurso acadêmico se alongava compreendi que ser mulher não é igual para todas as mulheres, pois questões de raça, classe e orientação sexual atravessam a todas causando diferentes formas de marginalização. No mestrado (BARROS, 2019), foi quando trabalhei com o feminismo interseccional e comecei a compreender, ainda que de maneira inicial, a extensão do poder que nos submete e o qual utilizamos para submeter.

Neste estudo de doutoramento, tudo o que foi visto até então ganha novo enfoque, o feminismo interseccional, que engloba não apenas questões de gênero, mas de raça, classe e orientação sexual, é o crivo que utilizo para traçar meus pensamentos e análises. No entanto, hoje vejo também outras nuances, como a constituição da mulher não apenas como um corpo político, mas como um eu, que é atravessado por outros inúmeros eus, que não poderiam ser definidos para além de sua estrutura social, mas que escapam a uma mera definição estatística. Cautelosamente, me pergunto quem são as pessoas por trás do grupo subalternizado e sei que não há uma única resposta possível. No entanto, acredito que pelo auto-relato, ou na impossibilidade de seu fechamento, seja possível entrever traços de construção de si, assim como de resistência social e política a movimentos que buscam oprimir, marginalizar e apagar grupos simbolicamente minorizados.

Para este estudo, além de me interessar esta projeção coletiva idealizada do sujeito, a construção de si no discurso também é um foco. O interesse em

compreender como se dá a elaboração do sujeito dentro de sua própria narrativa, assim como daquela realizada por um outro, que de certa forma também é mediada pelo eu, destaca-se nesta busca teórica. Por isso, a escolha da biografia de Elza Soares, escrita por Zeca Camargo, mas declarada por ele mesmo ter sido desenvolvida "a quatro mãos".[1]

A partir dessa explanação, questiono: Pode existir uma relação entre o discurso de resistência e a impossibilidade de (auto) definição? Se sim, como podemos identificar tal fenômeno discursivamente? A partir dessa indagação busquei na biografia *Elza* (2018) caminhos para elucidar tais questionamentos. Talvez poucos (auto) relatos tenham a possibilidade de apresentar os atravessamentos do discurso de resistência de maneira tão aberta quanto o de uma mulher negra, pobre, que superou de forma expressiva sua realidade social original. A biografia, de 400 páginas, publicada em 2018 pela editora Leya, traz detalhes contados por Elza sobre sua própria vida, principalmente. Mas também complementa informações com memórias históricas, notícias e outros livros que tratam, diretamente ou indiretamente, a vida da cantora.

Foi nessa busca no livro *Elza* que a pergunta de pesquisa surgiu: Qual a relação entre a resistência discursiva e a construção do sujeito pela narrativa (de si) na obra biográfica *Elza*, de Zeca Camargo? A fim de responder tal questão, formulo o objetivo geral:

- Analisar o ato de relatar a si mesma como um processo dialético no livro *Elza*, com base em pressupostos da Análise Crítica do Discurso em consonância com estudos sobre resistência, poder e (auto) biografia.

E, claro, dentro disso, traço os objetivos específicos:

- Estabelecer a relação entre a ACD, a metodologia dialético-relacional e os recursos de significação a fim de embasar a análise discursiva;
- Explicitar os conceitos de biografia, autobiografia e seus enredamentos, atravessando história, política e sociedade;
- Definir resistência discursiva a partir dos conceitos de discurso, resistência e poder.

[1] Declaração dada por Zeca Camargo em Entrevista no programa Conversa com Bial. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6820616/> Acesso em: 25 ago. 2021.

Resistência é um conceito que pode carregar em si certa rigidez. Na psicanálise, nomeia-se resistência a recusa do sujeito à mudança, seja a cura de uma doença ou a de fato entrar em análise (BREUER; FREUD, 1987). No entanto, se utilizarmos a palavra resistência no sentido mais radical, de não se submeter ao que lhe é imposto, opor-se à norma que se movimenta continuamente no sentido de restringir, controlar e submeter sujeitos, ela pode ser libertadora, por assim dizer. E, por essa ótica, resistência, poder e discurso parecem se tornar três faces constituintes de uma mesma forma.

A adequação deste estudo ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (POSLING), na linha II - Discurso, Mídia e Tecnologia, pode ser justificada a partir da pergunta de pesquisa adotada: Qual a relação entre a resistência discursiva e a construção do sujeito pela narrativa (de si) na obra biográfica *Elza*, de Zeca Camargo?

A análise discursiva é o fio condutor deste trabalho, enquanto o livro é a mídia analisada, utilizada para a divulgação desta história, e é possível compreender tal mídia como uma forma de tecnologia, apesar de este não ser o foco da pesquisa. A busca por compreender a forma em que o sujeito se desenvolve e também é retratado por meio da escrita biográfica se alinha à proposta do programa e da linha de pesquisa citadas.

Para além da própria forma de desenvolvimento do livro, a história de Elza Soares dialoga com a história de milhares de brasileiras negras. Nasceu na pobreza, foi rebaixada e violentada pela sua cor, gênero e classe. Mas, diferentemente da história de muitas outras, conseguiu ascender pela arte, pela música, superando qualquer expectativa. E por que Elza conseguiu? A resistência parece ser uma constante em toda a sua história.

Unir as noções de resistência discursiva e a possibilidade de movimento subversivo na construção de si mesmo destoa de movimentos de resistência políticos, no sentido de que não atua necessariamente em regimes e estruturas políticas, mas sim com a ideia de retorno a si mesmo. No entanto, o discurso forma o mundo e é formado por ele, dialeticamente. Nessa racionalidade, ao atuar sobre si, o sujeito atua sobre sua construção de mundo. Portanto, compreender o desenrolar subjetivo na narração de si é também reconhecer as possibilidades de subversão e transformação no que o rodeia.

Portanto, a fim de alcançar o objetivo de analisar o ato de relatar a si mesma como um processo dialético no livro *Elza*, com base em pressupostos da Análise Crítica do Discurso em consonância com estudos sobre resistência, poder, e autobiografia, desenvolvo os seguintes capítulos:

1. Discurso, resistência e poder. Neste momento os conceitos descritos no título são desenvolvidos e aplicados ao que foi tratado até então. A proposta de iniciar com esse capítulo é oferecer embasamento para a compreenssão desse estudo, é aqui que conceitos como relato de si e resistência discursiva são apresentados, o que é essencial para acompanhar as análises seguintes;
2. ACD, conceitos e fundamentos teóricos e metodológicos. Neste capítulo, introduzo a teoria utilizada e também transcrevo as etapas e ferramentas metodológicas para a realização da análise;
3. As facetas do eu: sujeito, biografia e o relato de si. Este capítulo problematiza a formação do sujeito, sua narrativa e a possível subversão a partir da linguagem. Aqui também questiono sobre a dualidade na formação do sujeito, que em sua definição tanto se aprisiona, ou é aprisionado, quanto pode se libertar ou resistir;
4. Elza e a história das mulheres. Aqui, apresento a história de Elza relacionada a história da mulher brasileira, a partir do olhar do feminismo interseccional e da socialização feminina. É neste capítulo que a maior parte dos trechos do livro *Elza* são apresentados, desenvolvidos em subcapítulos que tratam sobre maternidade, relacionamentos, infância, pobreza e a carreira professional da cantora.

Em todos os capítulos apresento análise do material, seja para ilustrar um conceito ou simplesmente para demonstrar as camadas da narrativa do *corpus*. Tais análises são embasadas na Análise Crítica do Discurso, na metodologia dialética relacional de Fairclough (2009), nos sistemas discursivos desenvolvidos por Martin e Rose (2007), assim como em todos os conceitos trabalhados neste estudo.

1. DISCURSO, RESISTÊNCIA E PODER

A fim de conceituar a resistência discursiva como trabalhada nesse estudo, introduzo, neste Capítulo, as noções de discurso, resistência e poder. Apresento também outros conceitos basais para o desenvolvimento da análise a partir da Análise Crítica do Discurso, por meio da Teoria Social do Discurso (FAIRCLOUGH, 1999) e da metodologia Dialético-relacional (FAIRCLOUGH, 2020).

Foucault (2009, p. 105), ao discorrer sobre poder e suas nuances, afirma que "onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder". Entendo, portanto, que poder e resistência seriam duas faces da mesma moeda, só se resiste a um poder contrário, mas também é necessário certo poder para que se resista.

Quando pensamos em movimentos de resistência de grupos que sofrem alguma forma de subalternização, como o feminismo ou os movimentos sindicais de trabalhadores, podemos compreender que a luta travada por direitos foi feita contra um poder opressor vigente. No entanto, só é possível que esses grupos garantam, mesmo que gradualmente, seus direitos, porque possuem algum poder. No caso do movimento feminista, mulheres não apenas são metade da população mundial, mas possuem o poder reprodutivo sem o qual não há humanidade. Os movimentos trabalhistas possuem sua força de trabalho; sem trabalhadores não há produção, não há lucro para a elite econômica. Estes são exemplos sociais amplos, de força histórica, mas a mesma regra se aplica a situações individuais, como na biografia de Elza Soares, por exemplo.

Na adolescência, já com três filhos, Elza precisa encontrar meios para sustentar a família, o salário do marido era pouco e o seu também. Por isso, recorria ao jogo do bicho. Elza afirma: “Valia tudo para a gente sair daquela situação. (...) Jogava mesmo no bicho e ganhava dinheiro à beça.” (CAMARGO, 2015, p. 57). Enquanto existe a possibilidade de movimento, de ação, existe poder, e, por isso, é possível haver resistência. Elza era capaz de encontrar formas de se desvencilhar da realidade que a oprimia e, por meio de exemplos assim, a conexão entre o poder e a resistência se mostram presentes nesta obra.

1.1 DISCURSO DE RESISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DISCURSIVA

A fim de melhor desenvolver o tópico em questão, é importante trazer o conceito de discurso. Se, por vezes, discurso é traduzido como fala, texto, forma de comunicação, nesse estudo discurso segue outra abordagem. Foucault, em *Arqueologia do Saber* (2008), constrói uma noção de discurso que embasa Fairclough mais tarde. Para Foucault (2008, p. 133), discurso é "um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo-espaço, que definiram, em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa". Essa é uma ideia geral, que é complementada nos detalhes desta mesma obra:

> A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de alguma coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém a parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um "outro" discurso mais oculto. Recusa-se a ser "alegórica" (FOUCAULT, 2008, p. 157, sublinhado meu).

É nessa ideia de discurso como prática, destacada na citação acima, que traço o caminho para o conceito que nos interessa neste trabalho. Na obra *Discurso e Mudança Social* (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91), discurso é definido como "uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado".

Mais tarde[2], com o desenvolvimento da abordagem teórico-metodológica da Dialética-relacional, esse conceito recebe novo enfoque. Neste momento da teoria faircloghiana, o autor, em parceria com a linguista Lilie Chouliaraki, propõe uma definição revisada de discurso, como uma "dimensão das práticas sociais, que seriam constituídas também por elementos não discursivos como as crenças, valores, desejos, instituições e relações sociais" (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p.

[2] Apesar da edição brasileira citada de *Discurso e Mudança Social* ter sido publicada em 2001, originalmente a obra foi publicada em 1992, sete anos antes da publicação de Fairclough em parceria com Chouliaraki.

29). Essa ampliação propõe contemplar as possibilidades do sujeito, que não está fadado ao que é submetido, mas tem a possibilidade de atuar sobre o mundo de diferentes formas. A partir desta noção de discurso e dos conceitos de poder e resistência, é possível desenvolver e diferenciar os conceitos de discurso de resistência e resistência discursiva.

Por vezes, trabalhos que estudam discurso de resistência trazem esse conceito como autoexplicativo, presumindo que este surge a partir de uma posição assumida por um grupo oprimido em oposição a um opressor. No entanto, alguns estudos adotam e explicitam suas definições. Brait (2019, p. 253), por exemplo, ao estudar este tema na literatura, afirma que o discurso de resistência se caracteriza pela "capacidade de mobilizar vozes sociais" e que essa forma de discurso delimita alguém ou algo para se contrapor. Já a UNIPAMPA[3], ao definir a abordagem de análise do discurso de resistência do curso de Letras, traz a seguinte definição:

> (...) os discursos de resistências, assim no plural, considerando tanto os discursos que rompem com a ideologia burguesa dominante como aqueles discursos que rompem com saberes legitimados pelas leis ou direitos universais como os Direitos Humanos. Dessa forma, serão objetos de análise tanto os discursos de resistência à opressão, quanto os discursos que legitimam as opressões às minorias como os discursos de ódio às mulheres, aos homossexuais, aos negros etc.

Essa definição me interessa porque corrobora com o entendimento de resistência que aplico neste trabalho, e também com a ideia de Foucault apresentada. Resistir não é característica exclusiva de minorias simbólicas. Quando um grupo detentor de poder, por qualquer razão, considera que perde, mesmo que o mínimo, desse poder em algum aspecto, este vai resistir. Na minha primeira definição de resistência discursiva (BARROS, 2020) busco trazer exatamente esta posição, oferecendo a ideia de que a resistência discursiva atua por meio do discurso, e não necessariamente, ou exclusivamente, como uma reação física a um evento. Nesse estudo de 2020, conceituo resistência discursiva como um movimento de transformação de ideias, de sentido. No entanto, não diferencio este conceito de discurso de resistência, neste momento me proponho a isto.

[3] Definição utilizada na descrição do grupo de Análise de discurso de resistência do curso de Letras da Universidade Federal do Pampa UNIPAMPA. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/petletrasbage/analise-de-discursos-de-resistencias/> Acesso em: 16 ago. 2023.

Fairclough faz menção ao termo discurso de resistência em um momento na obra *Discurso e Mudança Social* (1999, p. 83) quando tece uma crítica ao desenvolvimento de Foucault sobre a capacidade transformadora do sujeito:

> Foucault certamente insiste que o poder necessariamente acarreta resistência, mas ele da a impressão de que a resistência é geralmente contida pelo poder e não representa ameaça. Isso pareceria acontecer assim, por exemplo, no que Foucault chama de 'discurso reverso' da homossexualidade. A preocupação com a homossexualidade nos discursos da psiquiatria e da jurisprudência do século XIX resultou em que a homossexualidade começasse a "falar em seu próprio nome... frequentemente no mesmo vocabulário, usando as mesmas categorias pelas quais era desqualificada na medicina" (1981: 101). Esse é, assim, um discurso de resistência que não vai além dos parâmetros de sua formação discursiva.

A fim de compreender melhor essa declaração é preciso oferecer mais clareza sobre o conceito foucaultiano de formação discursiva (FD):

> O conceito de FD regula, dessa forma, a referência à interpelação/ assujeitamento do indivíduo em sujeito de seu discurso. É a FD que permite dar conta do fato de que sujeitos falantes, situados numa determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido a dar às palavras (...). (BRANDÃO, 2004, p. 49).

Foucault (1969, p.135) afirma que “Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”. Essa ideia não necessariamente limita um discurso a características determinadas ou impele um conjunto de regras para que um discurso se aplique a uma formação discursiva. Mas compreende a prática da produção de sentido, das condições sociais, históricas e culturais que possibilitam que aquele enunciado tenha um significado e não outro.

Quando Fairclough (1999, p. 83) então afirma, ao apontar para a análise de Foucault: “discurso de resistência que não vai além dos parâmetros de sua formação discursiva”, elabora sua crítica a partir do que parece considerar uma forma limitada da possibilidade de transformação do sujeito. Isso porque se o discurso de resistência não rompeu com sua formação discursiva, manteve seu sentido, não foi capaz de romper com a significação que, em certa instância, oprime aquele mesmo grupo que pratica tal discurso. Mais tarde, essa elaboração de Fairclough impacta a forma que o autor vai entender a própria noção de discurso, numa busca por uma menor rigidez nas possibilidades do sujeito. É exatamente nesse aspecto que busco diferenciar discurso de resistência de resistência discursiva.

O que separa estes conceitos, mas não completamente, pois eles se entrelaçam em certas instâncias, é a forma que se estrutura a resistência discursiva. Para explanar com mais clareza essa posição, busco embasamento nas noções de discurso apresentadas nos estudos de Fairclough (2009) relacionados à abordagem dialética-relacional. Nesta obra, o autor define algumas formas em que o conceito de discurso é aplicado:

> (a) criação de sentido como um elemento do processo social, (b) a linguagem associada com um campo ou prática social específica (ex. 'discurso político'), (c) uma forma de construir aspectos do mundo associada a uma perspectiva social particular (ex. 'discurso neoliberal de globalização') (FAIRCLOUGH, 2009, p. 162-163, tradução minha).[4]

O discurso de resistência pode transitar, em diferentes níveis, nestas três definições. Podemos entender que o discurso de resistência é uma prática particular da linguagem, uma forma de construir aspectos do mundo e talvez até uma forma de criar sentido social. No entanto, a resistência discursiva está contida na definição (a) da citação acima, a qual Fairclough (2009, p. 163) nomeia também como semiose:

> A semiose é vista aqui como um elemento do processo social que está dialeticamente relacionado a outros – daí uma abordagem 'dialético-relacional'. As relações entre os elementos são dialéticas no sentido de serem diferentes, mas não "discriminadas", ou seja, não totalmente separadas. Podemos dizer que cada um "internaliza" os outros sem ser redutível a eles (Harvey 1996) – por exemplo, relações sociais, poder, instituições, crenças e valores culturais são em parte semióticos, eles "internalizam" a semiose sem serem redutíveis a ela. [5]

Nesse aspecto, o discurso, como entendo aqui, habita a semiose, a resistência discursiva, portanto, é dialética. Isso significa que os aspectos da resistência analisados nesse estudo são discursivos, mas não necessariamente se limitam a essa compreensão. Outras questões, que geralmente atravessam, mas não se limitam ao discurso, são consideradas nesta forma de resistência, como valores, crenças, culturas. Um aspecto não suprime o outro, mas eles se entrelaçam, por vezes em

[4] Do original: "(a) meaning-making as an element of the social process, (b) the language associated with a particular social field or practice (eg 'political discourse'), (c) a way of construing aspects of the world associated with a particular social perspective (eg a 'neo-liberal discourse of globalization')".

[5] Do original: "Semiosis is viewed here as an element of the social process which is dialectically related to others – hence a 'dialectical-relational' approach. Relations between elements are dialectical in the sense of being different but not 'discrete', i.e. not fully separate. We might say that each 'internalizes' the others without being reducible to them (Harvey 1996) – e.g. social relations, power, institutions, beliefs and cultural values are in part semiotic, they 'internalize' semiosis without being reducible to it.".

disputas, outras vezes cooperando em fins similares. Por isso, é importante, dentro da análise deste trabalho, aplicar o conceito neste entendimento. Mesmo sendo esta uma análise do discurso, é fundamental compreender que o *corpus* não é somente discursivo, é formado por outros elementos e, citando Fairclough (2009, p. 163), é preciso perguntar: “qual é a relação entre a semiótica e outros elementos?”. Ou seja, investigo aqui não apenas como se dá a resistência discursiva, mas qual a relação desta forma de resistência com as crenças, valores e culturas que atravessam o discurso.

A resistência discursiva se apresenta dialética não apenas na disputa de sentido dentro de si mesma, mas nos entrelaçamentos de sua atuação no e pelo sujeito. É possível resistir ao que está posto, ao que se opõe a nós em algum aspecto, mas há também a resistência subjetiva, aquela que se dá no sujeito ao resistir a sua própria oposição. Esta forma de resistência se aproxima àquela teorizada na Psicanálise, que é definida como "tudo o que, nos atos e palavras do analisando, se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente" (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 595-596). Importante salientar aqui que, como na visão lacaniana, entendo inconsciente como discursivo, portanto, socialmente estruturado. Logo, mesmo na subjetividade, retorno ao social, o subjetivo e o coletivo se entrelaçam dialeticamente.

A fim de compreender ainda mais esse movimento dialético, retorno a Bakhtin, que influencia Fairclough também na construção do conceito de dialética. Bakhtin (2004), ao abordar o aspecto dialético da comunicação, descreve o movimento da enunciação como subjetivo ao ser formado por aquele que enuncia, social quando é exposto e passa por um movimento de subjetivação novamente ao ser ouvido e interpretado por alguém. Mas essa transmissão de sentido não é linear. Para o autor, na palavra “se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais” (BAKHTIN, 2004, p. 66).

Esse esclarecimento se faz importante nesta tese por duas razões: a primeira delas seria porque é possível compreender, a partir da noção dialética do discurso, não apenas como se dão os discursos de resistência, mas como é possível que escapem a seu sentido primário para serem transformados. Afinal, os sentidos disputam seu espaço na linguagem, tanto no sujeito, de forma subjetiva, quanto socialmente, a partir de diferentes atravessamentos. A segunda razão pela qual interessa essa visão de Bakhtin, seria pelo próprio conceito de relato de si aplicado

nesse estudo. Quando disputamos sentidos internamente e externamente, como será possível criar um relato que descrevesse com exatidão aquilo ou quem se é? Relatar a si mesmo surge como um conceito dialético, no qual surgem disputas de sentido e ideias de si mesmo, seja na narrativa de memórias ou na própria construção que segue à frase “eu sou”.

1.2 IDEOLOGIA E DISPUTA DE PODER

A arena da disputa de sentidos seria a mesma na qual o poder é disputado. É possível até afirmar que possui poder aquele que controla o sentido, como Foucault nos traz em a *Ordem do discurso* (1996). Nesta obra, Foucault (1996) trata do que nomeia como procedimentos de exclusão, os quais controlariam, por assim dizer, o que, quem e como algo poderia ser legitimado. Mas, para abordar esse tema, é necessário tratar do conceito de ideologia utilizado nesta tese.

Fairclough (2001) compreende ideologia como formadora da realidade como a percebemos, atuando não apenas como uma visão de mundo dos sujeitos, mas na forma com que atuamos e nos relacionamos. Essa é uma noção ampla, que se forma a partir do estudo do autor de teóricos anteriores, como Bakhtin e Althusser. Bakhtin (2004, p. 31) já afirmava que:

> Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia.

Ao tratarmos de poder e resistência falamos também de signos, de representações, de significado, tudo isso nos remete à construção ideológica que perpassa o sujeito. Se nossa compreensão, nossa leitura de mundo, está, por assim dizer, atravessada pela ideologia dominante, na maior parte do tempo nossas práticas replicam exatamente a mesma lógica ideológica. Portanto, é importante questionar até que ponto a resistência discursiva poderia atuar em oposição à ideologia dominante sem, em determinada instância, aderir a ela, mesmo que sutilmente.

Althusser, em sua obra *Os Aparelhos ideológicos do Estado* (1971), traçou os mecanismos ideológicos que atravessam o sujeito para que este se conforme à

ideologia vigente, como os meios escolar, judiciário, religioso e até o familiar. O autor afirma que tais mecanismos são capazes de oferecer a compreensão de que as ideias dominantes são as únicas possíveis, eles se reforçam paralelamente, corroborando a ideologia dominante. No entanto, o sentido não é linear, como já falamos, e o sujeito não é um quadro em branco. Fairclough (2001, p.117), ao referenciar Althusser como um dos precursores de seu estudo sobre ideologia, também destaca tal crítica:

> Particularmente, o trabalho de Althusser contém uma contradição não-resolvida entre uma visão de dominação que é imposição unilateral e reprodução de uma ideologia dominante, em que a ideologia figura como um cimento social universal, e sua insistência nos aparelhos como local e marco delimitador de uma constante luta de classe cujo resultado está sempre em equilíbrio. Com efeito, é a visão anterior que é predominante, havendo marginalização da luta, da contradição e da transformação.

O autor novamente faz uma crítica sobre uma visão limitadora do sujeito, agora dentro de uma perspectiva ideológica. Antes, como apresentei, Fairclough criticou a limitação na visão de discurso de resistência em Foucault. No entanto, não há uma visão ingênua de Fairclough sobre as possibilidades de transformação do sujeito. O que existe em suas críticas é a busca pelo reconhecimento do potencial de transformação da própria realidade, coletiva e subjetiva. Esse ponto nos interessa para este estudo. No livro *Elza* (2018), a cantora é apresentada como um grande símbolo dessa forma de transformação, subverteu sua realidade dentro das circunstâncias mais adversas possíveis: negra, pobre e mulher. Camargo (2018, p. 30) destaca essa força subversiva de Elza, capaz de transformar as circunstâncias a sua volta:

> **EXCERTO 01**
> A cabeça para cálculos está boa até hoje – Elza soma sem precisar de uma maquininha. Já a coluna, que sustentava aquela lata d'água na cabeça, com os anos, está longe de ser o que já foi. Seu corpo sofreu muitos revezes com o passar do tempo – plásticas, tombos, surras, quedas, fraturas, fora as dores, que eram do coração, mas que se faziam sentir na carne. E ela foi aprendendo a se adaptar a tudo isso. Sem nunca perder o cuidado com a aparência – algo que, tão bem quanto fazer contas, aprendeu desde pequena. E Elza sabia que isso faria a diferença na hora que ela tivesse que encarar o mundo.

A relação entre poder e ideologia parecem se entrelaçar continuamente; Fairclough (2001 p.116) disserta o seguinte acerca do conceito deste conceito:

> As bases teóricas que tenho em mente são três importantes asserções sobre ideologia. Primeiro, a asserção de que ela tem existência material nas práticas das instituições, que abre o caminho para investigar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia. Segundo, a asserção de que

> a ideologia 'interpela os sujeitos', que conduz a concepção de que um dos mais significativos 'efeitos ideológicos' que os linguistas ignoram no discurso (segundo Althusser, 1971: 161, n. 16), é a constituição dos sujeitos. Terceiro, a asserção de que os 'aparelhos ideológicos de estado' (instituições tais como a educação ou a mídia) são ambos locais e marcos delimitadores na luta de classe, que apontam para a luta no discurso e subjacente a ele como foco para uma análise de discurso orientada ideologicamente.

A partir do que foi exposto, é possível compreender, principalmente, o cunho material da ideologia por meio do discurso, e também possibilitar o reconhecimento e, possivelmente, a mutação ou subversão da ideologia vigente. Se, por um lado, os sujeitos se enredam em suas ideologias, aparentemente incapazes de se distanciar, por outro também constantemente as transformam, oferecem um outro caminho, nem sempre oposto, mas, por vezes, não previsto pela lógica hegemônica.

Ao tratar sobre poder e ideologia, compreendo como, em certa medida, tais conceitos podem se reforçar mutuamente. Via de regra, a ideologia dominante oferece a manutenção do que já é conhecido, daqueles que já possuem o poder hegemônico e das ideias que os cercam. Por outro lado, como também o poder não está centralizado e aglomerado, ele se dispersa, em diferentes formas e intensidades entre os sujeitos.

> Dizendo poder, (...) não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre o outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro. A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 1993, p. 88-89)

Foucault entende poder como este corpo fluido que atravessa os sujeitos, que não necessariamente exclui ou inclui, mas oferece possibilidades de opressão, resistência, luta e também ambiguidade. No entanto, admite que sua forma dura, que, inclusive, é capaz de conduzir histórias, culminam em poderes dominantes, como o Estado. Retornando então ao que este autor trata como procedimentos de exclusão (FOUCAULT, 1996), estes seriam métodos de reger o discurso e também controlar a distribuição de poder.

Os procedimentos de interdição e exclusão definem o que pode ser dito e quem pode dizer, enquanto a vontade de verdade legitima ou não o que se diz. Todos são controlados e direcionados institucionalmente, por aqueles que possuem o poder hegemônico, ou seja, quem controla as forças que conduzem a sociedade, seja economicamente, juridicamente ou politicamente. Teoricamente, parece não existir o que possa romper com essa estrutura, mas na prática as transformações não respeitam leis humanas, e essas próprias leis entram em conflito em suas contradições. A construção do sujeito se dá por diferentes atravessamentos e, mesmo se adequando a formações, inclusive discursivas, os enredamentos não possuem resultados previsíveis em sua totalidade.

1.3 SUJEITO, SUBJETIVAÇÃO E SUJEIÇÃO

Althusser (1971) traz a interpelação como a forma de formação do sujeito. Esta se dá pelo atravessamento de uma voz de autoridade, ao ser interpelado por uma espécie de ordem o indivíduo se reconheceria, entenderia sua posição social e, supostamente, se sujeitaria a ela. A crítica de Fairclough (2001) a esta lógica está nessa linearidade fatalista de que aquilo que atravessa o sujeito também o forma, quando as nuances parecem ser inúmeras. Butler (2019, p.14) faz uma crítica similar a essa forma de sujeição exposta por Althusser:

> No exemplo infame oferecido por Althusser, um policial chama um transeunte na rua, ao que se vira e se reconhece como aquele que é chamado. A interpelação – a produção discursiva do sujeito social – acontece nessa troca pela qual o reconhecimento é oferecido e aceito. É importante destacar que Althusser não diz nada que explique por que o indivíduo se vira, aceitando a voz que o interpela e a subordinação e a normatização que essa voz impõe.

Caso esse atravessamento ideológico formador do sujeito, que o enreda e se impõe a ele, fosse inevitável, nenhuma transformação social seria possível. Se o sujeito se formasse simplesmente a partir daquilo que o submete, seria extremamente improvável que pudessem existir subversões. Mas, claro, os estudos e teorias do sujeito se desenrolaram, de Freud a Foucault, psiquicamente e socialmente, diferentes abordagens que demonstram as possibilidades no movimento de sujeição, inclusive transformações que vão de encontro a esse movimento.

Foucault, em suas pesquisas mais avançadas, traz a noção da subjetivação para conceituar a formação do sujeito, que utilizaria tecnologias que contemplam o

poder, mas não exclusivamente. O autor conceitua subjetivação a partir de duas definições, a primeira seria a subjetivação como sujeição, que se daria a partir de uma forma de controle ou de certa dependência. Outra definição para o termo seria estar sujeito a sua própria identidade pela consciência ou conhecimento de si (FOUCAULT, 1982). Independentemente da definição adotada, o autor associa a formação do sujeito por alguma forma de sujeição, seja por um outro ou pela própria formação da consciência.

> Ora, o que constitui o sujeito numa relação consigo determinada são justamente técnicas de si historicamente referenciáveis, que se compõem com técnicas de dominação, também elas historicamente datáveis. De resto, o indivíduo-sujeito emerge tão-somente no cruzamento entre uma técnica de dominação e uma técnica de si. Ele é a dobra dos processos de subjetivação sobre os procedimentos de sujeição, segundo duplicações, ao sabor da história, que mais ou menos se recobrem (FOUCAULT, 2006, p. 637).

Para esse autor, a consciência de si não foge à ideologia ou às formações discursivas, o mesmo se dá no processo de dominação. Esse enredamento histórico-ideológico, que coopera e subjetiva, opera também a partir da auto-definição. É possível afirmar que o processo de subjetivação se dá a partir da linguagem, o sujeito se forma na linguagem. O poder, a interpelação, a ideologia são alguns dos processos que atuam discursivamente sobre e por meio do sujeito, podem tanto o submeter quanto oferecer a possiblidade de subversão.

Penso poder na perspectiva de Foucault, como disperso e não centralizado, não como um simples reflexo hegemônico. No entanto, sua concentração é diretamente afetada pela ideologia vigente. Portanto, a ideologia não gera o poder, mas pode definir onde se concentra com mais ou menos intensidade.

Na contracapa da obra em análise nesta tese, há uma afirmação de Elza Soares (CAMARGO, 2018): “Eu quero ter o direito de estar buscando isso ou aquilo. Quero andar, comer, dormir, amar, cantar. Ter isso, para mim, é que é o verdadeiro poder”. A liberdade de atuar sobre sua própria vida significa poder para a cantora e também aplico esta definição nesse estudo. Se a ideologia e o poder, na subjetivação, atravessam, submetem, interpelam, é também nesse mesmo processo que é possível romper limitações e subverter uma lógica de submissão.

1.4 O SUJEITO NO RELATAR A SI MESMO

Biografias e autobiografias contam a história de um personagem da vida real. No caso do livro *Elza* (CAMARGO, 2015) esses dois gêneros se mesclam. Ora Camargo conta a história de Elza se baseando em entrevistas e registros históricos, ora a cantora relata em citação direta fatos sobre si e sua história. Essa construção nem sempre é bem definida. Apesar das pontuações, por vezes é possível ler Camargo complementar uma reflexão de Elza, ou ainda interpretando um acontecimento relatado nas memórias da cantora. Por exemplo:

> **EXCERTO 02**
> "A senhora se lembra de uma menina que trabalhava aqui e que também se chamava Elza?" A ex-patroa disse que se lembrava sim, e Elza respondeu rápido. "A senhora não se lembra não, porque aquela Elza sou eu." Silêncio. (...) "(...) Depois do desabafo eu só pensava em sair dali e depressa." Só quando chegou à rua, Elza desabou no choro. (...) "Eu comecei a me perguntar de que valia tudo aquilo, eu ter feito aquilo com aquela mulher, ter deixado ela me mostrar a casa como se eu fosse uma visita ilustre. Que besteira... eu entrando de madame ali naquela sala... Pra quê?" Vingança? (CAMARGO, 2018, p. 131-132)

Essa citação é parte de um relato que se mostra importante na biografia quando, depois de famosa, Elza vai confrontar uma antiga empregadora que a humilhava e, naquele momento, era fã da cantora. Ao fim da citação direta, Camargo responde uma pergunta retórica feita por Elza: "Pra quê?" Vingança?.

Identificar esse movimento do autor é importante para a compreensão sobre como se dá o processo de relatar a si mesmo neste livro. As visões a respeito não apenas das memórias, mas da cantora em si são atravessadas tanto pela voz do autor, quanto pela voz de Elza, ressaltando ainda que esta última sempre é atravessada pelo autor, mesmo que indiretamente, pois é ele quem seleciona o que deve ou não ser incluído no texto final, sendo o autor do livro. Dito isso, o ato de relatar a si mesmo apresentado no *corpus* é analisado buscando, também, as nuances das vozes que atravessam esse material. Seja a voz de Camargo, de Elza ou ainda aquelas que perpassam o discurso materializado no texto, que podem ressoar ideologias que resgatam ou se opõem a movimentos como o machismo ou o racismo. É importante observar também que Butler define os limites e atravessamentos do processo de relatar a si mesmo e de contar uma história da sua própria vida.

> (..) o tipo de narrativa exigido quando fazemos um relato de nós mesmos parte do pressuposto de que o si-mesmo tem uma relação causal com o sofrimento dos outros (e, por fim, pela má consciência, consigo mesmo). Decerto, nem toda narrativa assume essa forma, mas uma narrativa que responde à alegação deve, desde o início, admitir a possibilidade de que o si-mesmo tenha agência causal, mesmo que, em dada situação, o si-mesmo não tenha sido causa do sofrimento (BUTLER, 2019, 16).

Nesse aspecto, o relatar a si mesmo implica a noção de que o 'eu' se constrói na relação com o outro, ou os outros. Esse é o fundamento principal desse conceito. Ao relatar a si mesmo, seja de maneira direta ou não, o sujeito apresenta esse processo de construção de si na interação com o outro, ou ainda, isso é demonstrado no processo de relatar, mesmo sem que essa conclusão seja necessariamente explícita.

Retornando a Althusser e Foucault, Butler (2019) trata a interpelação como uma espécie de gatilho para a ação de relatar a si mesmo. A provocação de um outro atravessa o sujeito que fala, pronuncia sua existência. No **EXCERTO 02**, a autora demonstra como o relatar a si mesmo se apresenta como uma resposta. No trecho do livro *Elza*, apresentado no início dessa seção, é possível identificar esse diálogo consigo mesma, atravessado pela interação com um outro. Nessa reflexão, Elza se questiona e coloca sobre si a culpa e o sofrimento que atravessam aquele momento:

> "Eu comecei a me perguntar de que valia tudo aquilo, eu ter feito aquilo com aquela mulher, ter deixado ela me mostrar a casa como se eu fosse uma visita ilustre. Que besteira... eu entrando de madame ali naquela sala... Pra quê?" Vingança? (CAMARGO, 2018, p. 132)

Para tratar do ato de relatar a si mesmo, Butler (2019) discorre sobre o processo de subjetivação a partir de um diálogo com Foucault, Adorno, Nietzsche e outros pensadores. A autora parte do princípio de que questionamentos relacionados a nossas ações no mundo devem ser precedidos pela questão de quem é esse "eu" que age e se coloca. A reflexão se inicia a partir da concepção de um sujeito não-cartesiano. O sujeito, para a autora, se forma na ação, não no pensamento, este viria depois do ato.

Alinhado a essa mesma lógica, Fairclough (2001, p. 170) afirma: "a intertextualidade e as relações intertextuais constantemente mutáveis no discurso são centrais para a compreensão dos processos de constituição do sujeito.". Se a intertextualidade é mutável e central na formação do sujeito, o sujeito em si é mutável, essa formação na verdade se apresenta como uma constante transformação.

Compreender a formação do sujeito na ação e centrada na intertextualidade que, por sua vez, é mutável, implica a transformação constante deste sujeito. A ação e, portanto, o sujeito, transforma-se constantemente. É possível afirmar até que agir sobre o mundo é um processo em desenvolvimento constante, que nunca se finda em si mesmo. Pode-se dizer, portanto, que, nas concepções de Butler (2019) e Fairclough (2001), o sujeito não poderia ser definido de maneira definitiva antes do ato comunicacional, pois se forma na relação intertextual, por ações que não se esgotam e não cessam em serem praticadas. Se a ação não cessa, mas continua em inúmeros movimentos, transformando-se, assim é a materialidade, assim é o sujeito.

Neste aspecto, o sentido está entrelaçado à não-fixidez da materialidade. Como os sentidos estão sempre em disputa, pois não são fixos e se transformam, seria impossível que o mesmo não se desse na concepção do sujeito. Como poderíamos fixar a ideia do “eu sou” se os próprios sentidos que permeiam o sujeito não são permanentes, mas mutáveis?

Fairclough (2001) compreende o discurso como uma prática social e “entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-lo como um modo de ação historicamente situado” (RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 27). Portanto, é possível identificar que o que Butler (2019) define como ação é também o discurso como prática social. Se o discurso para este autor é prática social e, se para Butler, o sujeito se faz na ação, na prática, é possível compreender o sujeito como discursivo. Butler (2019) ainda desenvolve a noção de sentido por meio da concepção de performatividade aliada à historicidade. Para a autora, a ação, ou melhor, o sentido da ação não se restringe à ação em si ou ainda ao momento de sua prática, o sentido não apenas é atravessado pelas concepções daqueles envolvidos no momento, mas pelo momento histórico. O sentido se forma na ação, por aquele que a pratica, pelos outros, pelo que o antecedeu e pelo que o sucede. Portanto, o sentido se transforma constantemente.

1.5 RESISTIR E SE SUBMETER NO ATO DE RELATAR A SI MESMO

No início desse Capítulo, a dialética foi apresentada a partir de Bakhtin e Fairclough, nos atravessamentos discursivos. No processo de relatar a si mesmo este conceito se mantém presente. A dialética de Hegel é recuperada por Butler (2019) a fim de debater a fixidez dos conceitos e das nomeações. Hegel busca demonstrar, a

partir do seu conceito de dialética, a forma da racionalidade. A partir de uma ideia de tese, antítese e síntese, Hegel faz uma representação espiral de como se formam a ideias, teorias e conceitos, que nunca se findam em seus significados.

> No sentido mais especulativo, o modo do ser-aí de um conceito e sua determinidade são uma e a mesma coisa. Mas é de se notar que os momentos, cujo resultado é uma forma ulteriormente determinada, precedem a ele enquanto determinações conceituais no desenvolvimento científico da ideia, mas não o precedem enquanto configurações no desenvolvimento temporal. Assim a ideia, tal como determinada enquanto família, tem por pressuposto as determinações conceituais de que ela será a exposição no que segue como resultado. Mas que esses pressupostos internos já estejam presentes ali por si mesmos, enquanto configurações, enquanto direito de propriedade, contrato, moralidade etc., esse é o outro aspecto do desenvolvimento que não elevou seus momentos a esse ser-aí próprio de figuras, senão a um grau mais elevado de realização de sua cultura. (HEGEL, 2010, p. 74-75).

A partir do conceito de família, Hegel demonstra que a formação de um conceito precede seu momento de uso, e também o ultrapassa. A história e a cultura oferecem a noção precedente para a aplicação de uma ideia, mas não são capazes de limitar seu significado. O uso pode transformar o sentido, que depois pode ser refutado novamente, transformando-se, de maneira espiral.

Esse conceito de dialética é aplicado por Butler (2019) ao analisar as noções de moral e ética, mas também embasa o processo de relatar a si mesmo ou o de reconhecimento de si:

> Na verdade, se seguirmos a *Fenomenologia do Espírito*, sou invariavelmente transformada pelos encontros que vivencio; o reconhecimento se torna o processo pelo qual eu me torno outro diferente do que fui e assim deixo de ser capaz de retornar ao que eu era. Desse modo, há uma perda constitutiva no processo de reconhecimento, uma vez que o “eu” é transformado pelo ato de reconhecimento. Nem todo seu passado é apreendido e conhecido no ato de reconhecimento; o ato altera a organização do passado e seu significado ao mesmo tempo que transforma o presente de quem é reconhecido. O reconhecimento é um ato em que o “retorno a si mesmo” torna-se impossível também por outra razão. O encontro com o outro realiza uma transformação do si-mesmo da qual não há retorno. (BUTLER, 2019, p. 41)

Para a autora o sujeito se forma na interação ou na provocação do outro, ao ser citado ou interpelado, ele se reconhece no que é e age a partir dessa noção, portanto, o sujeito se faz na ação ou na reação. Não há um alguém, uma essência, que precede e pratica aquela ação, o ato é o sujeito. Portanto, a partir dos atravessamentos passados, conceituais, noções histórias, é na ação que o sujeito se forma. E a ação se transforma, não pode ser fixada a um ou mais conceitos, logo, o

sujeito não é necessariamente, ele se forma em cada ação praticada, não necessariamente aleatória, mas também não necessariamente previsível.

É nesse processo de formação do sujeito pela ação que a autora também reforça seu conceito de performatividade. Se o sujeito se faz na ação, é também performativo; as formas com as quais atua no mundo constroem a noção de si, mesmo que estas não sejam permanentes. Para Butler (2019), isso atravessa diferentes características que constituem a noção de si, que vão de definições de gênero à ideia de identidade.

No entanto, a dialética do ato de relatar a si mesmo não perpassa apenas a impossibilidade do auto relato, mas os movimentos possíveis de serem feitos no processo. Ao relatar a si mesmo o sujeito pode subverter o que foi colocado sobre ele, subverter seu passado, a norma hegemônica, as expectativas sociais que confinam seu corpo. Por outro lado, é possível que, no mesmo movimento, o sujeito seja submetido a uma lógica que busca seu apagamento. Para Butler (2019), o relatar a si mesmo se faz tanto como uma ética da responsabilidade, quanto uma ética da violência. Ao se reconhecer como sujeito na ação, este se responsabiliza por suas práticas, pela sua posição no mundo, mas também pode ser colocado sob violência a partir de um olhar hegemônico.

Para Elza, por exemplo, ser reconhecida como uma mulher negra que sobreviveu à miséria, pode ser tanto fonte de resistência como objeto de racismo, e isso é mostrado na sua biografia. Ao se reconhecer como mulher negra ela assume tanto sua força como compreende a discriminação que sofria. A ironia nesse cenário é que a discriminação não se dissipa no seu não-reconhecimento de si mesma, mas a sua força está exatamente na possibilidade de relatar a si mesma, abrangendo a visão do outro, mas não se limitando a ela.

Compreender os aspectos da formação do sujeito, assim como os atravessamentos de conceitos como hegemonia e ideologia que se dão nessa formação se apresentam como fundamentais para o desenvolvimento da análise em questão. Além disso, conceituar resistência discursiva e demonstrar como esta se desenrola no processo de relatar a si mesmo são movimentos que introduzem o caminho em direção à resposta da pergunta de pesquisa: como se dá o ato de relatar a si mesmo como um processo dialético no livro *Elza*, com base em pressupostos da Análise Crítica do Discurso em consonância com estudos sobre resistência, poder e autobiografia?

No capítulo seguinte, introduzo os caminhos teóricos sobre discurso e metodológicos que conduzem a análise do material de pesquisa e complementam o embasamento necessário para o desenvolvimento desta tese.

2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E CONCEITOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, explicito resumidamente o percurso teórico da Análise Crítica do Discurso a fim de situar o estudo, a abordagem utilizada e os conceitos apresentados. É neste capítulo que importantes conceituações para este trabalho, como hegemonia e ideologia, são apresentadas na perspectiva da análise discursiva, assim como os sistemas de análise utilizados e a forma como estes são aplicados neste estudo.

2.1 CONCEITOS E FUNDAMENTOS

Esta é uma pesquisa qualitativa que se apoia teórica e metodologicamente na Análise Crítica do Discurso (ACD) para seu desenvolvimento. A ACD surge a partir de relevantes estudos do século XX, o que inclui conceitos e racionalizações desenvolvidas por Mikhail Bakhtin. A partir do conceito de dialogismo do autor, é formada a ideia da formação dialógica do discurso utilizada na ACD. O discurso nunca é linear, límpido e estritamente lógico, mas permeado por vozes, ideias, saberes que se enredam e se formam para além da previsibilidade e da aleatoriedade.

> Essa noção de várias vozes, que se articulam e debatem na interação, é crucial para a abordagem da linguagem como espaço de luta hegemônica, uma vez que viabiliza a análise de contradições sociais e lutas pelo poder que levam o sujeito a selecionar determinadas estruturas linguísticas ou determinadas vozes, por exemplo, e articulá-las de determinadas maneiras num conjunto de outras possibilidades (RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 19).

Compreender o discurso como dialógico e, logo, os enredamentos possíveis de ideias e saberes dentro dele, é também reconhecer possíveis disputas de poder que atravessam conceitos como ideologia e hegemonia. Se as vozes se atravessam, as ideias se cruzam, os saberes se contradizem, o que prevalece? Por que uma ideia é capaz de se sustentar como verdade e outras não? Esta é uma das questões que surgem a partir do reconhecimento da formação dialógica do discurso.

A partir da década de 1970, com os estudos de Haliday, além da teoria bakhtiniana, entende-se a linguagem como uma prática social. Mais tarde, na ACD, o discurso é visto dessa forma.

> Halliday identificou três metafunções linguísticas que estão continuamente interconectadas: primeiro, a função ideacional, através da qual a linguagem estrutura a experiência (a estrutura ideacional mantém uma relação dialética com a estrutura social, tanto a refletindo quanto a influenciando); segundo, a função interpessoal, que constitui relações entre os participantes; e terceiro, a função textual, que constitui a coerência e a coesão nos textos (WODAK, 2004, p. 232-233).

A Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday, influencia profundamente os estudos da ACD ao relacionar gramática e o contexto social. As metafunções, inclusive, embasam os sistemas discursivos desenvolvidos por Martin e Rose (2007), dos quais tratarei a frente.

Ao fim dos anos de 1980, surgem publicações relacionando linguagem e poder, como *Language and Power,* de Norman Fairclough. Essa abordagem crítica traz consigo conceitos como discurso, texto e ideologia, que passam a atuar na aplicação da análise. Para além disso, linguagem e poder, tema desta obra dos anos 80, possuem uma relação que permeia as discussões da Análise Crítica do Discurso em suas diferentes fases:

> Para a ACD, a linguagem não é poderosa em si mesma – ela adquire poder pelo uso que os agentes que detêm poder fazem dela. Isso explica porque a LC [6] com frequência adota a perspectiva dos que sofrem, e analisa criticamente a linguagem daqueles que estão no poder, que são responsáveis pela existência de desigualdades, e que também dispõem dos meios e oportunidades para melhorar as condições gerais (WODAK, 2004. p. 236).

Em 1991, a Análise Crítica do Discurso foi apresentada oficialmente como disciplina, a partir de um simpósio, com a presença de Teun van Dijk, Theo van Leeuwen, Norman Fairclough, Gunther Kress e Ruth Wodak (CASTILHO, 2013).

A partir deste momento, diferentes abordagens da ACD surgiram. Fairclough (1992) foi quem desenvolveu a primeira aplicação teórico-metodológica da disciplina, demonstrando passos de análise e caminhos para a aplicação da teoria. Este autor também trata da importância da transdisciplinaridade para a ACD, que não apenas dialoga com outras disciplinas, mas aplica diretamente conceitos e saberes destas no desenvolvimento da análise. Nesta tese, me aproximo resistência, resistência discursiva, biografia, relato de si e outros mencionados no capítulo anterior, que se apresentam importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

[6] Em seu texto, Wodak utiliza ACD e LC como sinônimos.

Um conceito-chave para abordagem de Fairclough que se mostra essencial para este estudo é o de prática social:

> A concepção de práticas sociais nos permite combinar as perspectivas de estrutura e de ação – uma prática é, por um lado, uma maneira relativamente permanente de agir na sociedade, determinada por sua posição dentro da rede de práticas estruturada; e, por outro, um domínio de ação social e interação que reproduz estruturas, podendo transformá-las. Todas são práticas de produção, arenas dentro das quais a vida social é produzida, seja ela econômica, política, cultural, ou cotidiana (FAIRCLOUGH. 2012, p. 308-309).

A relevância da prática social no desenvolvimento teórico do autor se comprova também a partir da concepção tridimensional do discurso, a qual apresenta a prática social englobando a prática discursiva que, por sua vez, incorpora o texto (FAIRCLOUGH, 1992). Este modelo define discurso como prática, inseparável do cotidiano, da linguagem, do sujeito em si.

Foucault é um dos autores que mais influenciou o percurso teórico de Fairclough na ACD. Tópicos desenvolvidos por Foucault, como as interdições e a formação do discurso são essenciais para o desenvolvimento da Teoria Social do Discurso, de Norman Fairclough. Durante o desenvolvimento de sua teoria, Fairclough (2001, p. 81) aponta cinco contribuições sobre o discurso nos trabalhos de Foucault.

> 1. a natureza constitutiva do discurso - o discurso constitui o social, como também os objetos e os sujeitos sociais;
> 2. a primazia da interdiscursividade e da intertextualidade - qualquer prática discursiva é definida por suas relações com outras e recorre a outras de forma complexa.
> (…)
> 3. a natureza discursiva do poder - as práticas e as técnicas do biopoder moderno (por exemplo: o exame e a confissão) são em grau significativo discursivas;
> 4. a natureza política do discurso - a luta por poder ocorre tanto no discurso quanto subjacente a ele;
> 5. a natureza discursiva da mudança social - as práticas discursivas em mutação são um elemento importante na mudança social.

Essas cinco contribuições também são de grande importância para este trabalho. Compreender o cunho social do discurso, não como uma fonte de criação unilateral, mas atuante em uma relação dialética, assim como a natureza discursiva do poder, talvez seja o ponto chave para reconhecer a possibilidade da não exclusividade do poder. Se o discurso não apenas forma o social, mas em uma espécie de enredamento também é formado por ele, o mesmo movimento se dá com o poder. O poder emana do discurso, assim como o atravessa e o enreda, não há

monopólio ou linearidade no discurso, assim como não há no poder. De forma alguma afirmo que discurso e poder se apresentam iguais em forma ou potência em todas as instâncias. No entanto, discurso e, portanto, poder, atravessam a todos.

Este alinhamento pode se fazer importante para um vislumbre da mudança social. Compreender poder como discursivamente construído, e discurso e poder como enredamentos sociais, traz como desdobramento inevitável a mudança social. Mudança social não apenas no sentido de político-democrático, mas como a inevitável transformação da sociedade, que acontece em pequenas ou grandes proporções a todo momento. Esse tema se aproxima da história de Elza Soares no sentido em que as nuances do poder em suas diferentes intensidades perpassam a vida da cantora. Seja como empregada doméstica ou como um cantora renomada, Elza utilizou o poder que possuía em cada momento da vida para transformar sua realidade ou conquistar aquilo que desejava.

A fim de compreender melhor este desenvolvimento é importante também trabalhar outros dois conceitos caros na obra faircloghiana: hegemonia e ideologia. Sobre hegemonia, Fairclough ([1992]:2001, p. 122) faz uma revisão de Gramsci para trazer o conceito:

> Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um 'equilíbrio instável'. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento.

Ao tratar sobre hegemonia, o autor enfatiza a formação da aliança de grupos econômicos. Parece existir um acordo silencioso da manutenção do poder hegemônico e a disputa desse poder fica entre grupos e alianças já definidos, que apenas trocam entre si, mas muito pouco é mudado de forma sustentável para a maior parte da população. No Brasil, por exemplo, tivemos no poder por quatorze anos um partido considerado até então de esquerda. Claro, mudanças aconteceram, mas não abrangentes o bastante para que a lógica do poder se altere, apenas o bastante para ampliar o acesso econômico e benefícios sociais à população. No entanto, no momento em que um poder contrário assume o poder, toda mudança pode ruir, pois não bastaria implementar medidas sociais, seria preciso abolir a necessidade de um poder hegemônico em si mesmo.

Outro conceito que adoto é o de ideologia. Fairclough (2001, p.117) parte de uma crítica à forma verticalizada da ideologia althusseriana e define o conceito como "significações/construções da realidade (...), construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.".

Pensar ideologia é também estudar as camadas do mundo e tudo à sua volta. Das palavras aos números, tudo são construções humanas e nenhuma delas pode ser considerada puramente neutra. Desde as escolhas cotidianas simples sobre qual cor de roupa gostar, até decisões políticas que implicam milhões de pessoas, a ideologia permeia tudo com menor ou maior intensidade.

Ao associarmos os conceitos de hegemonia e ideologia temos o retrato da forma política que governa todos os povos ditos civilizados. Se por um lado o grupo hegemônico decide o que deve ou não deve ser considerado, por outro, o mesmo grupo utiliza dispositivos para garantir ideologicamente que suas decisões sejam popularmente naturalizadas.

A Análise Crítica do Discurso, com raízes no estudo do poder e da linguagem, embasa este estudo, assim como os conceitos apresentados até então. Mas, para melhor explicitar o trabalho a ser feito, é preciso situá-lo metodologicamente, o que é feito na seção a seguir.

2.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS E DIRECIONAMENTOS

Como afirmado anteriormente, prática social, hegemonia e ideologia são conceitos centrais neste estudo. Portanto, a fim de atender os objetivos traçados se faz necessária uma metodologia que contemple tais parâmetros e acrescente à lógica do trabalho.

Quando apresentou a análise tridimensional do discurso, trazendo a tríade texto, prática discursiva e prática social, Fairclough (2001) enfatizou a interconexão dialética desses três pilares. Isso significa que texto e práticas discursiva e social se influenciam e complementam mutuamente, em seus acordos e oposições. Texto seria a produção da linguagem, falada ou escrita. Prática discursiva se configura como aquela formadora de sentido, que se dá entre sujeitos. E, por fim, prática social inclui as diferentes relações construídas entre sujeitos e sua atuação no mundo. A partir

disso, entende-se que o discurso não se descola da ação e das relações na medida em que as constrói e é construído por elas, sem necessariamente haver um ponto de início ou fim, como um enredamento contínuo. Compreender essa lógica das práticas discursiva e social e seu desenrolar no texto é fundamental para a análise proposta neste estudo.

Em 2008, Fairclough apresentou uma metodologia que tem como base a aplicação da versão da dialética-relacional da Análise Crítica do Discurso em pesquisas sociais transdisciplinares. Além de trabalhar com tudo o que foi apresentado até este momento relacionado à ACD, a dialética-relacional atua exatamente no embate dentro dos discursos e práticas, os conflitos e disputas ideológicas e de poder, além de trabalhar com um conceito desenvolvido pelo autor, o ‘erro social’. Este seria um tipo de manobra hegemônica que, em geral, busca manter certa estabilidade de sistemas opressivos e desiguais. Fairclough (2009, p. 5) subdivide o método de análise em quatro etapas:

1. Delimitar um erro social e seus aspectos semióticos.
2. Identificar os obstáculos para lidar com o erro social.
3. Considerar se a ordem social ‘precisa’ do erro social.
4. Identificar possíveis formas de superar os obstáculos.

Primeiramente, ao considerar o erro social como parte da estrutura social, que desenha não apenas as vidas, mas o limite das possibilidades de sujeitos e grupos sociais, temos como exemplos de erros sociais o racismo, o machismo, a xenofobia, a desigualdade social, etc. E, como de acordo com a etapa 2, o erro social constitui, mesmo que em parte, a estrutura social. Lidar com ele é desafiador pois se relaciona com crenças, naturalizações e, claro, desafia noções hegemônicas. Por exemplo, se consideramos o racismo o erro social a ser abordado, entendemos que toda a estrutura social e econômica se apoia sobre um sistema racista, "lidar" de fato com esse erro social colapsaria o capitalismo como estruturado hoje. Abordo mais este tema em outros momentos do estudo.

É possível que a penúltima etapa do processo analítico, ao menos no caso deste estudo, seja afirmativa. Como já mencionado, erros sociais constituem a estrutura social e, muitas vezes, senão todas, mantêm esta estrutura. Já quando nos referirmos à superação de obstáculos para lidar com o erro social, essa não possui uma resposta simples, não por acaso é a última etapa do processo analítico e deve-

se considerar, inclusive, que dentro da estrutura que se estabelece, talvez não seja possível superar tais obstáculos.

No que se refere a este estudo, os temas tratados são partes constituintes da sociedade como conhecemos hoje. São formas de violências naturalizadas não apenas para a legitimação de tal violência, mas porque são pilares da constituição da sociedade brasileira, socialmente e economicamente. O que vamos chamar aqui de erro social, utilizando o termo de Fairclough (2009), são, na verdade, noções que embasam os desdobramentos da nossa realidade, como o racismo, o machismo e a desigualdade social.

2.3 APLICAÇÃO METODOLÓGICA NO ESTUDO PROPOSTO

Temos como objeto de análise a narrativa de si no livro *Elza* (2018), identificando como possível erro social a desigualdade e outras formas de opressão social tratadas no texto, como o racismo e o machismo. Para abordar tais temas, apresento neste trabalho alguns dos autores e teorias que embasam as reflexões e análises.

A análise do corpus não é realizada de forma separada das teorias apresentadas, em um capítulo ao fim do texto. Em todos os capítulos, dentro de cada tema trabalhado, como apontado na introdução deste estudo, realizo a análise do tema em questão, dentro do recorte delimitado e dos sistemas selecionados. Dessa forma, é possível situar cada elemento analisado e também realçar os aspectos teóricos trabalhados e sua relevância dentro do material de análise. Esse processo facilita a construção e o entendimento do texto por associar as informações simultaneamente e não demandar o retorno aos tópicos, como aconteceria se a análise fosse apresentada apenas ao fim do texto teórico completo.

A fim de atender os objetivos traçados neste estudo e a pergunta de pesquisa “Qual a relação entre a resistência discursiva e a construção do eu e do sujeito pela narrativa (de si) na obra biográfica *Elza*, de Zeca Camargo?”, a análise é feita em duas frentes: a partir dos extratos do livro *Elza* em que Elza Sores é citada diretamente falando sobre si mesma; e os extratos em que o autor fala sobre a cantora. A hipótese para traçar tal recorte é a de que ambos atuariam na ideia de construção de um sujeito social, pensante, emocional, único, porém, de formas distintas. A proposta na divisão das frentes de análise é contrastar ou aproximar o que é falado do sujeito, o que o

sujeito fala de si e como ou se os atravessamentos desses relatos atuam de forma a construir ou desconstruir um ideal daquele que se define ou é definido.

2.3.1 Recursos de significação

Enquanto a ACD e a metodologia dialético-relacional traçam os caminhos para a análise neste estudo, Martin e Rose (2007), partindo de bases similares, oferecem as ferramentas de análise que serão aplicadas neste trabalho, a partir do estudo nomeado como *Working with discourse: Meaning beyond the clause*[7].

> Nosso ponto de partida para interpretar o discurso social é com textos em contextos sociais. O discurso social raramente consiste em apenas cláusulas únicas, em vez disso, os contextos sociais se desenvolvem como sequências de significados que compõem os textos. Uma vez que cada texto é produzido interativamente entre falantes, e entre escritores e (potenciais) leitores, podemos usá-lo para interpretar a interação que ele manifesta. E como cada interação é uma instância da cultura do locutor, também podemos usar o texto para interpretar aspectos da cultura que ele manifesta (MARTIN E ROSE, 2007, p. 1 *tradução minha*).[8]

Compreendendo que o estudo do discurso está além da oração, os autores buscam oferecer uma alternativa para análises socialmente orientadas. Martin e Rose (2007) oferecem ferramentas para entender o discurso em seu contexto histórico-social, reiterando que o sentido se dá na prática, na troca entre os seus interlocutores e/ou leitores e ouvintes, não os precede.

O estudo desenvolvido por Martin e Rose (2007) é extenso, os autores apresentam seis sistemas para o desenvolvimento de análise, sendo: Avaliatividade, focado na formação dos sentidos interpessoais, relacionado a atitudes e valores; Ideação, com foco no conteúdo dos textos; Conjunção, trabalha a relação interna entre atividades; Identificação, tem como foco o acompanhamento ou rastreamento dos participantes de um texto; Periodicidade, analisa o ritmo do discurso, também

[7] Em português: Trabalhando com discurso: O sentido por trás da oração.
[8] Our starting point then, for interpreting social discourse, is with texts in social contexts. Social discourse rarely consists of just single clauses, rather social contexts develop as sequences of meanings comprising texts. Since each text is produced interactively between speakers, and between writers and (potential) readers, we can use it to interpret the interaction it manifests. And since each interaction is an instance of the speakers5 culture, we can also use the text to interpret aspects of the culture it manifests.

observando sua organização; Negociação, sistema que aborda a interação de participantes dos diálogos e trocas textuais.

No entanto, para esse estudo, irei me ater a três sistemas discursivos apresentados pelos autores: Avaliatividade, Ideação e Identificação. Tais sistemas foram selecionados por apresentarem, cada um a seu modo, possibilidades de análise de pessoas, lugares e situações, tópicos discutidos amplamente em biografias, como no livro analisado, *Elza*.

A) Avaliatividade

Esse sistema explora atitudes, sentimentos e valores em relação a pessoas e situações. Relações interpessoais são especialmente realizadas via este sistema. Adjetivos e advérbios talvez sejam as expressões mais comuns utilizadas para aplicar a avaliatividade, mas esta não se resume a eles.

Martin e Rose (2007) subdividem a avaliatividade em atitude, engajamento e gradação. Atitude se refere a afeto, julgamento e apreciação, sem desconsiderar a intensidade colocada na ação e a fonte desta. A intensidade é manifestada pela gradação, que pode ou não estar presente, a fonte ou engajamento refere-se à origem da atitude, podendo também estar expressa ou não. Engajamento engloba a monoglossia e a heteroglossia, conceitos relacionados a fonte do texto, e gradação trabalha a intensidade do discurso, abordando a análise entre foco e força.

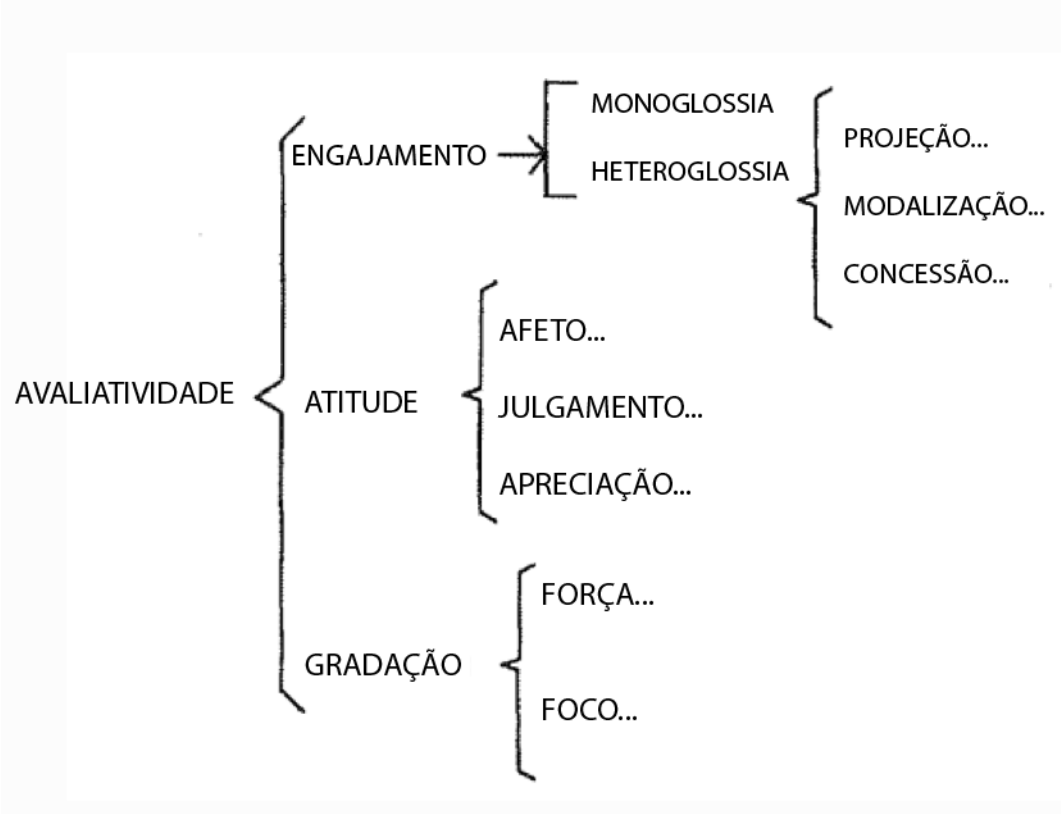


Figura 01: Sistemas de Avaliatividade
Martin e Rose (2007, p. 59, tradução minha)

Dentro do sistema de avaliatividade, o engajamento é estruturado a fim de propiciar a análise da origem das avaliações: quem está posicionando. Este subsistema se utiliza dos conceitos de heteroglossia – quando a fonte não é o autor do texto –, monoglossia – quando o autor é a fonte da informação. Dentro da heteroglossia, utilizam-se três parâmetros para a análise das vozes presentes no texto: a projeção – uma análise da citação direta ou indireta de quem é avaliado –, a modalização – uma forma de relativizar ou suavizar o que foi dito ou feito –, e a concessão, que para Martin e Rose (2007) é uma forma de administrar a expectativa do leitor.

No livro *Elza*, por exemplo, observamos a predominância da heteroglossia. O autor, Zeca Camargo, conta a história utilizando diferentes fontes, como relatos históricos, outros livros e, com mais recorrência, os relatos de Elza Soares.

Na atitude, o estudo do afeto está diretamente relacionado às emoções e sentimentos expressos no texto; como felicidade, infelicidade, satisfação, insatisfação, segurança, insegurança.

O julgamento se refere ao caráter e a apreciação se conecta aos valores apresentados. A análise de todas as atitudes se realiza por meio dos parâmetros positivo/negativo e direto/implícito. No primeiro caso, a atitude é avaliada como benéfica ou prejudicial de acordo com o contexto apresentado. No segundo parâmetro é analisado se a atitude é aberta e amplamente perceptível ou se é sutil, com o objetivo de que não seja completamente percebida.

A atitude de julgamento pode ser vista tanto por um aspecto pessoal de admiração ou crítica, como por um caráter moral no qual alguém é enaltecido ou condenado. Esse subsistema é analisado pelos mesmos parâmetros da anterior, positivo/negativo e direto/implícito. Para além disso, essa atitude se relaciona com aspectos de veracidade, capacidade e responsabilização.

Se nas atitudes de afeto e julgamento a relação acontece com pessoas, na apreciação o foco é amplo e envolve pessoas, objetos, processos e eventos, nomeados como coisas (things) pelos autores. A apreciação é caracterizada por como alguém se relaciona com o que não é necessariamente uma pessoa. Os autores incluem em coisas situações abstratas, como relacionamentos, por exemplo. A apreciação ou não de um relacionamento se difere da pessoa com quem se relaciona, no sentido de que pode ser que aquele que avalia não esteja no relacionamento em si, ou ainda que as formas de apreciação da coisa e da pessoa se difiram. Neste caso, também trabalhamos com a dualidade positivo/negativo, além da quantidade, complexidade, reação e valor do que é apreciado.

Por fim, dentro do sistema de avaliatividade, temos a gradação, que viabiliza o estudo da intensidade a partir de dois vieses: força e foco. Força se subdivide entre o grupo intensificadores, metáfora, xingamento e léxico de atitude, baixo e alto. Por sua vez, foco é representado pelo hiperfoco em um extremo e foco suave em outro.

A fim de ilustrar a utilização do sistema avaliatividade, trago novamente o **EXCERTO 02**, mas sob um outro foco. Anteriormente, demonstrei as vozes presentes neste recorte, agora apresento como este sistema pode ser aplicado no trecho:

> “A senhora se lembra de uma menina que trabalhava aqui e que também se chamava Elza?” A ex-patroa disse que se lembrava sim, e Elza respondeu rápido. “A senhora não se lembra não, porque aquela Elza sou eu.” Silêncio. (...) “(...) Depois do desabafo eu só pensava em sair dali e depressa.” Só quando chegou à rua, Elza desabou no choro. (...) “Eu comecei a me perguntar de que valia tudo aquilo, eu ter feito aquilo com aquela mulher, ter deixado ela me mostrar a casa como se eu fosse uma visita ilustre. Que besteira... eu entrando de madame ali naquela sala... Pra quê?” Vingança? (CAMARGO, 2018, p. 131-132)

Elza planeja sua atitude, talvez com a expectativa de se sentir bem humilhando a outra, uma busca para revidar o que tinha sentido no passado. No entanto, o resultado não foi o esperado. Uma atitude que deveria ser positiva para a cantora, incitada pela pergunta inicial, para a qual Elza já sabia a resposta, transformou-se em um mal-estar, uma atitude negativa para ambas mulheres. Mistura-se, então, a atitude de afeto da emoção da satisfação pela revanche e a infelicidade e/ou arrependimento.

O julgamento negativo da ex-patroa feito por Elza é evidente, mesmo quando se arrepende do feito, a cantora a nomeia como “aquela mulher”, num movimento de distanciamento da outra. A mudança de uma perspectiva de atitude positiva para negativa não se dá devido a ex-patroa, mas à consciência de Elza, que lhe proporciona um aparente desconforto. O julgamento negativo é feito sobre si mesma, com expressões como “seu eu fosse uma visita ilustre” e a palavra “besteira” ao se referir a situação demonstra a forma como a situação foi vista por Elza.

Na questão da fonte, vemos um claro movimento de heteroglossia, que inclusive é predominante no livro analisado. Entre aspas temos a voz direta de Elza, fora delas temos possíveis citações indiretas, mas também o ponto de vista do autor, Zeca Camargo. Ao fim do extrato lemos: *“(...)Pra quê?” Vingança?*. O que se encontra fora das aspas responde uma pergunta feita por Elza, mesmo sendo também em forma de pergunta, tal resposta induz a uma conclusão: Elza teria ido se vingar daquela mulher. Esse movimento de suposição do autor não é exclusivo desse extrato. Inúmeras vezes Camargo estabelece um tipo de conversa com Elza, que na verdade é um diálogo com o leitor, chegando a conclusões e incitando questionamentos impossíveis de serem respondidos pela cantora nesse momento da leitura.

- Ideação

Este sistema remete à construção da experiência, como um acontecimento é construído, quem são as pessoas, coisas, lugares que o constituem e quais elementos contribuem para a formação daquela experiência.

Neste momento, Martin e Rose (2007, p. 74, tradução minha) definem que “de uma perspectiva gramatical, a oração é uma estrutura de palavras e grupos de palavras, mas na perspectiva semântica discursiva a oração constrói uma atividade

envolvendo pessoas e coisas". [9]Nessa lógica, os autores subdividem este sistema em três frentes: relações taxonômicas, relações nucleares e sequências de atividades.

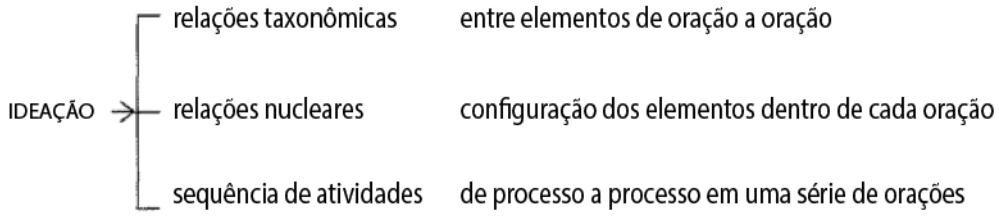


Figura 2: Sistemas de ideação
Fonte: Martin e Rose (2007, p.76, tradução minha)

As relações taxonômicas são aquelas estruturadas entre elementos lexicais de um texto. Essas relações geram as ideias sobre as pessoas e as coisas no texto. Sinonímia, repetição e contraste são utilizados nesse processo de criação conceitual. Quando falamos da caracterização de um personagem, por exemplo, podemos associar classe social, idade, gênero e etnia como características desta relação.

Na abertura do livro, Camargo (2018, p. 17) escreve "Ela precisava de um "Z" no destino e ganhou um logo quando nasceu: foi batizada *Elza*. (...) a mulher que transformou em som a sua fúria, fúria que em sua trajetória não é só sinônimo de ira, mas também paixão". Nesse trecho observamos o início da construção, a categorização e a caracterização desse personagem real que é Elza Soares. Palavras como "fúria", "ira", "paixão" se unem ao nome Elza a fim de dar o tom da biografia. Num exemplo de sinonímia fúria é colocada como paixão, não ira e a repetição desta mesma palavra (fúria) parece buscar destacar exatamente essa emoção.

Outro tópico trabalhado no sistema de ideação são as relações nucleares. Estas refletem o desenvolvimento entre pessoas, coisas e o desenrolar do acontecimento na sentença. Se nas relações taxonômicas as associações são feitas entre os elementos lexicais ao longo do texto, no segmento entre uma e outra oração, nas relações nucleares as relações lexicais se encontram entre os elementos dentro da própria oração. Por exemplo, quando Elza trata sobre o início de sua carreira: "Tinha clube que era racista" (CAMARGO, 2018, p. 78), por meio da palavra 'era', ela

[9] Do original: "From a grammatical perspective, the clause is a structure of words and word groups, but from a discourse semantic perspective the clause construes an activity involving people and things.".

cria uma relação entre determinados ambientes que precisava frequentar para trabalhar e o racismo que viveu. Ao mesmo tempo demonstra que essa não era a regra no seu trabalho, mas uma questão pontual que marcou sua memória de alguma forma.

Por fim, no sistema de Ideação, temos a sequência de atividades. Estas são os eventos que surgem no decorrer do texto, frase a frase. São o desenrolar dos acontecimentos, muitas vezes, previsíveis. Na história de Elza, por exemplo, temos o clássico desenrolar do romance entre homem e mulher quando Elza conhece Garrincha: o encontro > o encantamento > o envolvimento > o amor > o casamento > o divórcio. No entanto, este percurso não pode ser feito com um único trecho, acontece no decorrer de cinco capítulos, o que demonstra a relevância de Garrincha na vida de Elza. Em um trecho do livro, lemos:

> **EXCERTO 03**
> "Foi nessa ocasião que vi Garrincha pela primeira vez. Me pareceu triste, diferente dos outros, meio distante, não sei porque pensei num passarinho. Sua simplicidade me tocou fundo. Naquela noite gloriosa, quis um grande bem ao Garrincha." (CAMARGO, 2018, p. 153).

À frente, a seguinte declaração é apresentada:

> **EXCERTO 04**
> "Pelo amor de Deus, eu não posso me apaixonar, eu tenho muito medo. Eu tinha a certeza de que, se isso ocorresse, eu iria me dar mal. Mas o que estava acontecendo ali era muito impressionante, eu não sabia como reagir." E aí Garrincha veio com um chute certeiro: "Tô apaixonado." (CAMARGO, 2018, p. 156).

Ambos trechos acima falam sobre o início do relacionamento, no capítulo oito. A história se desenrola com altos e baixos nas próximas páginas e apenas no capítulo doze lemos seu fim:

> **EXCERTO 05**
> "Mané não podia imaginar que eu iria largar ele, que ele não teria mais aquela mulher para cuidar dele. Foi um susto muito grande e eu sabia que ele tinha ficado muito mal. Só que eu tinha certeza de que tinha feito a coisa certa, e que eu não poderia voltar atrás." (CAMARGO, 2018, p. 268).

No entanto, nem sempre a reconstrução da vida de Elza para a biografia é linear. Por exemplo, no início do capítulo oito, Camargo descreve uma recordação de Elza tentando fazer uma caipirinha para Garrincha. Mas na sequência a história volta descrevendo um romance anterior da cantora, com o músico Milton Banana. Essa parece ser uma estratégia para manter o leitor interessado entre capítulos, motivando

a leitura contínua. Por isso, a sequência pode nem sempre ser realizada de maneira linear no decorrer do livro, mas pode ser facilmente identificada.

- Identificação

A principal característica deste sistema é compreender como as pessoas são apresentadas e reintroduzidas no decorrer do texto. Para essa tarefa, utilizamos como parâmetro as palavras utilizadas para apresentação, como nomes e pronomes, as menções a cada um no decorrer do texto, as comparações feitas entre pessoas e pessoas e coisas, assim como os pronomes possessivos utilizados.

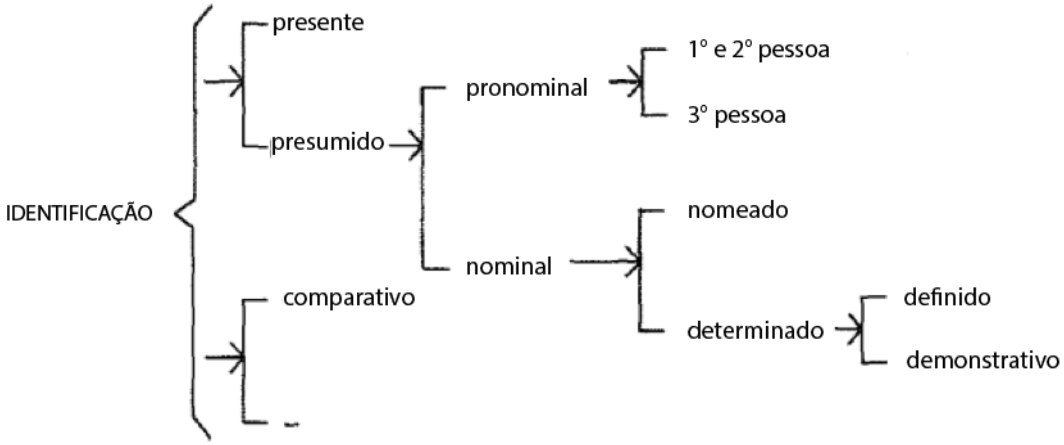


Figura 3: Sistemas de identificação
Fonte: Martin e Rose (2007, p.183, tradução minha)

Como um desdobramento dos sistemas de identificação, os autores acrescentam os sistemas de rastreamento. Estes seriam formas de alguém ou algo já conhecido, apresentado previamente, surgir ou ser reapresentado no texto.

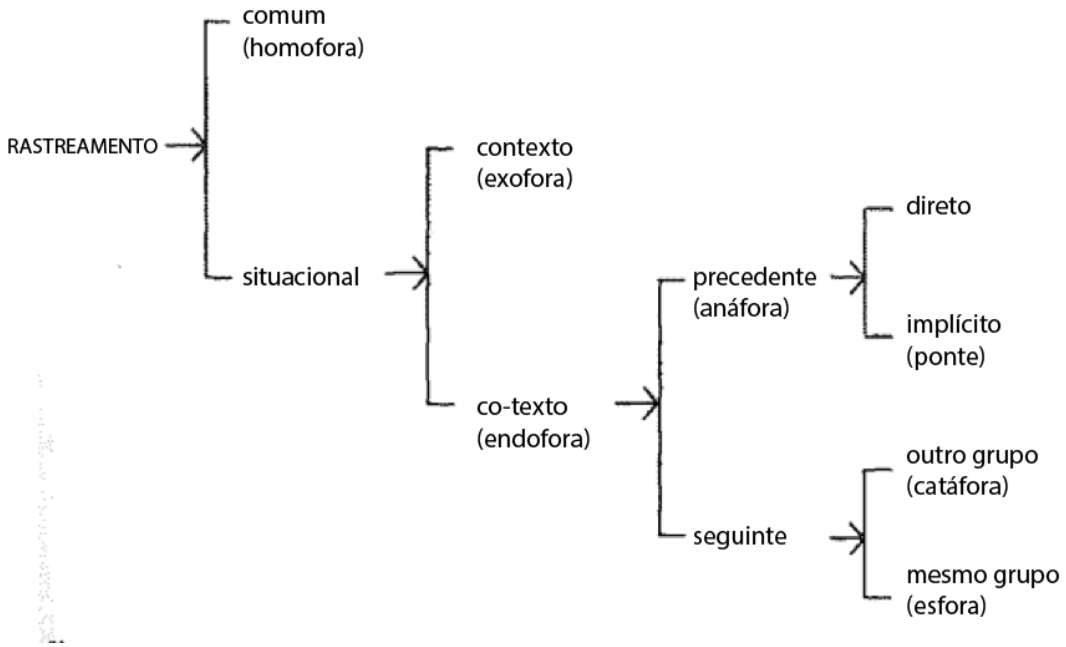


Figura 4: Sistemas de rastreamento
Fonte: Martin e Rose (2007, p.183, tradução minha)

O sistema mais comum de rastreamento seria aquele que nomeia diretamente o personagem. Situacional pode ser dividido em contexto, aquela nomeação que precisa de um conhecimento além do texto em si para ser apreendido, e em co-texto, neste caso o próprio texto oferece as informações necessárias para a compreensão. Por sua vez, o co-texto se subdivide em o que antecede e o que sucede aquela denominação. No caso do primeiro, também conhecido como anáfora, é possível usar um pronome para apontar para o já foi apresentado, por exemplo, Elza > Ela, neste caso temos uma anáfora direta, outra forma seria Elza Soares > Soares, o que seria uma anáfora implícita.

Quando tratamos da noção de rastreamento por co-texto que sucede é possível reconhece-lo utilizando o que já foi falado sem necessitar de uma nova explicação, por exemplo, o casamento com Garrincha > o casamento. Mas também é possível remeter a algo já citado como em “a ex-patroa disse que se lembrava sim (...)” (CAMARGO, 2018, p. 131). Neste último caso está implícito de quem a mulher foi chefe, já foi explicado anteriormente.

A fim de exemplificar a aplicação da identificação, podemos utilizar, novamente, o **EXCERTO 02**:

> “A senhora se lembra de uma menina que trabalhava aqui e que também se chamava Elza?” A ex-patroa disse que se lembrava sim, e Elza respondeu rápido. “A senhora não se lembra não, porque aquela Elza sou eu.” Silêncio.

> (...) “(...) Depois do desabafo eu só pensava em sair dali e depressa.” Só quando chegou à rua, Elza desabou no choro. (...) “Eu comecei a me perguntar de que valia tudo aquilo, eu ter feito aquilo com aquela mulher, ter deixado ela me mostrar a casa como se eu fosse uma visita ilustre. Que besteira... eu entrando de madame ali naquela sala... Pra quê?” Vingança? (CAMARGO, 2018, p. 131-132)

Observamos três expressões utilizadas para se referir à mulher visitada por Elza: “senhora”, repetida duas vezes por Elza em discurso direto remetendo a palavras utilizadas diretamente com a mulher, “ex-patroa”, utilizada pelo autor, e “aquela mulher”, utilizada por Elza ao contar o desfecho do acontecimento. Nas citações de Elza sobre o diálogo da época a mulher é tratada com certo respeito, mas o termo “senhora” pode demonstrar também certa ironia, afinal Elza o utiliza em um contexto de constrangimento da outra. “Ex-patroa” parece ser aplicado mais como uma forma descritiva, que ajuda o leitor a acompanhar a história e compreender quem está sendo mencionado. E, por fim, “aquela mulher” parece surgir tanto com certo desdém quanto com uma certa pena por parte de Elza, que se arrepende de constranger sua anfitriã.

No entanto, talvez o maior destaque entre as nomeações seja o fato de que a mulher em questão não tem nome. Aparentemente, ela é apenas uma das várias personagens da vida de Elza, envolvidas em um movimento de tentativa de subjugação da cantora, seja por questões classistas, racistas ou as duas. A personagem opressora não deve ser o foco da experiência de Elza. O centro está na experiência de Elza e como esta foi vivida e elaborada nas lembranças da protagonista.

A partir dos sistemas de identificação detectamos também as formas como Elza é nomeada e é possível identificar quem conta a história a partir de tal nomeação. Elza, obviamente, utiliza o pronome em primeira pessoa ‘eu’, enquanto o autor, Camargo, utiliza o nome ‘Elza’. Dessa forma é possível rastrear não somente de quem se fala, mas quem fala, qual é a fonte da informação transmitida.

Os sistemas apresentados atuam como ferramentas para mostrar de que maneira os conceitos trabalhados na ACD, como ideologia, hegemonia, sujeito e poder, atuam na obra, o mesmo se dá com o desenvolvimento de Butler (2019) sobre o ato de relatar a si mesmo. O relato de si, de acordo com a autora, não se define como uma descrição fechada da identidade, seria exatamente o contrário. Para BUTLER (2019, p. 61) "qualquer esforço de 'fazer um relato de si mesmo' terá de

fracassar para que chegue perto de ser verdade". Isso significa que o relato de si deve ser uma constante tentativa aberta do falar de si mesmo, não uma busca por autodefinição.

Se a autora trata o esgotamento do relato de si como uma possibilidade de se reconhecer como definível e indefinível simultaneamente, o que é possível reconhecer dentro deste relato? Quando se fala de si de quem se fala, como e por quê? Estas são questões que embasam a construção do relatar a si mesmo. No capítulo seguinte, desenvolvo a conceituação de relato de si, assim como introduzo as noções de biografia e sujeito adotadas nesse estudo.

3. AS FACETAS DO EU: SUJEITO, BIOGRAFIA E O RELATO DE SI

Neste capítulo abordo sujeito não como um conceito fixo, mas a partir da construção biográfica e autobiográfica, nas quais tem-se a narrativa contada por um outro e o falar de si mesmo como um outro. Aqui, busco explorar a formação discursiva do sujeito para, assim, situá-lo na narrativa biográfica e no auto relato e suas nuances.

Os estudos biográficos são objeto de pesquisa e disputa em múltiplas frentes. Teóricos de diferentes disciplinas estudam o tema oferecendo visões diversas acerca da construção biográfica:

> Filmes, livros, séries televisivas, reportagens jornalísticas. São várias as modalidades de relato biográfico que tem circulado em nosso espaço social como produtos culturais que dão a conhecer seres de suposto interesse, interesse que, segundo Schmidt (2000), deve-se à individualidade humana. Cada ser é marcado por características peculiares cuja singularidade diferencia um dos outros e é capaz de despertar a curiosidade pelo inusitado e surpreendente que pode representar (LYSARDO-DIAS, 2012, p. 83-84).

No entanto, assim como outros tópicos de interesse coletivo, a história pessoal nem sempre possui importância pública. A biografia e a autobiografia passaram a ganhar espaço na medida em que os percursos individuais, atravessados pela história sócio-política-econômica, despertaram o interesse de um grupo cada vez maior.

3.1 BIOGRAFIA E DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO

Com a ascensão da pós-modernidade, surgiram também as incertezas, ou múltiplas certezas, o que teve relação com o questionamento da razão, da igualdade, do saber como fundamentos da humanidade. Se a Revolução Francesa, no século XIX, foi impulsionada por tais conceitos, ao fim do século XX eles não pareciam mais estruturar as bases sociais.

> Uma nova inscrição discursiva, e aparentemente superadora, a "pós-modernidade", vinha sintetizar o estado de coisas: a crise dos grandes relatos legitimadores, a perda de certezas e fundamentos (da ciência, da filosofia, da arte, da política), o decisivo descentramento do sujeito e, coextensivamente, a valorização dos "microrrelatos", o deslocamento do ponto de mira onisciente e ordenador em benefício da pluralidade de vozes, da hibridização, da mistura irreverente de cânones, retóricas, paradigmas e estilos (ARFUCH, 2010, p. 17).

Se antes a unicidade, o entendimento de povo, nação, superava indivíduos e seus anseios, o fim da era moderna proporcionou uma mudança de foco. O sujeito, por vezes focado na constituição da história coletiva, parecia cada vez mais desejar se colocar como um à vista de todos. Amostra de como esta transição do foco social se apresenta tão acentuada são os estudos de Foucault, publicados na década de 1980, focados em conceitos como “tecnologias de si” e “cuidados de si”.

> (...) tecnologias de si, que permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade (FOUCAULT, 1989, p. 322-323).

Esse deslocamento do paradigma social fortalece alguns gêneros textuais, como é o caso da biografia e da autobiografia. Falar de si mesmo ou do percurso de vida de alguém é uma forma de fortalecer a história individual, a conquista ou derrota de uma pessoa situada em um espaço e em um tempo específico. Podemos considerar que este é um enfoque que surge do individual para o coletivo, pensando a atuação e o impacto de alguém num contexto que, muitas vezes, o extrapola.

Arendt (2000, p. 48) remonta essa ânsia do falar de si à prática da escrita íntima iniciada por Rousseau. Para a autora, o “primeiro eloquente explorador da intimidade – e, até certo ponto, o seu teórico – foi Jean Jacques Rousseau”. Arendt ainda afirma que na escrita de si de Rousseau, este parece entrar em combate consigo mesmo, opondo-se a suas próprias noções e concepções. O que nos leva a essa noção do sujeito dividido, se pela Análise do Discurso pecheutiana o sujeito se divide entre o consciente e o inconsciente, de certa forma, na Análise Crítica do Discurso, o sujeito se vê também dividido, atravessado pela ideologia e seu contexto social.

Falar de si pode ser visto ao mesmo tempo como uma reafirmação e uma desconstrução do sujeito. É possível compreender que proclamamos nossa existência na formulação do “eu sou”, assim como essa mesma frase pode se desdobrar em questionamentos relacionados à própria existência. Essa dualidade se mantém quando pensamos na necessidade do outro para a manifestação do eu: “a consciência de si — que se enuncia a partir de uma absoluta particularidade busca já, ao fazê-lo, a réplica e a identificação com os outros, aqueles com os quais compartilha o *habitus social* (etnia, clã, parentesco, nacionalidade)” (ARFUCH, 2010, p. 49).

Saussure, na sua clássica obra *Curso de linguística geral* (1975), abordou, entre outros temas, a relatividade da linguagem. Para o autor, “é o ponto de vista que cria o objeto.” (SAUSSURE, 1975, p. 15). Apesar da afirmação se apoiar sobre questões linguísticas específicas, podemos também recolocá-la sob uma perspectiva discursiva, compreendendo que a prática da linguagem também se apoia sobre subjetividades, culturas, cenários diversos. Nesta visão, entender que o objeto se forma pelo observador é também compreender que ele está em constante mudança sem, na verdade, nunca ter sido algo em si mesmo. Visão esta que pode ser transplantada para as noções do sujeito. Ao observar a mim mesma, quem sou? Existe algo que pode ser definido como eu?

Tanto em Benveniste (1991) quanto em Bakhtin (2010; 2012), em suas diferentes abordagens, a relatividade do ‘eu’ é estudada e teorizada. O primeiro traz a dêixis como amostra da subjetividade da linguagem, o ‘eu’ e o ‘tu’, por exemplo, são sempre momentâneos, apoiam-se no contexto, na situação de comunicação, nos envolvidos no cenário. Já Bakhtin (2010; 2012) vai além da estrutura linguística e aborda o discurso e a prática da linguagem. O conceito de dialogismo se baseia exatamente na multiplicidade enunciativa: quando eu falo, não apenas eu estou narrando, mas também todos aqueles que me antecederam, que de certa forma falaram minha fala, escreveram meu texto juntamente comigo. Eu não sou a origem do que digo, então, como poderia ser a própria origem do eu? É neste ponto que podemos situar os estudos de Butler (2019, p. 371) sobre o auto relato. Para a autora, não seria possível haver um eu fixo se os atravessamentos do outro e do mundo são a constituição deste mesmo ser:

> Onde houver um “eu” que profira ou fale e, dessa forma, produza um efeito no discurso, há primeiramente um discurso que o precede e o habilita, um discurso que forma na linguagem a trajetória obrigatória de sua vontade. Assim, não há nenhum “eu” que permaneça por trás do discurso e execute seu desejo ou sua vontade por meio do discurso. Ao contrário, o “eu” apenas vem à existência ao ser chamado, nomeado ou interpelado, para usar um termo althusseriano, e essa constituição discursiva é anterior ao “eu”; é a invocação transitiva do “eu”.

Em *Relatar a si mesmo* (2015), Butler disserta sobre como a narração de si pode atuar como uma forma de compreender no próprio movimento narrativo que não há fechamento na auto-descrição. Na verdade, pode não existir uma descrição que de fato se aproxime do que seria tido como a realidade do ‘eu’. A autora afirma: “(...) enquanto estou engajada em uma atividade reflexiva, pensando sobre mim mesma e

me reconstruindo, também estou falando contigo e assim elaborando uma relação com um outro na linguagem." (BUTLER, 2015, p. 69).

A relação com o outro na linguagem se aproxima exatamente da noção dialógica de Bakhtin (2010; 2012), citada anteriormente. Para o autor, mesmo num monólogo várias vozes se manifestam, seja pela conversa mental que estabelecemos com possíveis interlocutores, seja pelas vozes que atravessam o texto revelado. Não há originalidade ou solitude completas. Sempre, em certa medida, para Bakhtin, dialogamos e repetimos o que nos precedeu. Esse pensamento, assim como a pós-modernidade, traz em si um rompimento com a razão, no seu sentido clássico, para oferecer uma nova forma de ver o eu e sua formação como sujeito social.

> (...) o "eu" verdadeiro, o mais íntimo e pessoal, aquele que expressa pensamentos, convicções, reações afetivas, traços de caráter, se conformará não mais no abismo de uma singularidade que a sociedade viria avassalar, mas justamente nessa trama de relações sociais da qual emerge e na qual se inscreve (ARFUCH, 2010, p.93).

A partir disso, identificamos como o sujeito é, na verdade, sem nunca ter sido de fato. O sujeito seria um enredamento das estruturas sociais e suas relações, mas não de forma passiva. Assim como é formado pelo que o atravessa, também age e, possivelmente, transforma seu mundo em diferentes aspectos.

A partir do que foi exposto, é possível um movimento em direção a compreensão dos conceitos biografia e autobiografia, essenciais para este estudo. Existe a ideia de que a autobiografia seria uma biografia escrita em primeira pessoa, o sujeito fala de si, um canal direto para o relato da própria vida. No entanto, ao partirmos das noções de divisão do sujeito ou do dialogismo bakhtiniano, não há um caminho direto para si, sempre existirão intermediários.

> (...) não há identidade possível entre autor e personagem, nem mesmo na autobiografia, porque não existe coincidência entre a experiência vivencial e a "totalidade artística". Essa postura assinala, em primeiro lugar, o estranhamento do enunciador a respeito de sua "própria" história; em segundo lugar, coloca o problema da temporalidade como um desacordo entre enunciação e história, que trabalha inclusive nos procedimentos de autorrepresentação (ARFUCH, 2010, p.55).

Essa racionalidade pode indicar um movimento de fusão entre biografia e autobiografia que pode ser identificado no livro analisado, *Elza*. Definido primariamente como uma biografia, tendo como autor Zeca Camargo, o texto possui

inúmeras citações diretas da biografada. Também foi exposto pelo próprio autor que o livro teria sido escrito a quatro mãos, em parceria com a biografada.

Para além disso, existe um certo hiato entre a posição de admirador e fã de Camargo e sua posição de escritor da obra. Se, por vezes, o autor dá origem a dúvidas sobre a exatidão das lembranças de Elza, oferecendo outros dados e fontes, é notável que existe também uma limitação em compreender questões levantadas pela cantora, principalmente referente a gênero e condições sociais, que destoam da realidade do autor.

Em determinada passagem Camargo comenta sobre a mudança de Elza e sua família para a Itália, em 1969:

> **EXCERTO 06**
> A viagem, afinal, era mais um gesto de amor, a tentativa de uma mulher apaixonada de reconstruir a imagem do homem que amava. (CAMARGO, 2018, p. 223).

Nesta época, Elza Soares e Mané Garrincha sofriam ameaças e perseguições, seja por parte do governo ditatorial brasileiro, ou pelo grande público que não aprovava a união dos dois. Poderia sim existir uma tentativa de melhorar a imagem de Garrincha, deteriorada principalmente pelo alcoolismo, mas por que definir este ato como "gesto de amor"? Existem nuances nesse momento que são completamente apagadas ao considerarmos o romance como único propulsor desta atitude de Elza.

Por outro lado, quando Elza se manifesta em primeira pessoa, é preciso considerar o recorte da memória, uma certa fragmentação que pode pairar entre o que foi de fato vivido e o que é narrado. Além disso, há um recorte de sua fala, que é escolhida, talvez editada para ser encaixada dentro da ideia que se pretende passar. Considerando o que foi dito, talvez as linhas da verdade possam parecer, por vezes, desfocadas ou elásticas, mas a criação biográfica e autobiográfica parece extrapolar conceitos tão duais como verdade e mentira.

> A promessa de dizer a verdade, a distinção entre verdade e mentira constituem a base de todas as relações sociais. Certamente é impossível atingir a verdade, em particular a verdade de uma vida humana, mas o desejo de alcançá-la define um campo discursivo e atos de conhecimento, um certo tipo de relações humanas que nada têm de ilusório. A autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística (LEJEUNE, 2008, p.104).

Falar de si, portanto, pode ser um ato que se insere na forma da criação, como é a narrativa. Não falamos apenas do que se passou, mesmo considerando que os mesmos fatos podem ser lembrados de formas diferentes por pessoas diferentes. Mas falamos também do que gostaríamos que fosse, ou não falamos daquilo que preferíamos não ter sido. No entanto, “O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção.” (LEJEUNE, 2008, p.104). Tentar encaixar o auto relato em categorias tão fixas entre o que é fato ou criação pode ser extremamente limitador para a análise, pois elimina o fator fluido e transformador da vida humana. Por isso, buscar a verdade na biografia talvez não seja a melhor forma de apreciá-la, em vez disso o movimento pode ser em direção à contemplação do que é exposto para então buscar compreender por que foi revelado daquela determinada forma, e não de outra.

Para Arfuch (2010), não existem grandes diferenças entre o biógrafo e o autobiógrafo, já que ambos contam a história de um ponto de vista de admiração, de identificação, colocando seu protagonista como um tipo de herói. E, independente do relato ser de si ou por um outro, é possível perceber lacunas e ambiguidades. Muitas vezes, ao tentar um fechamento no relato, algo maior foge e não pode ser contido, nessas entrelinhas vemos traços do biógrafo ou autobiógrafo.

Para além das questões de formação de uma ideia de sujeito a partir da narrativa, é preciso situar também esse personagem da vida real no seu tempo. A partir do fim do século XX observamos uma tendência do retorno ao indivíduo, talvez uma consequência do que abordamos nessa seção até então. Colocar o individualismo como política foi uma forma eficiente de enfraquecer movimentos sociais e, consequentemente, grupos que já se encontravam mais vulneráveis. É sobre esse processo e a criação da racionalidade neoliberal que trato na seção seguinte.

A importância da abordagem desse tema nesta tese se encontra na própria constituição das noções do eu, da forma de se relacionar e, consequentemente, do sujeito se auto relatar. Se considerarmos que a racionalidade política é capaz de alterar a forma como os sujeitos atuam no mundo, certamente ela tem reflexo direto na forma de cada um pensar a si mesmo e a realidade a sua volta.

No caso da trajetória de Elza Soares, por exemplo, a ideia da individualização se reflete no que parece uma busca solitária por transformação. Noções coletivas, como discriminação por racismo e machismo, são inexistentes a princípio e

ativamente apagadas em vários momentos da história de Elza, isso é relatado pela própria cantora. Por ignorar em algum nível a discriminação coletiva, muitas batalhas travadas por Elza eram quase impossíveis de serem superadas por serem conduzidas contra um inimigo difícil de se nomear devido a seu apagamento.

3.2 O INDIVIDUALISMO COMO POLÍTICA

A colocação da individualidade como foco no discurso hegemônico atua não apenas na estrutura socioeconômica, mas na vida privada do sujeito e em sua forma de ver o mundo. O neoliberalismo, colocado em prática pela primeira vez na ditadura de Pinochet, no Chile, em 1973, foi uma racionalização política que tinha como fundamento a intervenção mínima do Estado e o livre mercado. Apesar do foco mercadológico, ou justamente devido a ele, a lógica neoliberal se apoia no individualismo dos sujeitos para cumprir sua agenda econômica (BARROS, 2022).

O cenário inicial do neoliberalismo foi uma ditadura militar violenta, portanto, não era necessário persuadir cidadãos para que aceitassem o modelo político adotado. Mas a racionalidade neoliberal não se limitou ao Chile, seu apelo ao livre mercado se mostrou um atrativo para a elite econômica em diversos pontos do mundo e, claro, chegou também ao Brasil. A lógica neoliberal foca no potencial do sujeito, na suposta capacidade de qualquer um traçar o próprio destino, eliminando a noção de classes.

> O regime neoliberal transforma a exploração imposta por outros em uma autoexploração que atinge todas as <<classes>>. Essa autoexploração sem classes é completamente estranha a Marx e torna a revolução social impossível, já que esta é baseada na distinção entre exploradores e explorados. E, por causa do isolamento do sujeito de desempenho explorador de si mesmo, não se forma um Nós político capaz de um agir comum.
> Quem fracassa na sociedade liberal de desempenho em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso (HAN, 2020, p. 16).

Essa racionalidade neoliberal é muito efetiva para o capital e torna a acumulação de riqueza uma recompensa, não um claro movimento advindo de exploração e desigualdade social. Por meio dela, a pobreza se apresenta como um sintoma da fraqueza e incompetência do indivíduo, não uma forma de negligência e violência do Estado ou das elites econômicas. No entanto, o que pode ser observado

em diferentes momentos históricos, inclusive no Chile de Pinochet, é que o Estado neoliberal, muitas vezes, se movimenta a fim de garantir que esta elite se sustente.

Por outro lado, por mais que o neoliberalismo seja eficiente em seu propósito e sua lógica proporcione um tipo de legitimação final do capitalismo (você trabalha para ficar rico > seu fracasso é sua culpa > quem enriquece, independente do contexto, possui mérito próprio), também causa sua própria destruição. Muitas vezes, como se deu no Chile, onde a economia sucumbiu com inflação e pobreza altas, um livre mercado se vê incapaz de se autorregular e, eventualmente, pode acabar empobrecendo sua população.

Para além das consequências econômicas e sociais, a racionalidade neoliberal atua pontualmente na mentalidade e, logo, nas relações dos sujeitos. O neoliberalismo e seu culto à individualidade acentua o egoísmo enquanto diminui a propensão à solidariedade entre as pessoas, podendo culminar na aversão a projetos sociais de redistribuição de renda e na violência contra grupos e pessoas que se propõem a ações como essa (DARDOT, LAVAL, 2016).

Parece paradoxal pensar que parte da população mais vulnerável se mostre tão violenta contra ações sociais que poderiam beneficiá-la. No entanto é preciso questionar a quem serve as ideias hegemonicamente construídas, a ideologia amplamente difundida numa estrutura capitalista.

Nesse cenário, cresce a extrema direita no Brasil e em outras partes do mundo. Em 2018, foi eleito no país o extremista Jair Bolsonaro, que utilizou exatamente o discurso contra a corrupção como um dos seus pilares de campanha. Outra ironia é a própria carreira de Bolsonaro, político por mais de uma década, sem apresentar nenhuma proposta efetiva de melhoria social, enriquecendo a partir de dinheiro público, discursar sobre corrupção e corte de gastos públicos. Morais (2019, p. 156) traça o perfil da extrema direita que ascendeu no Brasil:

> Assim, de forma geral, podemos perceber a (re)organização simbólica do discurso da extrema-direita brasileira atual com base na convergência entre distintas culturas conservadoras, tais como: (i) a compreensão do indivíduo como investimento e como empresa, (ii) a propriedade privada como direito sagrado, (iii) o acúmulo de riqueza como principal índice de liberdade e de progresso individual, social e espiritual, (iv) a família cristã como fiadora dos valores morais, (v) a rigidez corporativa/hierárquica como princípio da organização social, (vi) a (re)aproximação entre Estado e Religião como garantia de hegemonia política dos grupos dominantes e (vii) o uso da violência como condição estruturante da ordem e do progresso.

Dentre as sete características apontadas por Morais, ao menos as três primeiras podem ser diretamente relacionadas ao pensamento neoliberal. Apesar de não ser diretamente associado a religiões, o neoliberalismo utiliza as ferramentas necessárias para proteger o capital, a religião sendo uma delas, ao menos no Brasil. Desse pensamento que fomenta o poder nacional vigente também podemos destacar o individualismo intenso que culmina no ódio ao outro, àquele que se opõe ao que é determinado como correto. Para Morais (2019, p. 157), Bolsonaro "transforma a discordância em intolerância, extrapolando o limite do que se é permitido dizer, social e juridicamente.".

O ódio ao outro, no espectro neoliberal, é também um falar de si, uma reafirmação de si a partir do apagamento da alteridade. O quanto é possível saber de alguém a partir do que rejeita, do que odeia? Moraes (2019, p. 163) elabora uma cadeia enunciativa a fim de demonstrar como Bolsonaro utilizou a autodefinição como estratégia de eliminação do outro:

> (...) podemos construir a seguinte cadeia enunciativa: (I) população de bem → cidadão de bem → nacionalista → democrática → capitalista → trabalhadora → ordeira → honesta → a favor do armamento da população → a favor da harmonia corporativa entre os grupos sociais → a favor da família → excluída do poder representativo. Por oposição, o "esquerdista" é definido como: (II) não população de bem → não-cidadão de bem → não-nacionalista → não-democrático → comunista → grevista → desordeiro → corrupto → a favor do desarmamento da população → a favor
> Tal organização argumentativa se pauta em uma orientação axiológica que positiva/legitima a primeira série associativa, o eu/nós constituído por seus pares institucionais, eleitores e apoiadores, e negativa/nega a segunda, os esquerdistas, isto é, o outro, seja ele representante político ou não.

Não é apenas na extrema direita que podemos observar a definição de si por meio da definição do outro. Nesse caso, a definição de si não apenas se constrói a partir do outro, mas, o utiliza para se distanciar do que considera negativo. Assim, busca eliminar aquele outro que me desagrada.

Por um outro olhar, Butler (2015) afirma que a imposição social de definir de forma fixa a si mesmo pode ser uma forma de violência ética, que passa por todos os âmbitos da sociedade. Desde a rigidez do nome, do gênero, do sexo, até as características, qualidades, defeitos, e tudo mais o que é atribuído a nós ou por nós. Todos os aspectos da nossa existência são fixados e controlados em algum nível, por leis judiciais ou morais. Tais regras estão tão internalizadas que geralmente não são

questionadas e, se são, causam grande horror social, como o questionamento da heterossexualidade como inata ou do gênero intrinsicamente relacionado ao sexo.

> Se a identidade que dizemos ser não nos captura e marca imediatamente um excesso e uma opacidade que estão fora das categorias da identidade, qualquer esforço de “fazer um relato de si mesmo” terá de fracassar para que chegue perto de ser verdade. Quando pedimos para conhecer o outro, ou pedimos para que o outro diga, final ou definitivamente, quem é, é importante não esperar nunca uma resposta satisfatória. Quando não buscamos a satisfação e deixamos que a pergunta permaneça aberta e perdure, deixamos o outro viver, pois a vida pode ser entendida exatamente como aquilo que excede qualquer relato que dela possamos dar. (BUTLER, 2015, p. 59).

Essa análise se refere à ideia da busca pelo controle do significado, inclusive do significado do eu e do outro, que é exatamente a tática utilizada pela extrema direita, como apontado anteriormente. O desenvolvimento teórico apresentado por Butler oferece a possibilidade de que, na verdade, esse significado fixo inexista, ou ao menos seja impossível de se expressar nos limites da linguagem. Portanto, uma forma de resistência primária, radical, talvez seja a completa recusa por rotular a si e ao mundo, ou se fixar completamente. Tal recusa possivelmente culminaria no reconhecimento da não-fixidez do que chamamos de ‘eu’, o que poderia surgir num processo de tentativa de auto relato. Esse movimento é falho, impossível de se atingir, e é no reconhecimento da incapacidade de se descrever ou definir que pode estar a instabilidade necessária para resistir ao fechamento, à fixidez.

Em relação à concepção do sujeito, Althusser cunha o conceito de interpelação, no qual o indivíduo seria atravessado pela ideologia na sua formação:

> Sugerimos então que a ideologia “age” ou “funciona” de tal forma que “recruta” sujeitos dentre os indivíduos (ela os recruta a todos), ou “transforma” os indivíduos em sujeitos (ela os transforma a todos) através desta operação muito precisa que chamamos interpelação, que pode ser entendida como o tipo mais banal de interpelação policial (ou não) cotidiana: “ei, você aí!”. (ALTHUSSER, 1970/1985, p. 96)

A interpelação não atravessa um sujeito passivo e dificilmente impactaria a todos da mesma forma. A Análise do Discurso pecheutiana trabalha com o sujeito interpelado e clivado, dividido pelo seu inconsciente. Portanto, a compreensão, ou ao menos a tentativa de entendimento, do desenrolar do sujeito e do indivíduo perpassaria a sociedade e sua estrutura, assim como seu desenvolvimento psicológico, suas noções de si. Já na Análise Crítica do Discurso, para esse estudo,

podemos remeter à formação do sujeito a dois conceitos de Fairclough (2003, p. 160), o de Agentes Primários e Agentes Incorporados:

> As pessoas são involuntariamente posicionadas como Agentes Primários devido a onde nasceram e inicialmente não têm escolha - campesinato ou pequena nobreza, classe trabalhadora ou classe média, homem ou mulher, suas posições na distribuição de recursos da sociedade, como diz Archer. Poucas pessoas nas sociedades contemporâneas permanecem dentro dos limites desses posicionamentos, mas sua capacidade de transformá-los depende de sua reflexividade e de sua capacidade de se tornarem Agentes Incorporados capazes de ação coletiva e modelagem de mudanças sociais.

Esta transformação, por assim dizer, de se tornar um sujeito capaz de atuar no mundo, na constituição das estruturas a sua volta, também passa pelo eu, pela capacidade que o indivíduo possui de agir sobre si mesmo. Na ACD, podemos ler a formação dialética do discurso, como objeto em transformação e também transformador. O mesmo se passa com o sujeito, a ideologia forma, mas não de maneira passiva, límpida ou linear, pois também pode ser modificada por ele.

Ao associar tal ideia ao que é contado no livro *Elza* (CAMARGO, 2018), o exemplo mais abrangente dessa construção seria a própria origem e desfecho da vida de Elza Soares. Posicionada, primeiramente, como mulher negra, pobre, marginalizada, ela foi capaz de romper com essa condição inicial. A contínua persistência de Elza a tirou da condição de pobreza de marginalização, o que aconteceu porque a transformação do indivíduo na sociedade é possível, mesmo não sendo ilimitada. Em uma determinada parte do livro, Elza deixa explícita essa percepção de conexão entre a transformação coletiva e individual:

> **EXCERTO 07**
> Veio, ainda que intuitivamente, uma consciência do que ela representava como artista e como mulher que tinha superado uma pobreza extrema. “Eu já tinha a noção de que trazia uma coisa muito forte comigo. Não precisava fazer discurso político pra incomodar. Bastava eu falar de mim, dizer quem eu era. Acho que só isso já criava um desconforto – minha história, favela, barraco, lata d’água na cabeça, mãe lavando roupa… Eu lembrava pra aquela gente que o Brasil era também aquela miséria toda. Eu me sentia como mais uma tagarela que tinha chegado ali falando coisas que ninguém deveria falar. Lá vinha eu com a lata na cabeça, cantando daquele jeito… lógico que eu incomodava.” (CAMARGO, 2018, p. 192).

A sequência de atividades sublinhada por mim nesta citação demonstra não apenas a relevância da transformação pessoal no âmbito coletivo, mas a consciência de Elza Soares sobre esse fato. Também Elza, em uma relação taxonômica, conecta a si mesma parte da população brasileira: “Eu lembrava para aquela gente que o Brasil

era também aquela miséria toda". Essa afirmação também remete à frase dita para Ary Barroso, quando a cantora conectou sua origem a um "planeta fome".

Quando Butler teoriza o processo de relatar a si mesmo, elabora também, a partir da psicanálise, algo que poderíamos ler como uma definição de uma forma subversiva de catarse. Ao trabalhar a ideia de que, ultimamente, o reconhecimento da não-existência de um 'eu' separado, sólido, descritível, é um movimento lógico no desenvolvimento humano, entende-se também que subverter a crença de uma estrutura base que tudo sustenta (eu sou) é a subversão de tudo o que se vê como sólido.

Nessa citação trabalhada acima observamos que a cantora, mesmo antes da fama, no programa de calouros, já possuía o reconhecimento de si. De certa forma, ao afirmar de onde vem (planeta fome) afirmava também quem era. Mas a relação de Elza Soares com a fome não era apenas literal, estava conectada a um vazio que gerava uma busca. A busca que se inicia pela comida na infância se transforma na busca pela realização, pelo sucesso e, ultimamente, pelo reconhecimento de si e de seus pares. Ao falar de si para mostrar ao mundo outros que foram esquecidos, Soares rompe com a singularidade do eu, o indivíduo e o outro se dissolvem na medida em que se tornam um sem de fato nunca ser uma unidade.

Portanto, a construção do sujeito e sua capacidade de atuar sobre o mundo está atrelada a sua origem, assim como a sua capacidade de mudança íntima e social. Estas, a partir do que defendo neste estudo, seriam transformações quase simultâneas. Não há mudança social sem a mudança dos eus que formam o coletivo, sobre isso acredito não haver dúvidas. A principal questão seria sobre como se dá tal mudança ou realização de si, e talvez seja exatamente no reconhecimento da impossibilidade de fechamento da auto-definição, de reconhecer que, objetivamente, não há um eu descolado do outro.

No entanto é no próximo capítulo que essa hipótese é testada. A partir da análise do livro Elza, busco compreender exatamente essas nuances da formação e da transformação do sujeito, a relação deste com o relato de sua própria história e como o discurso de resistência surge no auto-relato.

4. ELZA E A HISTÓRIA DAS MULHERES

Para além da própria forma de desenvolvimento de seu livro biografado, a história de Elza dialoga com a história de milhares de brasileiras negras. Nasceu na pobreza, foi rebaixada e violentada devido a sua cor, gênero e classe. Mas, diferentemente da história de muitas outras, conseguiu ascender pela arte, pela música, superando qualquer expectativa. E como ou por que Elza conseguiu? Questionamentos como esse se apresentam ao se estudar a trajetória de Elza Soares, mas uma afirmação é possível de ser feita: A resistência foi uma constante em toda a história descrita na biografia da cantora.

Elza Soares foi uma artista brasileira, mulher, negra, com mais de cinco décadas de carreira e vida pessoal públicas. Todos esses aspectos tornam o livro *Elza* (CAMARGO, 2018) o objeto de análise mais adequado para uma pesquisa que se propõe analisar a correlação entre a resistência discursiva e a constituição do sujeito. Hoje, as mulheres negras são a base que move o Brasil, mas também são as mais cruelmente subalternizadas, o que pode ser demonstrado por dados sociais. Homens brancos possuem rendimentos até 159% maiores do que mulheres negras na mesma posição (RIBEIRO et al., 2020). Das casas que possuem como principal renda a da mulher negra, 63% estão abaixo da linha da pobreza e, das mulheres desempregadas durante a pandemia do Covid-19, 58% são negras (SOF, 2020).

A autora bell hooks (2019), ao tratar sobre o feminismo, oferece a perspectiva também da individualidade, a fim de demonstrar como o individual e o coletivo estão diretamente relacionados. Este é o salto do feminismo interseccional, compreender as nuances individuais, oferecer noções de vivências pessoais, dores individuais que perpassam o coletivo, histórias que parecem se repetir de diferentes maneiras dentro de cada casa. Para o feminismo interseccional, a vivência de uma mulher pode atravessar a de todas daquela classe, raça ou orientação sexual, em diferentes níveis, mas com enredamentos comuns.

Elza Soares possui história similar a milhares mulheres negras brasileiras, periféricas, mães solo, na extrema pobreza, com pouca ou nenhuma possibilidade de ascensão social. Na história de Elza, o casamento infantil, o assédio, o estupro, a pobreza, o esquecimento do Estado, são apresentados, e se cruzam com as diferentes histórias de mulheres no Brasil e, possivelmente, no mundo. No livro biografado por Zeca Camargo, o único autorizado pela cantora, com sua colaboração

direta, todos estes temas são tratados, assim como sua resistência e subversão da condição subalterna que lhe foi imposta.

Neste capítulo, estudo e analiso, de acordo com a metodologia apresentada, o livro *Elza*, subdividido em seus temas de maior recorrência: Maternidade e casamento, Pobreza e subversão, Relacionamentos e Música e racismo. No entanto, para que a análise seja feita respeitando seus diferentes autores, é preciso fazer uma pontuação da construção narrativa na seção a seguir.

4.1 CONSTRUÇÃO NARRATIVA E LUGAR DE FALA

A fim de analisar o que é trazido no livro, é preciso trabalhar o conceito de lugar de fala. Este ganhou certa popularidade nas mídias sociais e, assim como pode acontecer com diferentes temas que passam a ser amplamente utilizados, teve seu sentido certas vezes alterado ou mal compreendido.

Quando tratamos de lugar de fala, não o definimos como um mecanismo de autorização ou legitimidade do que é dito por uns em detrimento de outros, entendo que lugar de fala é reconhecer e situar o que é dito a partir do lugar social daquele que diz.

> O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.
> Quando falamos do direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo (RIBEIRO, 2017, p. 64).

Assim como o lugar social que ocupamos pode dificultar nosso acesso a determinadas posições, também pode facilitar nossa ascensão social, nossas possibilidades profissionais, por exemplo. Quando falamos que um homem, estatisticamente, ganha mais do que uma mulher no mesmo cargo profissional, isso não é apenas uma afirmação sobre possibilidades econômicas, mas um desdobramento de toda uma estrutura social binária que submete mulheres.

Compreendo que Elza, de certa forma, sempre partiu de um lugar de subalternidade, a princípio na miséria e, mais tarde, mesmo com o sucesso profissional, ainda se encontrava na posição de mulher negra. No livro *Elza* (CAMARGO, 2018) o narrador é Zeca Camargo, um jornalista renomado, homem,

branco. Mesmo se manifestando como um grande admirador de Elza Soares e apresentando o livro como sendo escrito em parceria com a cantora, é o nome dele que aparece como autor e é ele quem, em certa medida, define o que deve ou não ser falado. Por tudo isso, se mostra essencial para este estudo compreender um conceito como lugar de fala, e aplicá-lo.

Um livro sobre uma mulher negra escrito por um homem branco. Mesmo sendo um jornalista reconhecido e fã confesso de Elza Soares, talvez fosse demasiadamente desafiador Zeca Camargo sair de sua posição de homem branco de classe média alta para abordar a história de Elza. O lugar social de Camargo o atravessa em inúmeros momentos do livro comprometendo, inclusive, sua capacidade de análise das falas da própria cantora.

Sojourner Truth, mulher feminista, negra, em 1851, em seu famoso discurso na Convenção dos Direitos da Mulher, em Ohio, afirma:

> Aquele homem ali diz que é preciso ajudar mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregá-las quando atravessa um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! Eu não sou uma mulher? (TRUTH, 2022, p.1).

Nesse trecho, Truth fala exatamente da diferença dos lugares sociais. O cavalheirismo do homem em questão remete a um tipo bem específico de mulher, branca, dentro de determinados padrões, ao mesmo tempo em que universaliza o conceito mulheres e exclui mulheres não brancas do que deveria ser uma mulher. Mas seria esse cavalheirismo para todas as mulheres? Seria o amor romântico destinado a todas?

> **EXCERTO 08**
> "Mulher para ele (Alaordes, o primeiro marido), no sentido de esposa, era alguém que ele queria em casa para deixar tudo arrumado, no sentido de trabalhar para o lar. Eu fazia isso porque era uma coisa que tinha aprendido com minha mãe, mas não como obrigação, era algo que eu achava que deixaria meu marido mais feliz. Eu não estava nem um pouco a fim de ser esse tipo de mulher. O problema é que eu também não sabia como uma esposa deveria ser..." quase arrependida de não ter vivido um romance justamente na idade em que as moças começam a sonhar com um príncipe encantado... (CAMARGO, 2018, p. 46).

No excerto acima, Elza faz uma reflexão sobre seu casamento forçado, aos 13 anos, e seu desconhecimento da vida adulta de casal. Logicamente, uma menina, tudo o que sabia era o que tinha observado na interação de seus pais em casa.

Identificamos o rastreamento de Elza, nas palavras ‘Eu’ e ‘ser’. Ambas atuam como oposição a ‘esse tipo de mulher’ e ‘esposa’. Soares se distancia dessas categorias por meio do núcleo das frases, seja por sua vontade ‘não estava nem um pouco a fim’, ou pela falta de conhecimento ‘não sabia’. Em suma, em ambos casos existe um distanciamento da cantora em relação a essas posições.

Ao fim da citação direta de Elza, Camargo oferece sua interpretação da fala de sua biografada ao apontar um possível arrependimento. Por meio do engajamento por heteroglossia, quando o autor não é a fonte da informação, Camargo comenta o que foi dito por Elza. O autor do livro fala sobre arrependimento apontando para uma apreciação negativa daquilo que foi relatado pela cantora.

Não parece existir arrependimento no relato de Elza, como seria possível se arrepender se não houve escolha? Mas é possível identificar certa ambiguidade, principalmente devido ao recorte da fala, na forma como foi apresentada. Na primeira frase Elza no **EXCERTO 08** é enfática “Eu não estava nem um pouco a fim (...)”, na segunda, há quase uma modalização, uma tentativa de suavizar o que foi dito antes “O problema é que eu também não sabia como (...)”. Esse movimento pode oferecer a ilusão de arrependimento, principalmente para alguém que considere que “ser esposa” é um desejo natural feminino.

Em certos momentos da obra, Elza parece transcender a construção idealizada de gênero imposta a todas as mulheres, construindo seu caminho contra qualquer dominação. Mas, em outros momentos, essa lógica binária do que deveria ser a feminilidade e a masculinidade parece vencer toda a resistência construída pela cantora. Essa segunda frase se apresenta quase como um pedido de desculpas pela intensidade da primeira. É como se, por um momento, aquela construção transgressora cedesse e desse lugar a desculpas por não se encaixar no padrão hegemônico.

Camargo (2018) interpreta tal ambiguidade como “quase arrependimento”. Mas se houve arrependimento é possível que não seja aquele exposto pelo autor, o arrependimento de Elza, caso exista, pode estar associado a insegurança nesse movimento de dar conta de si, de se opor a tudo que te oprime e se manter inabalável. Butler (2019), ao tratar sobre a violência ética no processo de relatar a si mesmo, oferece um vislumbre do impacto desse movimento.

Ao se impor “Eu não estava nem um pouco a fim”, Elza também se define, define seu querer naquele momento e isso implica consequências. Se a mulher se define

como alguém, mesmo num momento particular, que não está a fim de ser esposa, que mulher é essa? Essa impossibilidade de definição ao se afastar do que seria conhecido, esperado de uma mulher, pode gerar a hesitação. Mas hesitar também tem seu preço, o preço de ser vista como arrependida, arrependida de não ter sido ou vivido algo que talvez nem se queria ser ou viver.

Em outros momentos, Elza reforça esta mesma maneira de relatar a si mesma, demonstrando força e habilidades incompatíveis com certo ideal de feminilidade, mas que se faziam quase inevitáveis na sua realidade:

> **EXCERTO 09**
> "Desde cedo eu sentia essa necessidade de arrumar dinheiro para colocar comida em casa. Ninguém pedia, não, eu que percebia que meus pais trabalhavam tanto e mesmo assim não dava para pagar todas as contas." (CAMARGO, 2018, p. 32).

A cantora também traz memórias desconstruindo o ideal de maternidade:

> **EXCERTO 10**
> "Eu não me lembro daquela ternura que a gente hoje sabe que tem que existir entre mãe e filho" (CAMARGO, 2018, p. 32).

Se por um lado temos uma visão de si num momento do passado, referindo-se a como se deu o amor de mãe para filho, por outro temos a contextualização atual, do que deveria ser hoje, "a gente hoje sabe que tem que existir". De novo, Elza parece se movimentar entre as nuances de si mesma, como se tentasse se desculpar por quem já foi, ou por quem não conseguiu ser. Ao enfatizar em "tem que existir" ela praticamente imprime uma ordem sobre si mesma, realizando um julgamento de tenacidade. Isso nos remete ao dispositivo materno de Zanello (2018), sobre o qual trataremos adiante, uma forma de imposição social sobre a mulher para cuidar e maternar. Elza, ao recuperar seu passado, coloca sobre si o discurso social sobre a maternidade e se julga ao rever a sua experiência de maternidade naquele momento.

Além disso, nos interessa neste momento a ambiguidade presente na fala de Elza Soares, entre o que sou ou fui e o que seria esperado de mim, e como isso afeta as possibilidades desse reconhecimento de si do processo de auto relato. Ao afirmar "eu não lembro daquela ternura" e "tem que existir entre mãe e filho", a cantora conecta uma memória a um julgamento criando uma relação taxonômica entre o que foi e o que deveria ser. Essa hesitação entre romper com o que se espera de uma mulher e se manter no ideal para agradar ou não ferir, se apresenta como um fio condutor em

vários momentos do relato de Elza. Mesmo sendo ela a personificação da subversão em diferentes âmbitos, como mulher negra e cantora de grande fama.

Paralelamente a isso, o autor, Zeca Camargo, oferece um vislumbre diferente dos relatos:

> **EXCERTO 11**
> "Elza reconhece que sempre teve instinto maternal - cuidou dos pais, dos seus maridos e dos seus amantes, dos filhos e mesmo de outras crianças que não eram suas, como uma grande mãe." (CAMARGO, 2018, p. 47).

Essa declaração é utilizada de maneira elogiosa. A sequência de atividades apresentada nessa citação busca reforçar a atitude de julgamento feito por Camargo, tido por ele como positivo, para definir uma posição de Elza Soares, "uma grande mãe". Entrando no âmbito do lugar de fala, talvez não fosse surpreendente esperar que um homem relacionasse o cuidado dessa forma, como uma característica instintiva feminina. No entanto, essa análise não se reduz ao autor. Ao se referir a seu constante cuidado com todos a sua volta, Elza afirma:

> **EXCERTO 12**
> "Quantas vezes não virei para o Mané e perguntei se ele sairia de casa daquele jeito, sem pegar um casaco para o caso de o tempo esfriar?" (CAMARGO, 2018, p. 47).

Novamente uma sequência de atividades que constrói também uma noção de si, uma ideia de cuidadora que reforça o que foi apontado por Camargo.

Quando pensamos lugar de fala nos atemos à posição social daquele sujeito, da sua origem, seu contexto, mas algo precede tudo isso, aquilo que já existe antes do nosso nascimento, o discurso edificado muito antes de nossa existência. Quando tratamos de hegemonia e de ideologia trazemos de maneira teórica o que significam e como atuam. No entanto, é possível ver na prática seu impacto na constituição dos sujeitos e suas práticas.

Ambos, Elza e Camargo, possuem ou possuíam amplo acesso a informação, a primeira foi uma mulher negra de origem humilde que transcendeu na música e rompeu barreiras sociais, o segundo é um homem branco, jornalista e escritor renomado. Os dois embasam a ideia do amor materno como instintivo, como algo que "tem que existir". No entanto, parece haver uma diferença fundamental na posição da narrativa de cada um deles, Elza apresenta definições ou padrões hegemônicos de maneira dual, contrapondo posicionamentos contestadores que ela mesma expõe,

modalizando sua fala, enquanto Camargo parece realçar apenas o posicionamento mais conservador da cantora, ao menos nesses trechos apresentados.

Os relatos são sobre Elza. Falar de si, de suas memórias, pode envolver inúmeras contradições, incertezas, dualidades. Mas Camargo oferece uma visão mais ampla, ele não fala de si, fala de um outro, baseando-se inclusive em outras fontes além desse outro. E, para esse estudo, esses diferentes lugares de fala se mostram ainda mais enfáticos, pois consideram a capacidade de revisitar, analisar e estudar antes de relatar. Elza fala, relata, narra, Camargo analisa, estuda, edita e publica. Mesmo sendo duas pessoas atravessadas por ideias hegemônicas, como machismo, racismo, classismo, em certo nível, mas perfeitamente capazes de vivenciar, estudar e desconstruir ideias, as posições de Elza e Camargo não estão equiparadas. Camargo sem dúvida está em posição de poder na narrativa, controla como a história deve ser contada e onde o foco deve estar. Elza conta sua história, mas até em seu relato parece hesitar, entre a sua resistência e a opressão daquilo que a precede.

A resistência discursiva, no livro, se apresenta com um formato ambíguo, com contradições, ao mesmo tempo em que Elza Soares, e o próprio autor, contam a história de uma mulher forte, praticamente imbatível em busca de seus objetivos, também parecem oscilar na narrativa na busca por um ser idealizado. Por exemplo, Camargo (2014) chega a definir Elza, no **EXCERTO 11,** como “uma grande mãe”, posição que a cantora parece abraçar, como apresentado anteriormente. Por outro lado, a história narrada no livro traça uma vida longe dos primeiros filhos, em uma busca pelo sucesso pessoal, por sua realização.

Para começar a cantar profissionalmente, Elza Soares precisava emendar o trabalho nas noites musicais com o trabalho diurno, era sua mãe quem cuidava de seus filhos. No início da carreira, Elza passou um longo período na Argentina, buscando um sucesso que não veio naquele momento, também longe da família, perdendo inclusive o velório do pai (CAMARGO, 2018). Se por um lado parece que Elza foi negligente em relação a família na sua busca pessoal, por outro ela é colocada como a cuidadora de todos. E talvez nenhum dos dois extremos sejam Elza Soares, mas o entrelaçamento dos dois.

Quando me proponho a analisar a relação dialética do processo de relatar a si mesmo é esta forma de definição que me vem à mente. A resistência de Elza parece surgir na sua complexidade, tanto de não se submeter quando isso é o esperado dela, como o de construir sua própria realidade dentro do que seria o aceitável socialmente.

Essa ambiguidade surge em outros momentos, como quando se submeteu à gravadora depois de um convite internacional:

> **EXCERTO 13**
> "Eles simplesmente não me liberaram. Me mandaram uma carta dizendo que não poderiam me dispensar, que eu ainda tinha de gravar muitos discos com eles e, com isso, vi meu sonho de morar fora indo embora. A Odeon me boicotou." (CAMARGO, 2018, p. 212).

No entanto, mais tarde, Elza Soares impôs seus interesses àquela mesma gravadora, ao reconhece-los como racistas e apadrinhar um grande parceiro e músico negro, Roberto Ribeiro.

O processo de relatar a si mesma, até pelo olhar do outro quando a ação é feita por Camargo, pode se mostrar fixa em alguns momentos, como nestes exemplos de momentos extremos na biografia. Mas ao observar a amplitude e a complexidade das situações, é possível identificar a grande fluidez das ações, uma fluidez que parece se mostrar necessária para resistir e conquistar.

4.2 BELA, MÃE E DO MUNDO: SOBRE MATERNIDADE, CASAMENTO E INDIVIDUALIDADE

Elza Soares viveu sua juventude e início da vida adulta em uma época em que as mulheres tinham muito pouco ou nenhum acesso a contraceptivos e a educação sexual. Soares nasceu na década de 1930 e a pílula anticoncepcional foi liberada no Brasil na década de 1960 (PEDRO, 2023). Ser mãe poderia ser uma consequência do amadurecimento sexual ou do casamento compulsório. A cantora deu à luz a seis filhos quase que ininterruptamente, dois morreram recém-nascidos. A sequência de gestações cessou somente quando o marido Alaordes estava muito doente, com tuberculose (CAMARGO, 2018).

Não havia o sonho de ser mãe, não havia uma realização por meio da maternidade. O que existia era uma menina engravidando inúmeras vezes, na pobreza, sem nenhuma escolha ou controle sobre seu corpo. Elza engravidou pela primeira vez aos 13 anos, interrompendo sua infância, e as gestações foram contínuas, num ambiente de violência, pobreza e quase nenhum recurso para oferecer uma vida digna às crianças que chegavam.

Entre a maternidade e a extrema pobreza, a jovem Elza era suprimida em um movimento de jornadas duplas ou triplas de trabalho:

> **EXCERTO 14**
> "Eu saía do trabalho, chegava em casa, dava banho nas crianças (...), fazia um pouco de comida, botava todo mundo para dormir, ainda ficava com Alaordes... não tinha tempo para nada, nenhum tempo para mim." (CAMARGOS, 2018, p. 52).

A sequência de atividades apresentadas nessa citação realizam, no discurso, linguisticamente, a exaustão de Elza, ações seguidas, ininterruptas, quase automáticas, expõem uma rotina esgotante. O núcleo dessa sequência de atividades é a cantora, identificada por 'eu'. É quase possível sentir a exaustão por meio da leitura, uma frase contendo várias frases, que não terminam nem em seu fim, quando reticências são usadas, talvez para representar como aquilo foi recorrente, ou ainda um silêncio triste e cansado.

Elza retrata uma rotina de dedicação completa a outros e na passagem "nenhum tempo para mim" demonstra o custo desse cuidado dedicado aos outros. É possível dizer que ter tempo para si poderia nem parecer uma escolha em meio àquele cenário. Esse padrão não começou ou terminou com a cantora, na sua biografia o esforço contínuo de sua mãe para cuidar das filhas, trabalhava como lavadeira e também realizava todo o trabalho doméstico, é citado inúmeras vezes. Em uma passagem lemos:

> **EXCERTO 15**
> "Eu tinha pena da minha mãe, que não saía do tanque, só trabalhava – e eu precisava ajudar. Mas era muito esperta e sabia me virar." Elza desafiava a irmã Bibina: "Quer ver como eu vou arranjar dinheiro?" E saía procurando coisas descartadas na rua, para depois vender por aí. (...) O que importa é que ela voltaria para casa com pacote de biscoitos ou mesmo com um pouco de manteiga (...)." (CAMARGOS, 2018, p. 33).

Mais adiante no livro, Elza também afirma:

> **EXCERTO 16**
> "Eu via minha mãe trabalhando demais e aquilo me doía muito." (CAMARGO, 2018, p. 49).

A repetição da palavra trabalho nas citações, associadas a Elza e sua mãe, e de expressões que remetem a trabalho, como "dava banho (...) fazia um pouco de comida, botava todo mundo para dormir" demonstram a ênfase no trabalho feminino

e também a vida difícil da cantora. E, na avaliação de afeto nas frases “eu tinha pena da minha mãe” e “aquilo me doía muito”, de novo em relação ao trabalho excessivo praticado por Dona Rosália, é identificado a situação opressora vivida por elas.

Existe aqui um padrão que se repete não apenas na vida de Elza Soares, nesta época, mas na vida de milhões de mulheres ao redor do mundo também na atualidade. Mulheres possuem jornada dupla ou tripla porque são as maiores ou únicas responsáveis pelos serviços domésticos e pelos filhos. São elas que executam 75% dos trabalhos de cuidado não-remunerados, em nível global (OXFAM, 2020).

A questão do cuidado também se estende a outros temas ao longo do livro, ela afeta diretamente a relação da mulher com o mundo e, inclusive, com a forma que as pessoas são vistas e, claro, como cada mulher se vê. Em determinado momento, Camargo (2018, p. 102) escreve:

> **EXCERTO 17**
> Sim, esse era o pai que havia obrigado Elza a se casar aos 13 anos. Mas era também o pai que a despertava na esteira todos os dias, antes de sair para trabalhar. E ela, sempre com seu instinto maternal mesmo com relação à figura paterna, só guardava as boas lembranças.

Mais uma vez o instinto maternal surge no texto de Camargo, agora conectado ao pai de Elza. Parece não existir limites para o papel de mãe, para o autor, é possível ser mãe de maridos e pais também, mais uma vez homens sendo retratados como crianças, isentados de sua responsabilidade no mundo. A sequência “pai que havia obrigado Elza a se casar” > “o pai que a despertava na esteira” > “instinto maternal mesmo com relação à figura paterna” > “só guardava boas lembranças” parece buscar apagar qualquer atitude do pai que poderia ser considerada danosa em nome de um cuidado maternal. Afinal, não é possível existir amor e raiva ou ressentimento coexistindo? O ideal da maternidade oferece exatamente essa pureza, um amor livre de qualquer sentimento dito negativo, completamente submisso. É preciso destacar que esta é uma interpretação do autor daquela realidade, não uma afirmação de Elza Soares. É Camargo, um homem, quem afirma que, mesmo na conflituosa relação entre pai e filha, só existiam “boas lembranças”.

Nisso vemos também como a sobrecarga do trabalho de cuidado sobre as mulheres é intensificada pela crença de uma suposta vocação inata feminina para o cuidado, o que muitas vezes é traduzido como instinto materno. Este tema foi o foco de estudos científicos que buscavam demonstrar o vínculo instintivo entre mãe e filho:

> Os anos 1970 viram a pediatria americana assumir a vanguarda desse movimento que ainda hoje continua conquistando adeptos na Europa. Eles se apoiaram principalmente na etologia (ciência dos comportamentos das espécies animais) para lembrar às mulheres que elas eram mamíferas como outras, dotadas dos mesmos hormônios da maternagem: a oxitocina e a prolactina. Consequentemente, salvo aberrações culturais, elas devem estabelecer com o bebê um laço automático e imediato pela ação de um processo neurobiológico-químico (BADINTER, 2011, p. 58-59).

O instinto e a animalidade do ser humano são recuperados quando é necessário submeter mulheres ao trabalho de cuidado não-pago e isentar homens de sua responsabilidade afetiva e social. O instinto materno surge para legitimar a imposição de que a mulher deve ser a principal responsável pelo cuidado de tudo e todos a sua volta. No entanto, o que se perde nessa presunção de aptidão biológica é a complexidade humana, que envolve questões como cultura e relação social, além do desenvolvimento cerebral, em comparação a outros mamíferos.

Badinter (2011, p. 67) discute os estudos de Sarah B. Hrdy acerca da maternidade e do instinto. Os trabalhos da pesquisadora demonstram como o instinto é instantâneo em roedores e se torna mais maleável em primatas e mulheres: “aqueles dotados de um neocórtex, mostram reações menos estereotipadas”. A complexidade do cérebro humano não ignora o instinto, mas o faz conviver com diferentes estímulos, a história, o contexto social, econômico e cultural de cada mulher vai interferir diretamente na sua relação com seu filho, e com o mundo.

Para além da questão instintiva, podemos observar uma imposição social do que implica ser mãe na nossa sociedade. Zanello (2018) afirma que na cultura ocidental, predominantemente branca, existe uma associação direta entre procriação e maternagem, esta seria as ações de cuidado despendido na criação de um bebê. Isso significa que a posição daquela que dá à luz engloba a responsabilidade do cuidar, do criar o bebê, de garantir os cuidados básicos para aquele ser viver e crescer. A autora complementa que o mesmo não acontece em comunidades africanas, por exemplo, nas quais o trabalho de cuidado das crianças é compartilhado na comunidade.

Afirmar que mulheres devem ficar com os filhos em casa ou serem suas principais cuidadoras devido ao instinto, ou seu desdobramento cultural, apresenta-se como uma forma de violência, uma tentativa de submeter mulheres ao confiná-las ao espaço doméstico.

Zanello (2018, p. 150) oferece uma perspectiva sobre o que nomeia como dispositivo materno, que seria a naturalização da mulher como responsável pelo trabalho de cuidado:

> Se o cuidar é “natural”, seremos demandadas (e nos exigiremos) a funcionar nesse dispositivo. Executar tal cuidado exige dispêndio de energia física e psíquica, além de um saber fazer, “savoir-faire”. Ou seja, é *trabalho*. No entanto recebeu uma “capa afetiva”, para transformar em “espontaneidade” o que é fruto de um processo gendrado de subjetivação, ao qual a cultura presta sua grande contribuição.

O trabalho de cuidado, principalmente aquele não remunerado, é destinado a grupos subalternos, em especial mulheres negras e pobres (COLLINS, 2009). Esse é um trabalho essencial, sem o qual não existe sociedade. No entanto, hegemonicamente, existe um esforço para que se mantenha tais trabalhadoras à margem, tanto da consciência da relevância de sua prática, quanto de si mesmas e sua possibilidade de escolha.

No **EXCERTO 08**, Elza comenta:

> “Mulher para ele (Alaordes, o primeiro marido), no sentido de esposa, era alguém que ele queria em casa para deixar tudo arrumado, no sentido de trabalhar para o lar. Eu fazia isso porque era uma coisa que tinha aprendido com minha mãe, mas não como obrigação, era algo que eu achava que deixaria meu marido mais feliz. Eu não estava nem um pouco a fim de ser esse tipo de mulher. O problema é que eu também não sabia como uma esposa deveria ser...” (CAMARGO, 2018, p. 46).

Nesse excerto, a sequência de atividades pode ser identificada no seguimento esposa > deixar tudo arrumado > aprendido com minha mãe > achava que deixaria meu marido feliz. A lógica apresentada na citação demonstra não apenas o que posso entender como demandas do marido, mas a falta de conhecimento de Elza sobre suas próprias possibilidades. É possível identificar também uma oposição entre aquilo que foi aprendido com a mãe, dito no início, com a frase “não sabia como uma esposa deveria ser”. Elza demonstra aí uma reflexão sobre seu passado. Ela também avalia por um julgamento aquela situação “não estava afim de ser esse tipo de mulher”, ao reconhecer o que era esperado de uma mulher e buscar se afastar de tal papel.

Nesta declaração, Soares corrobora não apenas a expectativa social sobre sua posição de esposa, demonstrada pela vontade de seu marido, mas também a sua falta de perspectiva em relação a própria vida. Além disso, é possível identificar no extrato acima, umas das formas mais bem-sucedidas de como os conhecimentos

atribuídos ao gênero são repassados. Cuidados com a casa e os filhos são passados de mãe para filha, além de serem amplamente impostos socialmente a meninas, como em brinquedos e brincadeiras ditas femininas.

A lógica da divisão do gênero é discursiva, atravessada pelas práticas sociais, e influencia, inclusive, discursos supostamente científicos, como a participação do instinto no bom desempenho do cuidado com os filhos, os outros e até de si mesmos. Em vários momentos, em sua biografia, Elza fala sobre sua preocupação com o segundo marido, Mané Garrincha, desde suas roupas até a sua vida social. Cuidar de si é um ato esperado de pessoas adultas, mas esse não parece ser um pensamento lógico de Elza em relação aos seus maridos, e talvez não seja diferente na casa de várias famílias brasileiras. Em uma passagem, Elza afirma (CAMARGO, 2018, p. 255):

> **EXCERTO 18**
> "Quantas vezes não virei para o Mané e perguntei se ele sairia de casa daquele jeito, sem pegar um casaco para o caso de o tempo esfriar?".

É possível observar aqui uma sequência de atividades, um ato rotineiro explícito em "quantas vezes não virei (...) e perguntei". Existe aqui uma amostra de um hábito constante naquele relacionamento, o ato de vigiar, corrigir e orientar o outro. Este se assemelha muito a um hábito de uma mãe com o filho, direcionando-o para a vida adulta repetidamente. No entanto, Garrincha não era criança, já era um homem adulto e Elza era sua esposa, não sua mãe.

A cantora ainda vai além na sua ideia de cuidado que se aproxima, inúmeras vezes, de uma forma de controle (CAMARGO, 2018, p. 254):

> **EXCERTO 19**
> "Eu gostava mesmo quando ele ficava comigo, quando eu podia ver onde ele estava.".

Nesse excerto, ela se refere novamente a Mané Garrincha. Nesse trecho, Elza pode ser rastreada mais uma vez em primeira pessoa, o pronome 'eu' se destaca duas vezes, enquanto Mané surge pelo 'ele', também repetido duas vezes. Em ambos os casos o 'eu' é o sujeito ativo, quem gosta, demonstrando aqui uma atitude de afeto positivo pelo marido de uma maneira condicional, que seria "quando ele ficava comigo" e quando ela "podia ver onde ele estava".

A postura de controle de Elza em relação a Garrincha é recorrente no texto analisado, seja no início do namoro:

> **EXCERTO 20**
> "Contratei um professor para dar aulas para o Mané. Ele não dava a mínima para aquilo. Mas para mim era importante." (CAMARGO, 2018, p. 184).

Ou já nos últimos anos de relacionamento:

> **EXCERTO 21**
> "Claro que não deixei de vigiá-lo nem de acompanhar seus passos de perto. Para mim, era como se fosse um filho, que exigia cuidados constantes". (CAMARGO, 2018, p. 250).

A sequência de atividades da primeira citação demonstra como o esforço era todo despendido por Elza, até porque era ela que via a relevância naquela situação. A apreciação negativa de Garrincha pelas aulas é exposto em "não dava a mínima", mas para Elza a apreciação era o oposto, positiva, "importante". Isso demonstra a oposição entre o pensamento dos dois, diferenças que, no futuro, culminam na ruptura do relacionamento. Já na citação seguinte a relação taxonômica entre as duas frases associa de forma direta o casamento de Elza a uma relação maternal. O controle, o cuidado excessivo, a forma talvez obcecada com que Elza se relaciona com o ex-jogador de futebol é associada, por ela mesma, a uma relação de uma mãe com seu filho.

Nesse momento é possível identificar também uma outra face da resistência discursiva, quanto se resiste ao que está posto não para revolucionar, mas para não transformar. Ao mesmo tempo em que Elza Soares parece buscar transformar Garrinha e oferecer o que ela considera ser uma evolução para ele. A cantora se resigna a seu papel original, àquilo que foi ensinado por sua mãe, cuidar do marido, cuidar de tudo. Neste momento, então, ambos resistem à mudança, Garrincha resiste a crescer profissionalmente, a ter e seguir uma ambição. Elza resiste a deixar de ser cuidadora do marido, a abandonar o papel que anos antes já tinha decidido não adotar.

A educação que atravessa meninas é focada na "relação, o desenvolvimento da empatia, da responsabilidade e da disponibilidade para o outro." (ZANELLO, 2018, p. 150). Isso é comprovado pelo que apresentei nos **EXCERTOS 18, 19, 20, 21**, por exemplo, mas também se vê em outras partes da biografia, mesmo no início da vida, quando Elza ainda era uma menina e precisava trabalhar muito para manter os filhos:

EXCERTO 22
"(...) Elza sabia que estava menos presente do que gostaria na vida das crianças. (...) vinha uma culpa de que ela deveria dar mais atenção a eles." (CAMARGO, 2018, p. 52).

Essas são palavras de Camargo, mas a própria Elza expõe uma ideia parecida:

EXCERTO 23
"Até hoje eu sinto culpa das coisas que meus filhos tiveram de passar. Nenhuma criança deve ser criada como eles foram, tão longe da mãe (…)" (CAMARGO, 2018, p. 140).

Essa atitude de julgamento moral do que uma mãe deveria fazer pelos filhos, mesmo uma mãe adolescente sem recursos, é demonstrado pela "culpa do que ela deveria dar". Esse 'dever' nem sempre dito, mas subentendido socialmente sobre as obrigações das mães, é resultado de um grande alinhamento hegemônico de opressão feminina.

Fairclough (2001, p. 117) afirma que "As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o status de 'senso comum'.". E não é difícil perceber como esse foi o trajeto da ideia de maternidade. As noções que envolvem o que deve ser uma mãe e um pai, ou um homem e uma mulher, na nossa sociedade, nascem de uma ideologia com bases no patriarcado surgido na idade média, elaborada por e para homens brancos.

A ideia de que cabia às mães o cuidado e a permanência integral com os filhos, paira há décadas na mentalidade coletiva. Mas nos anos de 1970 essa lógica ganhou um reforço científico de pediatras que, com a teoria do vínculo, afirmavam que o não convívio intenso com a mãe após o parto prejudicaria o bebê em toda sua vida, podendo, inclusive, tornar-se um criminoso (BADINTER, 2011). Nesta época, mulheres já trabalhavam, estudavam e se profissionalizaram, esse tipo de estudo resultou numa intensificação do que conhecemos por culpa materna. Um sentimento que Elza já tinha na adolescência, sem ter conhecimento algum de desenvolvimento cognitivo, com a única preocupação de conseguir alimentar seus filhos e dar alguma atenção a eles. Essa culpa surge novamente na frase:

EXCERTO 24
"aquelas crianças já tinham sofrido tanto." (CAMARGO, 2018, p. 230)

A frase é usada quando Elza pondera suas decisões de maneira a impactar o mínimo possível a vida dos filhos. A gradação em ‘tanto’ parece demonstrar o peso do passado dos filhos na vida de Elza.

A racionalidade ideológica de limitar mães psicológica e fisicamente, colocando sobre elas a exclusividade da vida dos filhos, parece ter sido, e ainda ser, movida por ações discursivas em inúmeras instâncias, inclusive a científica, como citado acima. No entanto, mesmo com os inúmeros atravessamentos na constituição do sujeito, ele tem a possibilidade de atuar sobre sua vida, mesmo dentro de possíveis limitações.

> (...) minha referência a 'transformação' aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação. Quando são encontradas práticas discursivas contrastantes em um domínio particular ou instituição, há probabilidade de que parte desse contraste seja ideológica (FAIRCLOUGH, 2001, 117).

Essa luta ideológica que, por vezes, atravessa os sujeitos e sociedades, pode ser exemplificada pela própria Elza e a forma como conduziu sua vida. Na questão da maternidade, por exemplo, trabalhou por necessidade de sustentar os filhos, cuidou da melhor forma que pode, sempre almejando algo mais, o sonho de ser cantora. Ao mesmo tempo em que carregava o peso das obrigações da maternidade, do casamento, da pobreza, Elza buscava, desejava uma transformação que parecia improvável naquela realidade. Escondido da família, ela fazia apresentações noturnas com uma orquestra e até foi ganhadora no famoso no show de calouros de Ary Barroso. A realidade de Elza não a paralisou, a cantora se tornou uma grande estrela internacional contra qualquer expectativa lógica. Talvez não tenha uma única resposta sobre o por quê de isso acontecer. A trajetória de Elza não pode estar associada exclusivamente a sua ações, todos aqueles ao redor de Elza e as circunstâncias pelas quais a cantora passou contribuíram de uma forma ou de outra para o desenvolvimento de seu percurso. Mas as variantes que contribuíram para o sucesso de Elza estão conectadas a sua resistência, que pode ser vista na obstinação, na ambição com que conduziu sua vida, sempre buscando mais e olhando para onde queria chegar sem ignorar o que precisava fazer no presente.

Por outro lado, mesmo sendo uma personalidade fora do padrão, uma mulher negra pobre em ascensão, Elza ainda demonstra uma apreciação negativa em relação a sua trajetória no que diz respeito aos filhos, observamos isso no **EXCERTO 23**: “Até

hoje eu sinto culpa das coisas que meus filhos tiveram que passar. Nenhuma criança deve ser criada como eles foram, tão longe da mãe (...)". A atitude de julgamento moral de si mesma, demonstrada pela culpa e associando esta culpa a ausência materna, demonstra como a resistência de Elza para superar sua condição de pobreza e oferecer uma vida melhor para os filhos também deixou resquícios de tristeza. Foi pelo trabalho na música, o que gerou uma ausência maior na vida dos filhos, que Elza conseguiu mudar sua vida e de sua família, mas sua ausência os deixou vulneráveis, porque ela era a mãe, ela deveria cuidar, mesmo que tivessem um pai vivendo na mesma casa. A subversão na sua vida profissional não impediu as consequências na consciência de Elza, mesmo sendo a dona de sua própria vida, em certo aspecto, ainda estava presa àquilo que, ainda criança, trazia sofrimento.

Na questão da maternidade em si, Elza não teve escolha sobre a opção de ter ou não ter filhos. De certa maneira aquilo foi imposto tanto pelo casamento precoce e a violência do marido, como por sua falta de informação na época. Esse é um tópico que parecia ter ganhado ares de liberação nos anos 1970, com a pílula anticoncepcional, que trouxe a possibilidade de controle reprodutivo feminino como escolha da própria mulher. A partir desse momento histórico, gradualmente, a maternidade foi ocupando um lugar diferente na vida de muitas mulheres.

> Pode-se dar prioridade às ambições pessoais, gozar do celibato e de uma vida de casal sem filhos, ou satisfazer o desejo de maternidade, com ou sem atividade profissional. De resto, essa nova liberdade se revelou fonte de uma espécie de contradição. Por um lado, modificou sensivelmente a condição da maternidade, implicando o acréscimo de deveres à criança que se *decidiu* pôr no mundo. Por outros, dando fim às antigas noções de destino e de necessidade natural, ela traz para o primeiro plano a ideia de realização pessoal (BADINTER, 2011, p. 9-10).

A ideia geral é atribuir um senso de liberdade à pílula anticoncepcional, pois o sexo não se torna mais atrelado à maternidade, o casamento também não, ao menos na teoria. A maternidade sai do âmbito do natural inevitável para se deslocar para a fonte de desejo. Se a concepção de um filho era um desenrolar automático da vida adulta, com a pílula se torna uma escolha. As questões que implicam gerar e criar uma criança passam a ser assuntos relevantes, que devem ser pesados e analisados. Portanto, é necessário que um algo a mais esteja atrelado ao conceito de ser mãe, uma ideia abstrata que supere as concessões e o comprometimento com a criação de um filho.

Badinter (2011) realiza uma extensa pesquisa analisando o impacto da maternidade na vida das mulheres, sem ignorar o que, via de regra, antecede o ser mãe: o papel de esposa. A autora retorna a Durkheim para afirmar que o casamento impacta significantemente a condição social e cultural da mulher. É possível perceber esse custo feminino no matrimônio não apenas no primeiro casamento de Elza, nos anos 1940, mas também no último, com Mané Garrincha, que perdurou até 1982. Sobre o fim do primeiro casamento, a cantora declarou:

> **EXCERTO 25**
> "Eu tinha pavor de ter outro homem dentro de casa, medo de ser de novo uma dona de casa, sabe aquelas coisas? Vestir um avental, ir para a cozinha, sair limpando a casa toda. Tinha medo até de ter que voltar a colocar uma lata d'água na cabeça.(...) Eu aprendi a amar meus filhos, mas, quando eles chegaram, eram apenas consequências das coisas que Alaordes fazia comigo. Eu me lembro claramente de não querer ficar grávida novamente depois que Carlinhos nasceu." (CAMARGO, 2018, p. 143).

Na fala de Elza, a sequência de atividades aparece novamente, no trecho sublinhado por mim, a fim de traçar uma imagem de rotina desgastante da mulher realizando trabalhos domésticos, culminando na pobreza com a expressão "colocar uma lata d'água na cabeça", que remete a uma tarefa delegada a Elza desde a infância. A cantora demonstra a avaliação de afeto negativo daquela situação ao ilustrar sua aversão como palavras como "pavor" e "medo". E é possível mais uma vez remover o ideal de instinto materno quando Elza declara "aprendi a amar meus filhos". O amor de Elza, como possivelmente todos os amores, foi construído no dia a dia, na rotina, não simplesmente nasceu com sua gestação. Esse trecho demonstra exatamente isso, o que faz oposição a declaração de Camargo no **EXCERTO 11**: "Elza reconhece que sempre teve instinto maternal". A visão tradicional de Camargo entra em contradição com a da própria biografada quando amor de mãe e cuidado são tratados.

4.3 FORÇA, SUJEIÇÃO E VIOLÊNCIA: A AMBIGUIDADE E OS HOMENS NA VIDA DE ELZA

Apesar de seu "pavor em colocar um homem dentro de casa" (CAMARGO, 2018, p. 143) e ter que lidar com todas as implicações domésticas que isso poderia trazer, Elza se casou novamente, dessa vez com o jogador de futebol do Botafogo e da Seleção Brasileira, Mané Garrincha. No entanto, o cenário era diferente do seu

primeiro casamento. Elza já era uma cantora famosa, os filhos estavam crescidos e sua relação com Garrincha é descrita com afeto, diferentemente do primeiro casamento. No entanto, existiam outras questões: Mané era alcoólatra, Elza odiava bebidas exatamente porque o pai e o primeiro marido tinham o mesmo problema, que ainda não era visto como doença naquela época (CAMARGO, 2018). Em vários momentos da biografia, Elza relata sobre sua tensão devido ao alcoolismo do jogador, o que parecia prejudicar até sua saúde mental e pode, inclusive, justificar uma tentativa de controle exacerbada sobre Garrincha, como a demonstrada no **EXCERTO 21**: "Claro que não deixei de vigiá-lo nem de acompanhar seus passos de perto. Para mim, era como se fosse um filho, que exigia cuidados constantes." (CAMARGO, 2018, p. 250).

Elza era uma mulher independente financeiramente quando se uniu a Mané, nesse segundo casamento. De certa forma, tinha a possibilidade de fazer escolhas no relacionamento. No primeiro casamento, com Alaordes, esse não era o caso, ela não teve escolha nem sobre querer ou não se casar. Dentro do casamento, então, as opções pareciam praticamente inexistentes.

No primeiro casamento de Elza os abusos eram constantes. Em seus relatos no livro *Elza* (2018), fica claro que não existia, de sua parte, nenhuma vontade de se envolver sexualmente com o marido e que as relações eram forçadas:

> **EXCERTO 26**
> "Eu garanto que não senti o menor prazer", afirma Elza, "odiei tudo, queria ficar livre daquilo logo. O Alaordes fazia tudo, sem nenhum carinho – e eu só queria soltar pipa, pular amarelinha, pular corda, correr com os meninos da rua." (CAMARGOS, 2018, p. 45).

O afeto negativo daqueles acontecimentos se mostra nas passagens "não senti o menor prazer" e "odiei tudo". Apesar de casada, Elza parecia se sentir uma prisioneira. À oposição do que sofria com o marido está uma liberdade infantil, expressa na sequência de atividades "soltar pipa, pular amarelinha", tudo o que foi tirado dela precocemente com o casamento forçado.

Aos 18 anos, Elza já tinha quatro filhos, com tantas crianças e a extrema pobreza, ela perdeu seu segundo filho, Raimundo. O menino estava com pneumonia e como era muito fraco, talvez devido uma nutrição deficiente, não resistiu, mesmo com medicação. Ela também deu à luz a um bebê que nasceu e morreu logo em seguida. Um outro filho, Gérson, foi entregue aos cuidados de seus padrinhos e, mais

tarde, a contragosto de Elza, foi adotado por eles (CAMARGOS, 2018). Este último evento, inclusive, é fonte de sofrimento para a cantora:

> **EXCERTO 27**
> "Eu não tinha opção: para ter condições de o Gérson sobreviver com saúde, para ele ter um pouco de comida, uma roupa decente, eu tive que pedir para seus padrinhos criarem ele. Nunca quis que eles adotassem de verdade o menino, mas quando eu vi eles já tinham ido na Justiça, dizendo que eu não tinha meios de criar mais um filho, pintaram a minha vida como se fosse a maior miséria – eu me senti muito humilhada." (CAMARGO, 2018, p. 140).

Nesse trecho, identificamos o afeto negativo pelo que se passava a partir da expressão "eu me senti muito humilhada". Essa humilhação, apesar de ter décadas de distância de seu relato, aparentava estar bem viva na memória de Elza, que descreve o que ouviu na vara de justiça (CAMARGO, 2018, p. 140):

> **EXCERTO 28**
> "A senhora tem que dar essa criança, estou vendo que com essa família ele vai ter uma vida melhor... olha, a sua roupa, olha você... como é que vai poder dar as coisas para essa criança?".

A última pergunta, depois das afirmações feitas, parece ter sido retórica. A atitude de julgamento negativo do juíz que recaiu sobre Elza se apresenta, principalmente, nos trechos sublinhados. Neste momento é observado um discurso direto engajando uma autoridade jurídica, Elza descreve a situação de humilhação proveniente da fala de alguém numa posição de poder sobre ela.

Uma adolescente negra, pobre ouvindo tais palavras de um juiz, o impacto foi forte o bastante para que as palavras permanecessem na mente da cantora por quase oito décadas. Um homem em uma posição de poder ditava se Elza poderia ou não criar seu próprio filho. Para além de qualquer julgamento sobre os recursos de Elza naquela época, não parece ter existido diálogo, busca por compreensão, seu filho foi tirado dela como se fosse um objeto de posse, como se Elza não tivesse direitos, o que se repetia em diversos momentos de sua vida. Seu pai ordenou que casasse, seu marido impôs sexo, submissão e filhos, um juiz lhe tirou um deles. Sua vida, em diversos momentos, foi dominada por homens. No **EXCERTO 25** Elza fala sobre como os filhos eram "consequências das coisas que Alaordes fazia com comigo" (CAMARGOS, 2018, p. 43). Ela não controlava seu corpo, sua gravidez e, por fim, também não pode controlar a guarda de um filho.

Mulheres em extrema pobreza, que vivem a realidade que Elza viveu por quase duas décadas, por vezes, se submetem a homens por necessidade econômica ou por questões culturais, como foi o caso da cantora que, apesar de ter sido forçada ao casamento na adolescência, permaneceu nessa situação por quase dez anos. No entanto, não são apenas mulheres pobres e jovens que parecem vulneráveis ao poder masculino. Elza, já bem-sucedida, madura, dona de si, teve um relacionamento de quase duas décadas com Mané Garrincha que envolveu muitos abusos. Relacionamento que abarcou escândalos públicos, violência física e psicológica e uma sequência de danos a vida pessoal e profissional de Elza Soares.

Seria mais simples compreender que a vulnerabilidade ao homem surge de questões econômicas, mas a realidade mostra o contrário. O amor romântico surge como uma importante forma de opressão:

> O amor, mais do que o parto, é o pivô da opressão das mulheres (Firestone, 1976). Para as mulheres, o amor diz respeito à sua identidade, como uma experiência vital. O amor, em nossa cultura, se apresenta como a maior forma (e a mais invisível) de apropriação e desempoderamento das mulheres (ZANELLO, 2018, p. 83).

A autora faz um retorno à história para demonstrar como mulheres foram levadas a perceber seu valor por meio do olhar dos homens, do desejo e do amor deles. A relação que Elza estabelece com Mané Garrincha demonstra muito do que Zanello (2018) apresenta como dispositivo amoroso. A cantora passa os anos de seu relacionamento com o jogador de futebol não apenas o sustentando financeiramente, mas emocional e psicologicamente, Elza parece querer dar tudo a Mané, mesmo aparentemente recebendo muito pouco ou quase nada.

Garrincha não tem ambições, não é interessado no dinheiro de Elza, talvez devido ao alcoolismo se interessa por muito pouco. Mas, talvez também com a contribuição do alcoolismo, é abusivo, por vezes violento e distraído às necessidades de outros a sua volta. É possível que o recorte mais emblemático da relação dos dois seja aquele que envolve o nascimento do único filho biológico deles.

> **EXCERTO 29**
> "Eu nem tinha mais desejo de ter filhos, mas eu tinha a esperança de que um moleque ia mudar a vida do Mané." (...) "Quando pensei nessa possibilidade, mergulhei de cabeça. Sabia que não seria fácil, pois eu tive um problema nas trompas. Eu tinha consciência de que teria de encarar um tratamento para engravidar de novo. Então, procurei os melhores médicos, tomei umas injeções, fiz repouso – tudo que eu podia fazer para dar finalmente um filho ao Mané eu fiz." (CAMARGO, 2018, p. 247).

Esta citação como um todo é construída em uma sequência de atividades apresentada que demonstra quase uma reverência ao parceiro, Mané Garrincha. Isso é comprovado tanto em atividades mentais (mergulhei de cabeça > tinha consciência > teria que encarar), quanto em ações (procurei os melhores médicos > tomei injeções > fiz repouso). Além disso, na primeira frase sublinhada, Elza reintroduz essa ambiguidade tão presente em suas falas, não tinha vontade de ter mais filhos, mas resolveu ter para transformar o parceiro. Mais uma vez o controle se mistura ao cuidado de uma forma arriscada, Elza se coloca como a salvadora de Garrincha e, para atingir seu objetivo, está disposta a ignorar seu próprio desejo.

Ambos já tinham muitos filhos, já adolescentes ou adultos, mas Garrincha queria ter um menino. Elza viu aí uma forma de fazer o marido parar de beber. Fizeram um acordo, Garrincha deixaria a bebida e Elza lhe daria um menino. Durante a gravidez tudo correu bem, mas no dia do nascimento de Juninho, Mané desapareceu, depois foi bêbado visitar o filho na maternidade (CAMARGO, 2018). Uma série de abusos sucedeu o nascimento do filho, o que culminou em Mané Garrincha, bêbado, ameaçando jogar a criança do topo de uma escada. Esse foi o fim para Elza, que afirma:

> **EXCERTO 30**
> "Eu percebi que cuidava de dois bebês e finalmente disse: Chega! Vou cuidar de um só!" (CAMARGO, 2018, p. 267).

A sequência de atividades nessa declaração apresenta um rompimento. Não era novo o reconhecimento desse cuidado maternal com Garrinha. Em outros momentos, como mostrado no **EXCERTO 21**, ela já havia declarado que Garrincha "era como se fosse um filho, que exigia cuidados constantes." (CAMARGO, 2018, p. 250). Mas nesse momento, com um bebê de fato em casa, o cenário mudou. A sequência "Chega! Vou cuidar de um só!" termina o relacionamento com Garrincha, talvez por oferecer um vislumbre da carga emocional que ela levava consigo nesse casamento.

Elza só foi capaz de terminar seu casamento quando tinha um outro ser para cuidar. Escolhe exercer a maternidade somente para o filho que gerou. Podemos remeter esse acontecimento ao dispositivo materno (ZANELLO, 2018), que não se resume a filhos, mas é um aparato estrutural de cuidado da mulher com o mundo em detrimento de si.

Elza, depois do primeiro casamento, tinha receios sobre se relacionar novamente, mas tudo isso foi esquecido quando se apaixonou por Garrincha. A opinião pública era contra o relacionamento, pois o jogador já era casado e tinha sete filhas, ela passou todos os anos lutando, sozinha, contra o alcoolismo de Garrincha, seus abusos, violências e indiferenças, e colocou, inclusive, sua carreira em risco ao se relacionar com ele. Quanto mais Mané se prejudicava com seus problemas, mais Elza se aproximava, buscava resolver, tentar controlar, solucionar.

Os dispositivos amoroso e materno parecem se confundir na relação da mulher com o homem. O cuidado, a atenção, a energia depositada no relacionamento pode tomar proporções que anulam até a visão de si mesma. Para Zanello (2018, p. 84), "(...) as mulheres se subjetivam, na relação consigo mesmas, mediadas pelo olhar de um homem que a 'escolha'". Seria quase dizer que a mulher se enxerga mulher ao ser escolhida por um homem, a autora define esse fato como uma questão identitária.

Para além das violências físicas, presentes em ambos casamentos, as prisões psicológicas e físicas se faziam presentes. Se no primeiro matrimônio, com Alaordes, Elza se via presa entre a vida doméstica e os filhos, no segundo estava obcecada com uma mistura de cuidado e controle sobre seu marido. Sobre este último, havia um senso de responsabilidade que Elza colocava sobre si quando o assunto era Garrincha, ela demonstra que sentiu, durante todo o casamento, a necessidade de cuidar, organizar e melhorar a vida de Mané:

> **EXCERTO 31**
> "Eu não tinha que cuidar apenas da minha carreira, mas também da dele, aliás, como sempre." (CAMARGO, 2019, p. 234).

Essa sequência de atividades se associa ao núcleo da frase 'cuidar', um verbo muito presente na vida de Elza. Inclusive, ao falar de todas as pessoas que Elza cuidava, lemos no **EXCERTO 11**: "cuidou dos pais, dos seus maridos e dos seus amantes, dos filhos e mesmo de outras crianças que não eram suas, como uma grande mãe.". Para além da romantização do autor, é fato que Elza sempre se responsabilizou pelas pessoas a sua volta, o que nos remete novamente ao dispositivo materno.

Quando voltamos aos conceitos de ideologia e hegemonia, podemos realçar aqui a sociedade com traços patriarcais e o poder masculino. A ideias que perpassam a sociedade não surgem independente da coletividade e, muito menos, nascem com

o sujeito. Os conceitos e criações sociais se estruturam e são difundidos no decorrer da história e culminam, inevitavelmente, na história pessoal de cada um. Compreender que a mentalidade que responsabiliza mulheres pelo cuidado do mundo e oferece liberdade aos homens é uma criação humana é fundamental para entender as escolhas e as palavras de Elza.

Um dos grandes nomes da Revolução Francesa, Jean-Jacques Rousseau, foi uma das principais vozes na difusão da mensagem de divisão natural de funções entre homens e mulheres na modernidade. Em seu livro Emílio, escrito em 1762, Rousseau oferece uma proposta de educação dos sujeitos, desde sua infância. O autor elabora quatro capítulos para Emílio, que representa a educação para meninos e jovens homens, e apenas um capítulo para Sophia, representando meninas e jovens mulheres.

Para Rousseau (1992), pessoas do sexo feminino e masculino têm, naturalmente, funções distintas na sociedade que estão relacionadas a suas especificidades traçadas na constituição biológica de cada um. Mulheres e meninas não possuem as mesmas habilidades de homens e meninos.

> Uma vez demonstrado que o homem e a mulher não devem ser constituídos da mesma maneira, nem de caráter nem de temperamento, segue-se que não devem receber a mesma educação. Seguindo as diretrizes da natureza, devem agir de acordo, mas não devem fazer as mesmas coisas: o fim dos trabalhos é o mesmo, mas os trabalhos são diferentes e, por conseguinte, os gostos que o dirigem (ROUSSEAU, 1992, p. 430).

Utilizando a si mesmo como embasamento teórico, Rousseau se apoia na sua posição de intelectual reconhecido para reforçar a subalternização feminina, aplicando uma suposta racionalidade:

> Quando a mulher se queixa da injusta desigualdade que o homem impõe, não tem razão; essa desigualdade não é uma instituição humana ou, pelo menos, obra do preconceito, e sim da razão: cabe a quem a natureza encarregou do cuidado dos filhos a responsabilidade disso perante o outro (ROUSSEAU, 1992, p. 428).

Nesta última citação voltamos à exploração do serviço de cuidado não remunerado da mulher. Esta é uma lógica que precede Rousseau, mas que intelectuais como ele protegeram e difundiram. Colocar a mulher como responsável pelo cuidado não remunerado devido a sua origem biológica é o mesmo que submetê-

la a uma posição subalterna, impondo uma constante dependência financeira e, logo, emocional e psicológica.

Quando tratamos da formação do discurso hegemônico e como ideias repetidas por determinados indivíduos e instituições se tornam verdades incontestáveis, podemos remeter aos estudos apresentados em A Ordem do Discurso, de Foucault (1997, p. 17):

> Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas (...). Mas ela também é reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.

Essa "vontade de verdade" apresentada por Foucault faz parte do que o autor chama de princípios de exclusão, que atuam em função de legitimar ou não um discurso. Este princípio se apoia nos discursos médico, jurídico, pedagógico para se construir e se fortalecer, finalmente se apresentando uma verdade inata. A ideia de que a mulher seria o sexo frágil, de que deveria ficar em casa e cuidar dos filhos, do marido, dos idosos e dos doentes, de que teria mais facilidade para cuidar e ensinar crianças, por exemplo, foram construções que se fortaleceram e se enraizaram, mas que não possuem comprovação alguma, exceto na perpetuação da prática social, que se estrutura a partir da ideologia criada e difundida por homens e para homens.

A perpetuação da dedicação, do cuidado e da abdicação de si, vai além do campo teórico, é repassada de mãe para filha, e foi assim com Elza. Viu sua mãe trabalhando para fora e se dedicando em casa incessantemente:

> **EXCERTO 32**
> “Com sua mãe, a relação era a da rotina de um dia a dia simples: ajudando a lavar roupas, muitas vezes dando uma força na hora da entrega.” (CAMARGO, 2018, p. 24).

A sequência de atividades aqui demonstra a continuidade dos eventos, a rotina infantil de Elza sendo invadida pelos trabalhos adultos. E, mais tarde, quando já era uma cantora profissional, ainda tinha que lidar com a desaprovação materna:

> **EXCERTO 33**
> “(...) no fundo ela achava que esse não era um caminho “decente” e que a música não daria futuro nem para Elza nem para seus filhos.” (CAMARGO, 2018, p. 109).

Dona Rosália, mãe de Elza, desconhecia uma realidade em que uma mulher pudesse conquistar tanto, o julgamento negativo em “não era um caminho “decente”” demonstra exatamente isso. Elza ainda comenta “ainda me olhavam como se eu fosse uma prostituta”. Mais uma vez demonstrando o julgamento negativo de sua família em relação a ela ao insinuar que ela só poderia estar vendendo o corpo para conseguir dinheiro.

Essa mentalidade pode ser associada à naturalização da submissão feminina discutida anteriormente, o que torna surpreendente quando uma mulher surge forte, independente, autônoma. Mas também tem um outro fator, Elza afirma que desde a infância a visão da família em relação a música era ambígua.

Elza tinha uma relação de amor profundo por seu pai, e ele, por sua vez, demonstrava um carinho imenso pela menina. Seu amor pela música nasce nessa relação, seu pai era músico e a música era presente em casa desde sua infância:

EXCERTO 34
“Eu tenho uma lembrança de ainda bem menina, ficar encantada quando eu ouvia papai tocar violão.” (CAMARGO, 2018, p. 98).

A atitude de afeto positivo de Elza é explícita e se combina a apreciação positiva de reação em relação a música música, ambos se misturam no adjetivo “encantada”. Senhor Avelino, pai de Elza, é a primeira pessoa no livro a ser citada com muito carinho. Em outras passagens Elza declara:

EXCERTO 35
“Meu pai era severo, mas era um ótimo pai, extremamente carinhoso com as filhas e em especial comigo.” (CAMARGO, 2018, p. 25).

EXCERTO 36
“Ele era meu ídolo.” (CAMARGO, 2018, p. 26).

Mais uma vez expressões como “ótimo pai”, “extremamente carinhoso” e “ídolo” demonstram apreciação positiva enfatizada pela gradação (ótimo, extremamente) de Soares com o pai. Os dois eram próximos pelo amor entre si e pela música.

No entanto, apesar de compartilhar o amor pela música com a filha, Avelino não aceitava a possibilidade de Elza se tornar cantora, uma profissão que, para ele, não era própria para uma mulher.

> **EXCERTO 37**
> "Ele tinha um amigo com um nome estranho: Kid Pepe. E Kid falava que eu seria um dia uma grande cantora. Meu pai ficava furioso e respondia que não queria uma filha artista. O sonho dele era que eu me tornasse professora. Ou enfermeira." Mais que tudo, ela se lembra, até hoje, de um conselho que o pai sempre dava: "Menina, por mais que você pule, você nunca vai alcançar as estrelas..." (CARMARGO, 2018, p. 98)

O pai de Elza demonstra a atitude julgamento implícito em relação a profissão de cantora, é possível identificar também o afeto negativo, expresso em palavras como "furioso". Não querer "ter uma filha artista" remete a uma construção negativa dessa figura na época, enquanto querer uma filha "professora. Ou enfermeira" está associado exatamente à expectativa do trabalho de cuidado direcionada às mulheres. Mas é a frase final, sublinhado por mim, que se apresenta mais impactante. A figura de linguagem utilizada por Avelino demonstra sua descrença na ascensão artística de Elza. Independente da raiz desse comentário, ele não se distancia da realidade do que era o meio artístico naquele momento.

Na época, por volta dos anos 1920 ou 1930, a música, a vida artística, principalmente para mulheres, estava muito associada à prostituição. Mais do que isso, o posicionamento conservador de que mulheres devem estar em casa ou em trabalhos direcionados ao cuidado era ainda mais latente. No entanto, isso mudou pouco nos últimos cem anos. De acordo com um relatório produzido e divulgado pela Oxfam (2020), 12,5 bilhões de horas é o tempo dedicado por mulheres e meninas no mundo todo, diariamente, dedicam ao trabalho de cuidado não remunerado, o que, se monetizado, equivaleria a quantia de 10,8 trilhões de dólares por ano. O valor representa o triplo do que gera a indústria de tecnologia mundial.

Além disso, a divisão do trabalho de cuidado não remunerado pesa desproporcionalmente sobre mulheres e meninas, principalmente as mais pobres. Em zonas rurais de países em desenvolvimento as mulheres chegam a dedicar 14 horas diárias a trabalhos de cuidado não remunerado, os homens apenas 3 horas (OXFAM, 2020).

No livro *Elza* (2018), ao menos três homens surgem em muitas páginas, sendo apresentados como personagens importantes na vida de Elza Soares: Seu pai, Avelino, seu primeiro marido, Alaordes, e aquele apresentado como seu grande amor, Mané Garrincha. Nos três casos são destacadas diferentes formas de violência, sendo que no primeiro e no último o abuso se confunde ao amor. Avelino foi o pai amado de

Elza, mas também o responsável pelo seu casamento forçado aos 13 anos, Garrincha foi o relacionamento mais longo e de quem Elza lembra como um grande amor, mas o casamento foi turbulento e abusivo. Existe dualidade de amor e abuso que atravessa a relação com o pai e com Mané, que perpassa até o alcoolismo comum a ambos.

Já na comparação entre seus casamentos, o primeiro, com Alaordes, foi forçado e repleto de dor, já com Mané Garrincha, Elza viveu o amor que sonhava por um tempo, amou e escolheu estar com ele. Mas apesar de não sucumbir a Alaordes, mesmo na pobreza, com Garrincha Elza tinha um trunfo ainda maior:

> **EXCERTO 38**
> "Eu tinha força dentro de casa porque eu mantinha as crianças e tudo ali era fruto do meu trabalho, dos meus shows, da minha música. Então quem mandava era eu!" (CAMARGOS, 2018, p. 256).

A relação taxonômica de repetição do "eu" demonstra exatamente essa reafirmação de si, uma forma de tomada de controle sobre a própria vida, que culmina no controle máximo: "quem mandava era eu!". É uma mudança completa de posição neste segundo casamento em relação ao primeiro. Isso mostra, inclusive, a importância da independência financeira na autonomia de Elza, é neste ponto que ela construiu sua força naquele momento.

4.4 A POBREZA RESILIENTE E UMA INFÂNCIA INTERROMPIDA

Se na década de 1930 a menina Elza sofria as consequências de uma estrutura racista, elitista e machista, mesmo sem saber nomeá-la, o Brasil e o mundo do século XXI não foram capazes de desmantelar essa estrutura de desigualdade. Historicamente, o que se observa é um processo sistemático de exploração que atravessa grande parte da população brasileira. O número do índice GINI brasileiro mais recente, até a publicação desse trabalho, é 0,544 (IBGE, 2023). Este índice varia de 0 a 1 e avalia o grau de desigualdade de um país, quanto mais perto do número 0, melhor é a distribuição de renda. Os desenvolvimentos, claro, não são lineares, observamos conquistas populares e retrocessos no decorrer das décadas. As conquistas populares não são ascendentes e sofrem resistência e embate constantes. A história de Elza Soares se apresenta como um pequeno recorte histórico da

população periférica brasileira e suas lutas, com vitórias, derrotas e muitos percalços. Demonstro esse paralelo nesta seção.

4.4.1 A criança subversiva e a supressão da infância

As memórias de infância e adolescência de Elza Soares no livro *Elza* (CAMARGO, 2018) são marcadas pela fome e pela miséria. A fome, na verdade, foi uma realidade para milhões de brasileiros por muitas décadas. Durante a primeira infância de Elza, nascida em 1930, ainda não havia uma estrutura política de combate à fome, o que teria início apenas no fim daquela década, ganhando força na década seguinte.

> (...) no transcurso do Estado Novo (1937-1945), a partir da instituição do salário mínimo, da criação do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) e da Comissão Nacional de Alimentação (CNA), entre outras intervenções estatais, registra-se a emergência da política social de alimentação e nutrição, denotando que o Estado brasileiro procurava se aparelhar de novos mecanismos que lhe garantissem legitimidade e hegemonia (VASCONCELOS, 2005, p. 441).

No entanto, o combate à fome perduraria ainda muitos anos no Brasil, que saiu Mapa da Fome apenas em 2014. O relatório antes conhecido como Mapa da Fome, agora nomeado como Inquérito VigiSAN, é um regulador criado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) para identificar a insegurança alimentar em diferentes países[10].

Para além da extrema pobreza, Elza afirma ter tido uma infância feliz. Mas é no mínimo curioso quando afirma (CAMARGO, 2018, p. 33):

> **EXCERTO 39**
> "Não passamos por dificuldades sérias, mas também não tinha regalia nenhuma. Então, eu me virava." (CAMARGO, 2018, p. 33).

Essa sequência de atividades (não) dificuldades > (não) regalia > eu me virava, pode oferecer o entendimento que as ações de Elza quando criança eram para ter um algo mais, um doce, pagar um entretenimento ou comprar algum item que não fosse essencial. No entanto, as próprias declarações da cantora demonstram o contrário:

[10] Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/fao-no-brasil/brasil-em-resumo/pt/> Acesso em: 15 jul. 2022.

> **EXCERTO 40**
> "Eu matava passarinho para comer e um dia, com fome, nem lembrei que aquele na gaiola era o da minha avó." (p. 32).;

Elza, ainda criança, saía escondida dos pais,

> **EXCERTO 41**
> "procurando essas coisas descartadas na rua, para depois vender por aí. (...) Incansável, o importante era que ela voltaria para casa com um pacote de biscoitos ou mesmo um pouco de manteiga." (p. 33).

A sequência de atividades em ambos estratos demonstra como a menina se arriscava para comprar itens básicos, ou se alimentar. Esses são alguns exemplos que colocam em questão o que a cantora definiria "dificuldades sérias", pois a fome não parece distante da sua infância. Em outro momento, lemos:

> **EXCERTO 42**
> "(...) tudo o que ela (Elza) queria, quando arranjava um jeito de conseguir um troco, era encher sua barriga e a de sua família (...) havia sempre um apetite para mais comida, além de uma percepção, ainda que infantil, de que nem todo o trabalho dos pais poderia abastecer a casa suficientemente." (CAMARGO, 20128, p. 28)

Mais uma vez uma sequência de atividades que carrega a fome como fio condutor, afinal "tudo o que ela queria (...) era encher sua barriga" > "havia sempre um apetite para mais comida". Tais frases do autor podem, inclusive, traduzir a avidez com que Elza lutou por seu sonho de ser cantora, com fome, apetite. E, claro, a primeira aparição pública de Elza como cantora, no famoso show de calouros de Ary Barroso, não poderia ter um tema diferente.

> **EXCERTO 43**
> "Entrei segurando minha roupa para ela não desmontar e arrastando uma sandália muito vagabunda, que era a única que eu tinha, e o Ary logo me olhou com aquela cara de quem ia aprontar alguma comigo." (...) "O que você veio fazer aqui", perguntou impiedoso. "Vim cantar", respondeu Elza (...) "E quem disse que você canta?" Outra resposta curta: "Eu, seu Ary". (...) "Então, agora me responda, menina, de que planeta você veio?" Elza: "Do seu planeta, seu Ary! O apresentador, já perdendo a paciência, insistiu: "E posso perguntar que planeta é esse?" Parecia que a resposta já estava na ponta da língua: "Do planeta fome." (CAMARGO, 2018, p. 67).

Nesse dia, Elza saiu vitoriosa, com o primeiro lugar do show de calouros e o prêmio em dinheiro, principal motivo de sua participação programa. Há uma forma de negociação de sentidos apresentada no diálogo durante o programa, assim como a interferência, feita por Camargo, na narração do evento. Por um lado, é demonstrado

o despreparo inevitável de Elza ao descrever seu figurino, assim como uma associação à pobreza (“segurando minha roupa para para não desmontar”, “sandália muito vagabunda”). Por outro lado, a cantora parece ter elaboração, nas respostas rápidas ao apresentador. Elza realça sua espontaneidade ao relembrar esse momento, não foi um discurso ensaiado, a fome é uma personagem relevante no mundo de Elza naquela época.

A pobreza não parece ter influenciado apenas as memórias de si, mas moldou a forma que Elza via o mundo a sua volta e como se relacionava com ele, como mostrado no **EXCERTO 09**: “Desde cedo eu sentia essa necessidade de arrumar dinheiro para colocar comida em casa. (...) eu que percebia que meus pais trabalhavam tanto e mesmo assim não dava para pagar todas as contas.” (CAMARGOS, 2018, p. 33). Soares pode ser rastreada pelo ‘eu’ nesse depoimento, tendo como núcleo, na primeira frase o verbo “sentia” relacionando o desejo de mudar aquela realidade, “arrumar dinheiro”. Na segunda frase “percebia” é o núcleo que faz a conexão entre Elza (“eu”) e o esforço dos pais, intensificado pela gradação “tanto”. Esse sentimento e essa percepção de Elza, ainda criança, se apoiam na consequência da dedicação dos pais > “não dava para pagar as contas”. A falta se apresenta mais uma vez na fala da cantora, além da fome > falta de comida, vemos a pobreza > falta de dinheiro.

4.4.2 A dor e o subversão em mãe e filha

Já na primeira infância, Elza parecia reconhecer as lutas de sua família para resistir àquela realidade imposta a eles. Talvez por isso, por perceber o esforço para resistir e conquistar, a menina se sentiu estimulada a buscar mais, procurar alternativas para conseguir o que queria. Desde pequena Elza resistia à sua condição, imposta a ela antes mesmo de nascer, a pobreza não se sobrepôs a ela. Com pequenos desvios a menina Elza encontrava formas de subverter sua fome, sua pobreza, nem que fosse por um curto período, como pode ser visto no **EXCERTO 15**:

> “Eu tinha pena da minha mãe, que não saía do tanque, só trabalhava – e eu precisava ajudar. Mas era muito esperta e sabia me virar.” Elza desafiava a irmã Bibina: “Quer ver como eu vou arranjar dinheiro?” E saía procurando coisas descartadas na rua, para depois vender por aí. (...) O que importa é que ela voltaria para casa com pacote de biscoitos ou mesmo com um pouco de manteiga (...).” (CAMARGOS, 2018, p. 33).

A sequência de atividades demonstra essa busca de Soares por transformar aquela realidade, nem que seja o mínimo, dentro das possibilidades de uma criança. O reconhecimento do esforço excessivo da mãe se apresenta como um catalizador nesse processo, ao menos naquele momento, pena da mãe > criar situações para ganhar dinheiro > buscava recicláveis > vendia > comprava itens básicos de alimento. A criatividade infantil, nesse processo, foi usava com o objetivo de suprir uma falta, a falta que sua mãe, apesar de todos os esforços, não era capaz de suprir.

O esforço dos pais surge em muitas passagens do relato de Elza, principalmente quando menciona sua mãe. Em uma lembrança, ela fala sobre um corte infeccionado causado durante o trabalho que fez com que sua mãe andasse com um pano amarrado na perna:

> **EXCERTO 44**
> "Quando minha mãe passava na rua, Alaíde sempre ria dela por causa do pano na perna, e um dia eu prometi para mim mesma que Alaíde não riria mais da minha mãe." (CAMARGOS, 2018, p. 34).

Essa sequência de atividades demonstra não apenas o carinho de uma filha com sua mãe, mas uma projeção para a mudança. A sequência perna machucada > mãe mancando > risada de outra criança > Elza busca calar a criança, mostra não só o que a menina sentia pela mãe, mas sua crença de que poderia mudar uma situação, transformá-la.

Essa crença parece ter acompanhado Soares por outros momentos na vida, e talvez tenha sido um impulsionador de sua carreira profissional. Apesar da vida difícil, não parece haver amargura nos relatos da cantora, mas um constante desejo de superar a condição vivida, seja nas pequenas ações infantis, seja no objetivo maior de se tornar cantora.

> **EXCERTO 45**
> A mensagem, que ela tinha absorvido desde pequena, olhando a mãe no tanque, era a de que, na vida, se tinha de trabalhar muito para conseguir alguma coisa – o que, na maioria das vezes, era muito pouco. "Eu via minha mãe trabalhando demais e aquilo me doía muito. E não era só lavando, não. Nunca esqueci daquele ferro pesado que ela usava para passar as roupas que, depois de dobradas, faziam uma pilha impecável que a gente saía para entregar na casa dos clientes. Mas aquele ferro pesado que minha mãe apoiava numa chapa de metal parecia ser a parte mais cruel de sua rotina." Era uma peça tosca, como eram os ferros de passar roupa antigamente. Sua base era aquecida com a brasa que sua mãe ia colocando no espaço interno, o carvão aceso soltando faíscas no impacto das lascas. "E minha mãe abanava, as brasas se acendiam ainda mais, e eu via o esforço dela em não deixar o metal esfriar antes de acabar com toda a roupa do dia – e aquela

> imagem ficou gravada para mim como um sofrimento." (CAMARGOS, 2018, p. 51).

Acima, a sequência de atividades demonstra um esforço exploratório da mãe sob o olhar de dor da filha, a menina observava a mãe trabalhar exaustivamente e diz sofrer com tudo aquilo. Além disso, Elza demonstra uma atitude de apreciação negativa daquela situação: eu via > me doía, imagem da mãe passando roupas > sofrimento. Ainda é possível identificar uma gradação de força associada a apreciação negativa na avaliação da tarefa de passar roupas, quanto Soares afirma "a parte **mais** cruel do seu dia". Em meio a esse relato de dor, uma apreciação positiva surge em "uma pilha (de roupas) impecável". Se por um lado Elza demonstra toda a sua tristeza com o esforço dispendioso de sua mãe, por outro demonstra sua admiração pelo cuidado e zelo de dona Rosária com seu trabalho. Mais uma vez identificamos a força da dualidade na narrativa de Elza Soares, as lembranças oscilam entre o sobreviver e o saborear. A combinação dos dois vão atravessando as experiências da cantora da infância a idade adulta.

Essa dualidade parece também constituir o processo da resistência discursiva. O trabalho duro misturado ao capricho, ao cuidado, tem o potencial de apresentar uma nova possibilidade. Afinal, se o sofrimento não é a única constante, é possível vislumbrar uma nova possibilidade, uma transformação. No conflituoso relacionamento com o pai, Elza tem seu respiro de liberdade, a música. Na relação de trabalho árduo com a mãe, ela encontra também o zelo. Esses atravessamentos demonstram a complexidade das relações e também as possibilidades de construção do eu e do mundo que o rodeia.

Além disso, o exemplo dos pais na infância pode, muitas vezes, perpetuar ações e comportamentos. A mãe de Elza, como apresentado, trabalhava muito para cuidar das filhas e de sua casa. E enquanto as lembranças do pai na infância estão muito relacionadas ao afeto e ao carinho que tinham um pelo outro, as memórias descritas de Elza com a mãe no mesmo período são, em sua maioria, de trabalho e esforço, o que parece moldar a visão da pequena Elza sobre como uma mulher deveria agir.

> **EXCERTO 46**
> "Queria que tudo fosse arrumado como na casa da minha mãe, onde desde pequena a gente encerava aquele chão vermelho para ele brilhar como um espelho – era cera o tempo todo, e depois a gente ainda tinha que colocar jornal para as pessoas não passarem por cima estragando todo o serviço e riscando o assoalho com seus sapatos, o que era em si uma loucura porque

> todo mundo escorregava", conta Elza às gargalhadas. (CAMARGO, 2018, p. 46).

Uma lembrança divertida que também realça a carga feminina, o esforço do trabalho doméstico sendo lembrado mais uma vez. A sequência de atividades arrumar > encerar o chão > passar cera o tempo todo > proteger o chão com jornal, demonstra o esforço no cuidado com a casa. Esforço esse de sua mãe que não se limitava aos cuidados domésticos, mas se estendiam ao trabalho como lavadeira e passadeira e nos cuidados com as filhas. Elza usa a comparação "como" para reafirmar como aquilo era um exemplo para ela, sua mãe foi um exemplo para ela.

Assim como a mãe, as irmãs de Elza e até ela própria formaram famílias com muitos filhos e, inevitavelmente, trabalharam muito para conseguir fornecer o mínimo para eles. No entanto, Elza, mesmo vivenciando, por um período, uma vida muito similar, parecia ver tudo aquilo de forma diferente, compreendia que, como mostrado no **EXCERTO 42**, "nem todo trabalho dos pais poderia abastecer a casa suficientemente" (CAMARGO, 2018, p. 33), ao menos não aquelas formas de trabalhos físicos.

Aos 13 anos, Elza foi forçada a se casar pelo pai, que presenciou um embate físico entre a menina e Alaordes, um rapaz de 17 anos, e entendeu como algum tipo de envolvimento sexual (CAMARGOS, 2018). Assim como na realidade de Elza há décadas, o casamento infantil ainda é uma prática a ser combatida no Brasil, mesmo sendo considerado crime. O país ocupa o quarto lugar em número de casamentos envolvendo menores de 18 anos. Nesse cenário, as meninas são expressivamente o maior número. Em 2016, 109.350 meninas e 28.375 meninos se casaram (PLAN, 2020).

No casamento precoce de Elza, assim como na vida de muitas mulheres, o exemplo da mãe pode guiar suas ações e ideais do que seria agir como mulher, esposa e mãe na nossa sociedade. No **EXCERTO 08**, a cantora afirma que os trabalhos que fazia como esposa não eram sua vontade, mas "aprendidos com minha mãe", ela ainda completa "Eu não queria ser aquele tipo de mulher. Mas também não sabia o tipo de mulher que queria ser." (CAMARGO, 2018, p. 46). Essa sequência de atividades não querer > não saber, pode oferecer a ideia de que mesmo rejeitando o que conhecia, o exemplo de sua mãe, não tinha conhecimento das possibilidades do que era possível para além daquela realidade, por isso, de certa maneira, se conformava àquela posição. Essa declaração demonstra a influência do exemplo de sua mãe na sua construção. Neste caso, principalmente por ser muito jovem, apenas 13 anos, sem

amadurecimento algum para um casamento, sua referência foi a conduta da sua própria mãe em casa.

Por outro lado, os sonhos eram cultivados por Elza:

> **EXCERTO 47**
> "Adorava falar de seus sonhos para dona Rosália – que não levava a filha a sério. "(...) A gente nasceu pobre, só conheceu a miséria, como é que você vai ser rica minha filha?" (CAMARGO, 2018, p. 51).

Na fala de dona Rosália, mais uma vez é possível identificar uma forma de conformismo nessa relação taxonômica de oposição nascer pobre > miséria > como ser rico?. Assim como para Elza, aos 13 anos, era difícil saber a mulher que poderia se tornar, só conhecia aquele mundo da vida doméstica e do trabalho duro, para sua mãe o mesmo acontecia. No entanto, tudo pode mudar quando novas experiências são vividas, e a música foi isso para Elza, um mundo de possibilidades e reinvenções.

4.5 MÚSICA, RACISMO E OS PERCALÇOS DA REALIZAÇÃO DE UM SONHO

Apesar de necessariamente não ter exemplos próximos de que a música poderia ser mais do que uma paixão, mas uma profissão, Elza tinha uma ideia fixa:

> **EXCERTO 48**
> "Eu sabia que meu bilhete premiado era a música." (CAMARGO, 2015, p.59).

Na adolescência de Elza Soares, na década de 1940, o mundo musical era composto dos nomes do rádio, o que poderia parecer distante, mas Elza sentia tudo bem perto e, para sua sorte, ela morava no Rio de Janeiro. Portanto, mesmo em uma realidade distante daquela dos grandes nomes da época, a futura cantora estava a uma distância possível de participar de programas como o show de calouros de Ary Barroso.

A relação taxonômica associando a música a uma espécie de "bilhete premiado" oferece a ideia de liberdade por meio dessa profissão. Para Elza, era por meio da carreira musical que seria possível fazer o que amava e ainda oferecer uma vida melhor a sua família, com uma mudança financeira considerável.

Entre a participação no programa de Ary Barroso e o lançamento de seu primeiro álbum, *Se Acaso Você Chegasse*, de 1960, muitos acontecimentos atravessaram o percurso profissional de Elza Soares. Mas, na verdade, a música sempre fez parte da vida dela, desde criança, e a principal influência musical nessa época foi seu pai:

> **EXCERTO 49**
> Seu pai até que tocava bem um violão, e ainda era bom no trompete. Cantava um pouco também, e talvez por conta disso tinha, pelo menos enquanto era criança, o maior orgulho da filha que tinha a voz afinada. Elza morava numa casa musical: os sons chegavam pelo rádio e ninguém tinha um estilo favorito (CAMARGO, 2018, p. 25).

Essa experiência inicial parece ser um dos fatores de influência na escolha de Elza pelo meio musical. Não apenas a menina era afinada, mas sua proximidade com a música também significava a proximidade com a pessoa que mais se afeiçoava na época, seu pai:

> **EXCERTO 50**
> "Ele era meu ídolo" (CAMARGO, 2018 p. 26).

Essa apreciação, assim como o afeto positivo em relação ao pai, surge em outros momentos na lembrança da infância como em:

> **EXCERTO 51**
> "Mas ela (Elza) também adorava o pai" (CAMARGO, 2018, p. 24)

> **EXCERTO 52**
> "Meu pai era severo, mas era um ótimo pai, extremamente carinhoso com as filhas, em especial comigo" (CAMARGO, 2018, p. 25).

Parecia existir uma predileção de Seu Avelino em relação a Elza, que se intensificava pelo gosto em comum pela música. Porém, a relação entre pai, filha e a música foi se complicando na medida que Elza crescia. Uma menina cantando no colo do pai era uma graça,

> **EXCERTO 53**
> "Ela tem o meu sangue", seu pai costumava dizer todo orgulho se referindo à facilidade e proximidade que a filha tinha com a música. (CAMARGO, 2018, p. 25).

No entanto, com os anos se passando, Elza adolescente, casada, com filhos, pensar na música como trabalho para uma mulher seria:

> **EXCERTO 54**
> "motivo de vergonha: uma filha que passava a noite cantando sabe-se lá onde? Imperdoável." (CAMARGO, 2018, p. 25).

As irmãs de Elza também apresentavam habilidades na música e na dança, mas eram desencorajadas a qualquer manifestação artística. Elza persistiu.

A realidade de Elza era atravessada pelo seu gênero, assim como sua classe e sua cor, como é a de inúmeras mulheres negras.

> Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão (GONZALES, 2020, p. 58).

No caso de uma carreira profissional na música, ser mulher parecia ser o principal complicador aos olhos da família. Afinal, seu irmão era membro de uma orquestra e não sofria críticas quanto a isso. Existia, e talvez ainda exista, certa expectativa do tipo de trabalho que poderia ser desempenhado por uma mulher, principalmente uma mulher negra. A mãe de Elza cuidava da casa, dos filhos, era lavadeira. Assim como ela, as filhas desempenharam diferentes trabalhos relacionado ao cuidado. Sobre os empregos direcionados a mulheres negras, Gonzales (2020, p. 59) afirma:

> Quando não trabalha como doméstica, vamos encontrá-la também atuando na prestação de serviços de baixa remuneração ("refúgios") nos supermercados, nas escolas ou nos hospitais, sob a denominação genérica de "servente" (que se atente para as significações a que tal significante nos remete).

Essa nomeação associada à posição de servidão, de oferecer ao outro, é constantemente reforçada na biografia de Elza, como por exemplo no **EXCERTO 11**: "cuidou dos pais, dos seus maridos e dos seus amantes, dos filhos e mesmo de outras crianças que não eram suas, como uma grande mãe." (CAMARGO, 2018, p. 47). No entanto, essa posição de servidão, muitas vezes, é romantizada, como pode ser visto nas próprias palavras do autor "como uma grande mãe", associando esse cuidado a família e pessoas próximas "pais, dos seus maridos e dos seus amantes, dos filhos e

mesmo de outras crianças". A comparação indicada pelo autor se apresenta como uma apreciação positiva daquela posição de cuidar de todos, servir ao outro, comparando a mulher a uma mãe. No entanto, com exceção dos filhos, Elza não era mãe de nenhum deles, principalmente dos homens adultos, e se colocar na posição de servi-los tem um custo, emocional, financeiro e psicológico.

Sobre a questão da maternidade, podemos também remeter esse ideal da "grande mãe" à imagem da mãe preta no período da escravidão no Brasil. Tal denominação se refere às mulheres escravizadas que amamentaram e/ou criaram as crianças brancas da casa grande.

> De acordo com opiniões meio apressadas, a "mãe preta" representaria o tipo acabado da negra acomodada, que passivamente aceitou a escravidão e a ela correspondeu da maneira mais cristã, oferecendo a face ao inimigo. Acho que não dá para aceitar isso como verdadeiro, sobretudo quando se leva em conta que sua realidade foi vivida com muita dor e humilhação. E justamente por isso não se pode deixar de considerar que a "mãe preta" também desenvolveu as suas formas de resistência: a resistência passiva, cuja dinâmica deve ser encarada com mais profundidade (GONZALES, 2020, p 198).

A resistência passiva abordada por Gonzales (2020) se refere à influência cultural transmitida pela "mãe preta" às crianças brancas, o que contribuiu para a transformação da língua portuguesa e a cultura da época em geral. No entanto, essa herança do cuidado parece, hoje, se aproximar muito mais de uma exploração estrutural do que de uma forma de resistência. Para essa mesma autora, a mulher negra ainda é colocada sob violências similares à época da escravidão, desempenhando funções mal remuneradas e sendo responsável, na maior parte das vezes de maneira solitária, pelo cuidado com a casa e os filhos. Gonzales (2020) atribui como alguns dos motivos dessa solidão, a violência policial sofrida pelos homens pretos e também ao desemprego e ao alcoolismo vivido por eles.

Elza teve sua longa história de aversão ao álcool:

> **EXCERTO 55**
> "Elza, que desde pequena teve horror a bebida, pelas histórias de alcoolismo do próprio pai e do primeiro marido, estava contando com a ajuda da amiga para os drinques." (CAMARGO, 2018, p. 149).

Nesse momento do livro, Elza conta sobre quando procurou ajuda para aprender a preparar uma caipirinha para Garrincha, quando estavam se conhecendo.

Esse trecho também deixa claro o histórico do vício em álcool de dois homens importantes da vida de Elza, mais tarde Garrincha também apresenta o mesmo vício, o que impactou profundamente a vida dos dois, afetando inclusive a carreira profissional de Elza.

Até começar a cantar profissionalmente, Elza trabalhou no que surgia e o que surgia eram exatamente trabalhos como os apontados por Gonzales (2020, p. 59), "prestação de serviços de baixa remuneração". Ela lavou roupas, limpou casas, até trabalhou em um manicômio da época, onde relata que conseguia pegar comida para levar para os filhos (CAMARGOS, 2018). Mesmo com todo trabalho, não era fácil colocar comida na mesa e a situação, ainda hoje, não é diferente para milhares de famílias chefiadas por mulheres negras; como já apresentado, 63% das famílias abaixo da linha da pobreza são chefiadas por elas (SAMILY, 2020).

Além de trabalhar fora do âmbito doméstico, Elza também precisava cuidar dos filhos e do marido, com tuberculose, que passava muito tempo internado e já não contribuía financeiramente para as despesas da casa (CAMARGOS, 2018). O trabalho não remunerado praticado por mulheres, como o cuidado com a casa, marido, filhos, idosos, representaria, em média, 9% do PIB nacional se fosse monetizado (MELO; THOMÉ, 2018). As mulheres fazem o trabalho de base, que move a economia, mas não só não recebem por ele, como são subalternizadas exatamente por realizá-lo, e não uma função diretamente rentável.

A primeira renda que Elza recebeu vinculada à música foi na premiação do programa de calouros de Ari Barroso. Elza relata, no livro, ter se sentido desconfortável e sem lugar, as roupas largas demais, uma menina muito magra, jovem. Teve que lidar com o deboche do apresentador e as gargalhadas da plateia ao entrar no palco, que só silenciou ao ouvi-la cantando com sua voz marcante.

Despois do show de calouros muito pouco mudou na vida de Elza. Com exceção do dinheiro extra da premiação de Ari Barroso, que aos poucos foi acabando, ela ainda passou um longo período sem conseguir trabalhar com música.

EXCERTO 56

Algumas pessoas que moravam perto de sua casa, que conheciam sua família, souberam da sua "aventura radiofônica". "Às vezes eu passava lá pela pedreira e ficava todo mundo me olhando." Ninguém, felizmente, chegou a cometer a indiscrição de contar que tinha ouvido Elza no rádio para alguém da família dela – o que seria um problema. Sua mãe a censurava por buscar uma carreira artística, e, quando o assunto era música, Alaordes não só desconversava como frequentemente encerrava a conversa em tom

> agressivo — isso quando não usava de certa violência, à qual Elza, infelizmente, já estava se acostumando. (CAMARGO, 2018, p.73).

A expressão “cometer a indiscrição” relacionada a menção de sua participação no programa de calouros demonstra a apreciação negativa daquele possível acontecimento, alguém falar sobre sua apresentação. Apesar desse ter sido um momento memorável para Elza, ela reconhecia que a visão da sua família seria bem diferente. Ao fim da citação é possível identificar mais um traço de interpretação do autor em relação a sua biografada que parece se distanciar do que é apresentado na narrativa. Afirmar que a jovem “estava se acostumando” a violência do marido oferece a noção de certo conformismo dentro daquela situação. No entanto, o movimento de Elza, principalmente aquele feito em direção à música, não tinha nada de conformista, ela buscava continuamente a mudança de sua situação atual. Apesar de existirem limitações dentro da sua busca, Elza constantemente procurava transformar sua realidade. A música, para Elza, simbolizava não apenas a conquista profissional, mas uma grande mudança em sua vida. Quando esse momento finalmente chegou, Alaordes, seu marido na época, deixou de fazer parte da sua vida.

A forma como hooks (2019, p.34) teoriza o feminismo contempla essa possibilidade de escolha, que é limitada, mas existe. A mulher, como um ser social, não está paralisada.

> O sexismo é, sem dúvida, um sistema de dominação institucionalizado, mas nunca foi capaz de determinar de modo absoluto o destino das mulheres nessa sociedade. Ser oprimido significa ausência de opções. Esse é o primeiro ponto de contato entre o oprimido e o opressor. Na sociedade em que vivemos muitas mulheres podem fazer escolhas (boas ou más); nesse sentido, termos como exploração e discriminação descrevem melhor o fardo comum da mulher (...).

Elza, como muitas, reconhecia isso. Algumas mulheres, dependendo de sua condição social, têm mais ou menos escolhas, mas a maioria delas é capaz de encontrar caminhos para conduzir sua vida dentro de sua própria realidade. Quando se trata mais especificamente da mulher negra latina, Gonzales (2020) contempla em seus estudos a resistência desde a época da escravidão, exercida por condução ou grande participação feminina, seja nos quilombos, pela religião do Candomblé ou guiando homens e crianças. A mulher negra brasileira, historicamente, é capaz de transformar sua realidade dentro de situações extremamente adversas. A resistência discursiva atravessa essa ambiguidade. Entre práticas de opressão estrutural e a

busca pela posição de sujeito no mundo, é possível subverter para se firmar em oposição àquilo que impede o reconhecimento de si mesma. Na narrativa biográfica de Elza Soares, ao mesmo tempo em que a cantora narra sua história, ela revisita aquele momento com outro olhar, o olhar de uma outra Elza, a narradora, não mais aquela que estava experenciando. Esse deslocamento não apenas oferece um novo vislumbre para a biografada, mas ao leitor, não é possível mais resistir ao que passou, mas é possível reconstruir os sentidos daquela memória. Esse é um dos movimentos observados na biografia analisada.

É importante ressaltar, no entanto, que isso não apaga a violência institucional e social pela qual todas as mulheres negras passam ou isenta a necessidade de mudança dessa realidade. Reconhecer o poder de resistência e transformação histórica da mulher negra realça a possibilidade humana, mas não isenta seus algozes.

O vislumbre da mudança do status profissional de Elza teve início muito depois daquela participação no programa de calouros. A cantora começou a receber pelo trabalho com a música de maneira regular quando conseguiu a vaga de cantora na orquestra da qual seu irmão fazia parte. Ele a desafiou a fazer o teste e Elza conseguiu a vaga.

> **EXCERTO 57**
> (...) saiu dali com um contrato para cantar com a Orquestra de Bailes Garan, sob a regência do professor Joaquim Negli. Ela pediu ao irmão que não contasse nada em casa, pelo menos naquele começo. As apresentações se iniciaram logo no fim de semana seguinte, pois o ritmo da orquestra era intenso: festas, bailes, casamentos, eventos sociais. Onde quer que eles fossem convidados a tocar, lá estava Elza também… mesmo que nem sempre com a certeza de que entraria no palco. (CAMARGO, 2018, p. 78)

A cantora possuía uma convicção que a conduziu, principalmente nos momentos difíceis, como apontado no **EXCERTO 48**: “Eu sabia que meu bilhete premiado era a música.” (CAMARGO, 2015, p.59). Essa certeza exposta nessa frase não surge apenas na narração de Elza, mas nas atitudes da cantora descritas por ela e pelo autor. Na época em que começou a trabalhar com a orquestra, e mesmo antes quando se apresentou no programa de calouros, ninguém podia saber das suas aventuras musicais, tudo acontecia secretamente.

EXCERTO 58
"Eu não falava com ninguém – meus pais não iriam entender e Alaordes era totalmente contra a ideia. Mas eu sabia o que queria: era só eu ouvir uma estação de rádio qualquer, em casa ou na rua, que eu começava a pensar como eu iria fazer para um dia estar lá, fazendo o que eu mais gostava." (CAMARGO, 2018, p. 59, destaque meu).

A sequência de atividades no trecho demonstra a mesma convicção da frase do parágrafo anterior, Elza "sabia". E, por saber, planejava "como" estaria "fazendo", de que forma poderia trabalhar com música, realizar aquilo que buscava. No entanto, a certeza de Elza foi testada algumas vezes naquele início e seria muito mais no decorrer da carreira. Já naquela primeira apresentação no programa de Ary Barroso, Elza foi recebida em meio a risadas e com certo deboche do apresentador, mas após responder que sua origem era o "planeta fome" a atmosfera do ambiente mudou:

EXCERTO 59
As risadas foram escasseando como lâmpadas que se apagam uma a uma num grande salão. Talvez despertado do transe irônico pelo silêncio, Ary Barroso cortou as gracinhas e convidou, então, Elza para cantar. "De Paulo Marques e Alice Chaves, 'Lama'." (CAMARGO, 2018, p. 67).

Este talvez seja o primeiro momento importante na carreira musical de Elza. Foi no programa de calouros a primeira vez que ela cantou para um grande público. Na parte sublinhada por mim é possível acompanhar a forma que Camargo desenha a cena, buscando levar o leitor para aquele momento. O autor nos convida a ver e sentir o que Elza teria vivenciado alí.

Não é incomum que programas de entretenimento possam utilizar o humor às custas de seus participantes, mesmo um humor questionável, para ganharem adesão popular. Elza pode ter parecido um alvo fácil para o apresentador e sua produção, mas não era o caso. A escolha da música também poderia parecer inusitada para aquela jovem pequena e franzina, mas parecia quase uma resposta ao que acabava de acontecer no palco. Nas primeiras estrofes de *Lama* ouvimos: "E hoje por ciúme ou por despeito / Achastes por direito de querer me humilhar".

Ao falar sobre o motivo de escolher essa canção, Elza disse:

EXCERTO 60
"Não sei bem por que escolhi essa canção, mas provavelmente tinha a ver com meu estado de espírito." (CAMARGO, 2018, p.68).

Apesar de ainda nem conhecer a palavra racismo ou ter uma ideia política da sua posição no mundo, Elza sentia no seu dia a dia todas as consequências de ser uma mulher negra e pobre no Brasil.

> (...) ela (a mulher negra) se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira. Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da "inferioridade" que lhe seriam peculiares. Tudo isso acrescido pelo problema da dupla jornada que ela, mais do que ninguém, tem de enfrentar. Antes de ir para o trabalho, tem que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimentação para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas dos filhos mais velhos com os cuidados dos mais novos (as meninas, de um modo geral, encarregam-se da casa e do cuidado dos irmãos mais novos). Após "adiantar" os serviços caseiros, dirige-se à casa da patroa, onde permanece durante todo o dia (GONZALES, 2020, p. 58).

Essa citação poderia ser uma parte da biografia de Elza Soares, o trabalho braçal, o serviço doméstico realizado em sua casa e na casa de outros, o cuidado com os filhos após a jornada de trabalho fora de casa, até ir buscar água para abastecer a casa. Tudo isso fez parte da vida da cantora e instigou ainda mais sua vontade de mudança e, mais tarde, o temor de retorno àquela realidade, como apontado no **EXCERTO 25**: "Tinha medo até de ter que voltar a colocar uma lata d'água na cabeça.(...)" (CAMARGO, 2018, p. 143).

Apesar da confiança que tinha no seu talento, foi naquela primeira apresentação no rádio que Elza pode, pela primeira vez, testar sua vocação musical em público.

> **EXCERTO 61**
> A valiosa nota cinco que Elza conseguiu no "Calouros em desfile", tendo escapado do gongo do seu Ary, não tinha frutificado. Pelo menos não logo em seguida à sua apresentação. "Eu fiquei bastante entusiasmada, achei que, como todo mundo ouvia rádio, dali iriam sair muitas oportunidades, afinal de contas eu tinha ido bem no programa", conta ela. Só que nenhum convite apareceu. Calouros e calouras se sucediam aos borbotões nos programas de vários apresentadores em várias estações e Elza, mesmo com aquele talento todo capaz de quebrar até a sisudez de Ary Barroso, era apenas mais uma – só que era mais uma que não desistia! (CAMARGO, 2018, p. 76)

A concorrência era grande e a musica como profissão ainda demoraria a deslanchar, isso é demonstrado na relação taxonômica de oposição: "nota valiosa" x "não tinha frutificado", "achei que (...) iriam sair muitas oportunidades" x "só que nenhum convite apareceu", "com aquele talento todo" x "era apenas mais uma".

A apreciação positiva do autor, ao destacar Elza afirmando que ela “era mais uma que não desistia” pode ir de encontro a afirmação anterior de Elza parecia se acostumar com as violências do marido. Apesar de, à primeira vista, estas declarações pareçam apartadas, elas estão conectadas, afinal, a vida não é dividida em setores independentes, a profissão, o amor, os relacionamentos, a intimidade e a vida público se entrelaçam a todo momento, sobrepondo-se umas às outras e, por vezes, se equilibrando mais ou menos. Não desistir, ou então resistir, era uma constante em diferentes áreas da vida, insistiu na carreira musical, resistindo a discriminações e violências, e insistiu no relacionamento com Garrincha, resistindo à opinião pública.

Elza não se mostrava acostumada na relação com o marido e obstinada na carreira musical, ela transitava pelas situações da melhor forma que conseguia dentro da sua realidade, sempre buscando subverter o que era danoso no momento que aquilo se fazia possível. Foi assim que conseguiu seu primeiro trabalho regular como cantora, na orquestra em que seu irmão era músico, mesmo escondida, indo contra a vontade do marido e da família. No trabalho com a música, assim como no trabalho com sua mãe quando criança, Elza teve suas primeiras experiências diretas com o racismo.

EXCERTO 62

> “Desde criança, eu acompanhava minha mãe nas casas das pessoas onde ela lavava roupa e a lembrança que eu tinha era a de que eu era muito bem tratada. Eu chegava lá, minha mãe sempre dizia pra mim e pras minhas irmãs que era para a gente sentar num canto e ficar quietinha – então a gente ia e ficava bem-comportada. Em alguns lugares até ganhávamos um prato de comida. Por isso a ideia que eu tinha era a de que a gente era bem recebida.” A cena que Elza descreve era em si uma situação de segregação: as filhas de dona Rosária raramente podiam entrar nas casas onde ela trabalhava. Mas se elas ganhassem um “lanche”, nem pensavam em reclamar de algo. (CAMARGO, 2018, p.78-79)

Essa segregação demonstrada no relato de Elza e explicitada pelo autor parece ser mais velada com pessoas em situações de extrema pobreza. A sequência de atividades conectando o prato de comida como uma forma de valorização (“ganhávamos um prato de comida” > “a gente era bem recebida”) demonstra como pode ser fácil confundir o básico com regalias quando a situação é de extrema escassez. Gonzales (2020, p. 42) reflete sobre a estruturação da marginalização da população negra:

> Sabemos que, de 1950 para cá, ocorreu um processo de crescimento das classes médias. Mas em termos relativos, no que se refere à população negra, isso significou a deterioração de suas possibilidades quanto ao mercado de trabalho. Excluída da participação no processo de desenvolvimento, ficou relegada à condição de massa marginal, mergulhada na pobreza, na fome crônica, no desamparo.

Essa exclusão da população negra do desenvolvimento do país tem suas raízes simbólicas na escravidão. O que se desdobrou em uma forma de racismo estrutural explicitado por Elza em alguns momentos de sua biografia, principalmente ao tratar questões profissionais.

> **EXCERTO 63**
> "Tinha clube que era racista", afirma Elza, reconhecendo que nem entendia muito bem o que significava aquilo na época. Tudo que diziam para ela era que, num determinado local, o diretor não queria que um negro subisse ao palco para cantar. O preconceito era claro, mas não era algo que ela conseguisse elaborar totalmente naquele momento. Elza simplesmente obedecia mesmo sabendo que, se não cantasse, não ganharia o dinheiro da noite. Naquela época infelizmente não tinha muito como fazer diferente, só restava obedecer. "Eu ia toda bonita – o professor mandou fazer pra mim um vestido de filó, todo branco, que eu vestia e me sentia como uma bailarina em dia de estreia, linda… Mas tinha lugar que negro não cantava, né? Então algumas noites eu me arrumava toda, ficava ali, prontinha, fora do palco, esperando para entrar… e nada… Voltava pra casa sem me apresentar." (CAMARGO, 2018, p. 78).

Essa sequência de atividades na fala final de Elza "me arrumava toda, ficava ali, prontinha, fora do palco, esperando para entrar… e nada" demonstra uma violência sutil que se mostra frequente pela frase inicial "Tinha clube que era racista". Não apenas essa forma de preconceito acontecia, mas afetava aquilo que ela mais precisava no momento: "não ganharia o dinheiro da noite". Isso demonstra mais uma vez que as violências simbólicas sofridas por Elza, assim como todas aquelas relacionadas ao racismo, não pairam no mundo das ideias e nas ofensas morais, por assim dizer, mas atravessam a vida do sujeito de diferentes formas, inclusive econômicas, impedindo seu desenvolvimento na sociedade.

No entanto, essa forma de impedimento se tornou inaceitável para Elza. Em uma determinada apresentação, a cantora não se conteve e, apesar das ordens claras de que naquele palco não seria bem-vinda, subiu ao palco e impôs sua presença no meio de uma das músicas, começando a cantar. Isso criou uma tensão entre os músicos e a organização do evento, mas não tinha volta, no momento em que Elza começou a cantar o próprio público não a parar:

EXCERTO 64

> "Eu vi que as pessoas estavam adorando, que estava todo mundo dançando, eu estava ganhando aplausos, gritos, e quem é que tinha então coragem de me tirar dali, de falar que eu não podia cantar?", brinca Elza sem disfarçar sua satisfação com esse pequeno e belo triunfo. "Venci pelo talento." (...) E o episódio serviu para vencer qualquer barreira. Dali em diante, Elza era presença certa em qualquer palco que eles se apresentassem. (CAMARGO, 2018, p. 80)

Esse foi mais um dos inúmeros acontecimentos em que Elza Soares resistiu a uma situação de racismo e conseguiu sair, de certa forma, vitoriosa. A apreciação positiva demonstrada por declarações como "estava todo mundo dançando" e "eu estava ganhando aplausos, gritos", demonstra que bastou um movimento subversivo para transformar completamente uma tentativa de silenciamento. Nada disso impediu que Elza sofresse com outros momentos racistas em sua carreira e vida pessoal, e até superasse muitos deles, mas garantiu uma transformação naquela fase de sua vida. A partir daquele dia ela cantou em todas apresentações com a banda, o que garantiu mais dinheiro para sua família e também um impulso para que ela continuasse sua busca na carreira musical.

Mais tarde, quando Elza já cantava na noite carioca, em um início de carreira solo, passou por outro momento de discriminação. A RCA records, grande produtora da época, mandou representantes para assistir Elza e descobrir quem era a mulher por traz da voz que já causava admiração nas noites do Rio de Janeiro.

EXCERTO 65

> "Soube que, alguns dias depois, o pessoal da RCA mandou algumas pessoas no Texas para me ver cantar ao vivo, mas eles voltaram desanimados, com o seguinte retorno: 'Lamento muito, mas não vai dar certo, porque ela é negra.'" Ao ouvir essa história de Aldacir, que tinha ficado decepcionado com o veredicto dos seus colegas, Elza teve uma reação neutra. Um pouco decepcionada, sim, mas o que ela poderia fazer para mudar essa situação? "Eram outros tempos, a gente nem pensava em racismo. Era assim que a gente vivia, todo dia tinha uma situação assim. Não fiquei indignada nem triste. Muito menos machucada – eu só tinha que seguir cantando." (CAMARGO, 2018, p. 114)

Um olhar desatento pode imaginar que Elza estava simplesmente conformada aquela situação: "Era assim que a gente vivia, todo dia tinha uma situação assim.". Mas parece que foi exatamente a forma com que a cantora era capaz de subverter, mesmo sem necessariamente confrontar, que garantiu sua sobrevivência, na vida e na música. Em casa, Elza sofria com a violência do marido, não se opunha diretamente a ele, mas continuamente buscava formas de alcançar o destino que

sonhava, longe da miséria e daquele sofrimento. E na profissão estava exatamente esse novo caminho, sem confrontar, ao menos naquele início de carreira, Elza foi capaz de, aos poucos, inserir sua voz, sua presença, sua identidade na música, até que se tornou impossível ignorar seu talento.

Apesar de falar sobre como o racismo não era tratado diretamente naquela época, nos anos 1940, 1950, Soares tinha bem claro, na sua vivência, como ela e sua família eram vistos como pessoas à parte na sociedade. Desde muito cedo os sinais apareceram, talvez só não conseguiam nomear exatamente porque sofriam determinadas violências:

> **EXCERTO 66**
> "A primeira história foi minha mãe que contou. Eu já estava casada, com os meninos em casa e ela chegou toda quebrada, mancando. Tinha ido levar uma roupa que tinha lavado num prédio e, como o elevador de serviço estava quebrado, o porteiro disse que poderia usar o social. Só que quando minha mãe entrou, ela caiu no fosso: o elevador não estava lá. Vi minha mãe chorando muito, ela dizia que o homem tinha feito aquilo de propósito, por pura maldade. Ela não chegou a falar a palavra em si, mas eu sabia que era preconceito, coisa de branco para fazer mal ao negro." (CAMARGO, 2018, p. 135).

Na expressão "coisa de branco para fazer mal ao negro" é possível identificar a apreciação negativa do que tinha se passado, mas, ao mesmo tempo, a expressão "coisa de branco" generaliza a tal ponto que pode, inclusive, retirar a gravidade daquele acontecimento, a expressão parece ser sobre algo qualquer, algo rotineiro, que simplesmente acontece. Talvez daí venha a "reação neutra" da citação anterior, quando foi recusada pela RCA por ser negra. Afinal, esse tipo de atitude era "coisa de branco", não havia o que ser feito.

Contudo, essa "reação neutra" não duraria muito tempo. Na medida em que Elza se tornou mais conhecida, mais famosa, mais consciente de seu talento e sua relevância, foi se impondo cada vez mais abertamente, em vez de criar caminhos alternativos para se esquivar e prosperar, como fazia no início. Talvez um dos maiores confrontos da sua carreira tenha sido para gravar com Roberto Ribeiro, primeiro precisou convencer a gravadora de que esse seria um grande projeto e mostrar o potencial de Roberto. E depois o maior desafio, ter o sambista, também negro, com ela na capa do LP:

EXCERTO 67

> "Pra mim só fazia sentido lançar um disco com o Roberto se ele estivesse na capa comigo. Por isso programei uma foto com nós dois, num cenário belíssimo. Fomos pra aquele clube de golfe que tem em São Conrado e fizemos um ensaio que ficou maravilhoso. Escolhi a imagem de capa, mas novamente a gravadora colocou obstáculos. Diziam que ele era feio, que não venderiam nenhum disco com ele na capa. Eu bem sabia o que estava acontecendo e parti em sua defesa. O que eles não queriam era mais um preto estampado na foto. (…) eu ouvi um diretor dizendo: 'Não quero esse nego feio e sujo na capa!' Aí fiquei maluca! Entrei naquele escritório dizendo: 'Se ele é um nego feio, o que eu tô fazendo aqui, então?' Se eles queriam que eu continuasse lá, tinha que ser com ele também." (CAMARGO, 2018, p. 244-245).

Afirmações como "feio", "não queriam um preto", "não quero esse nego feio e sujo" demonstram a apreciação negativa do negro naquele contexto de forma explícita, o que em outras partes do livro, como já mostrado, acontece de maneira mais sutil ou velada. Nesse momento, o confronto é direto, tudo está exposto, o racismo e a resistência a ele. Elza parece crescer nesses momentos, em que se expõe e faz o que realmente quer. Assim como no acontecimento da apresentação da banda, em que se colocou no palco mesmo proibida, o LP com Roberto Ribeiro foi um sucesso. Além disso, como na apresentação com a banda em que se ela não cantasse não seria paga, também nesse momento a preocupação de Elza era financeira: "Eu apostei tudo e fiz isso não em nome da arte, mas do emprego. Aquilo para mim era uma questão de como ganhar dinheiro nesse retorno ao Brasil." (CAMARGO, 2018, p. 245). Essa relação taxonômica de oposição: apostei tudo > não pela arte > pelo emprego, parece demonstrar o que guiou muitas das atitudes e decisões de Elza, a sobrevivência.

Entretanto, a sobrevivência não se dá apenas por vias econômicas, não bastava ganhar dinheiro, conseguir um emprego. Se fosse assim talvez Elza não persistisse tanto em crescer profissionalmente cada vez mais, o reconhecimento também era um objetivo:

EXCERTO 68

> "Eu me senti cheia de coragem para enfrentar aqueles brancos engravatados da gravadora. Tava podendo!" (CAMARGO, 2018, p. 245).

Essa sequência demonstra a atitude de julgamento de capacidade naquele momento e culmina na declaração "Tava podendo!". Não era apenas sobre dinheiro, era sobre poder, poder ser, poder fazer, poder criar e conduzir a si mesma.

Essa declaração (Tava podendo!") também mostra a visão que Elza teve de si naquele momento e oferece um vislumbre da importância da relação com o outro na constituição da noção de si. Por meio do sucesso de sua imposição aos donos da gravadora foi possível haver o reconhecimento de sua própria força, de seu poder.

O contrário também se mostra verdadeiro, em situações de discriminação pode existir uma desvalorização de si, isso é demonstrado na da história de sua mãe sobre o tombo do elevador. Elza expressa afeto negativo de infelicidade, engajando sua mãe na narrativa no **EXCERTO 66**: "Vi minha mãe chorando muito, ela dizia que o homem tinha feito aquilo de propósito, por pura maldade." (CAMARGO, 2018, 135). Neste momento relatado por Elza, ela traz a visão de sua mãe e assume também como sua: "pura maldade". O choro aí tem conexão direta com a maldade do homem, não necessariamente com a dor física, é a percepção de se sentir vulnerável a crueldade gratuita por ser quem é. Por outro lado, Fairclough (2001) demonstrou como a naturalização de conceitos e práticas é parte da constituição ideológica. Portanto, essa percepção do por quê da violência talvez fosse o primeiro movimento para se colocar contra ela.

Essa percepção de si na relação com o outro atravessa a narrativa de Elza em diferentes momentos, em altos e baixos. Em meio às constantes falácias sobre seu relacionamento com Garrincha, por exemplo, ela decide confrontar um radialista que os difamava:

> **EXCERTO 69**
> "Cheguei lá e fui logo metendo o dedo na cara dele. Nessa época eu tinha, sim, um gênio do cão e comprava briga. Eu tinha que fazer isso pra me defender, já que ninguém me defendia. Quando Orlando me viu entrando pelos corredores da rádio – o programa já tinha saído do ar –, ele não acreditou no que viu. Não adiantou muita coisa: depois de alguns dias lá estava ele falando mal de novo da gente. Mas eu achei que fiz o que eu tinha que fazer." (CAMARGO, 2018, p. 214).

Nesse trecho Elza caracteriza-se como alguém que, naquela época, tinha "um gênio do cão e comprava briga". Mas logo depois se justifica com o argumento de que precisava cuidar de si, pois ninguém mais cuidava. Essa percepção não parece destoar de outras declarações na biografia, pelo contrário, ela não apenas era a única cuidando de si mesma, como parecia sempre buscar cuidar dos interesses dos outros, como quando afirma se referindo a Garrincha no **EXCERTO 31**: "Eu não tinha que cuidar apenas da minha carreira, mas também da dele, aliás, como sempre." (CAMARGO,

2018, p.234). Essa sequência de atividades ter > cuidar > minha carreira > carreira dele > como sempre, parece demonstrar mais sobre a visão de Elza sobre si do que necessariamente sobre quem a rodeava. Elza não “tinha” que cuidar, inclusive, em alguns momentos é apresentado na biografia o desconforto de Garrincha com certos cuidados de Elza. Mas ela se colocava nessa posição, cuidava de si, cuidava do outro, “como sempre”. Essa visão sobre a socialização da mulher no trabalho de cuidado já foi tratada em outra seção, mas aqui trato novamente, agora conectada à vida profissional.

Em meio a muita luta e superando diferentes desafios, Elza prosperou profissionalmente, o primeiro grande sucesso da cantora foi também seu primeiro álbum, *Se acaso você chegasse* (1960):

EXCERTO 70

> “Eu não entendia muito o que estava acontecendo, ainda levava muito susto, quando estava passando na rua e alguém tinha o rádio ligado e dava para ouvir ‘Se acaso…’. ‘Será que sou eu mesma que estou ali ou tem alguém me imitando?’, eu me perguntava. Era como se não fosse eu – como se eu pudesse admirar, e até sentir um pouco de inveja daquela mulher que cantava assim e que todo mundo gostava”, confessa. Só que essa mulher era ela mesma. (CAMARGO, 2018, p.123-124).

Nesse relato de Elza, destaco esse distanciamento ao se reconhecer ou não se reconhecer. Assim como no passado ela buscava a transformação da sua realidade, caminhando para a música, para a realização do sonho que poderia até parecer distante, mas sempre alcançável no percurso de Soares. Neste momento, ao observar seu sucesso ela parece não se reconhecer “Será que sou eu mesma que estou ali?”. Essa dualidade no ato de relatar a si mesmo, a admiração misturada a inveja, a busca pelo sucesso e o desafio em vê-lo de perto, perpassa essa impossibilidade de se ver como um ser fixo, descritível, rotulável. Dez anos depois desse momento de grande sucesso, a cantora se via morando na Itália, quando procurou se afastar da ditadura que se instalara no Brasil, e mais uma vez buscava se reinventar.

EXCERTO 71

> “Eu queria mudar essa mulher. Eu sabia que era forte, não precisava mais fugir do Brasil. Eu sempre soube me virar, sustentar minha família, meu marido – tudo sozinha. Por que não encarar essa volta? Sou pequenininha, eu brincava, mas quando é preciso eu sei como crescer” (CAMARGO, 2020, p. 241-242)

A busca e a transformação atravessaram a vida de Elza com muito mais intensidade do que qualquer nomeação possível. Na relação de oposição, ao dizer “sou pequenininha” e complementar com “mas (...) sei como crescer”, Elza demonstra, mais uma vez, a dualidade na formação do sujeito e a contínua impossibilidade de auto definição. Assim, é possível ver a resistência não como uma fonte de rigidez, mas justamente como a possiblidade de criar e se reinventar, por assim dizer. Elza resiste porque se adapta, porque é pequena, mas sabe crescer quando preciso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por um lado, estudar questões que rodeiam temas como resistência e poder pode trazer o peso da vitimização, de colocar um grupo como inferior de alguma forma ou até de subestimar sua relevância social. Por outro, é possível caminhar por um trajeto de endeusamento da revolução do subalternizado, o vendo como capaz de reverter qualquer situação a partir da força individual.

Neste estudo, busquei ir além desses dois extremos, traçando um caminho que compreendesse não apenas as estruturas limitadoras, a realidade social que atravessa de maneira diferente os sujeitos. Mas também a possibilidade de construção e reconstrução da realidade por meio de pequenas e graduais transformações, que permeiam a constituição do sujeito e do mundo ao seu redor. Para isso, foi necessário ressaltar a dialética nesse processo, o mundo se transforma na medida em que o sujeito se cria e recria, assim como o eu e o outro se criam simultaneamente, o mesmo se passa com a realidade e nossas noções dela. Isso não significa que qualquer evento seja possível ou que tudo possa ser mudado a qualquer momento e de acordo com vontades individuais. Mas quer dizer que absolutamente nada é fixo, sentidos e sujeitos são constantemente afetados pela mudança e pela transformação.

O objetivo geral desse estudo é “analisar o ato de relatar a si mesma como um processo dialético no livro *Elza*, com base em pressupostos da Análise Crítica do Discurso em consonância com estudos sobre resistência, poder, e autobiografia.". É a partir do discurso que busco compreender essa relação entre a mudança e a resistência, mais especificamente um discurso que surge da história pessoal de um sujeito, uma mulher negra, de origem pobre. Elza Soares simboliza uma revolução individual que extrapola sua individualidade, e sua biografia, escrita por Zeca Camargo, demonstra exatamente isso.

Por meio do relato de Elza sobre si e de Camargo sobre a cantora, foi possível atingir o objetivo geral apresentado acima e também os objetivos específicos traçados. O primeiro objetivo específico (Definir resistência discursiva a partir dos conceitos de discurso, resistência e poder.) é trabalhado no início do texto apresentado. Resistência discursiva foi um termo estudado na minha dissertação e desenvolvido ainda mais nesta tese. Este conceito traz em si os enredamentos simbólicos discursivos que, muitas vezes, parecem extrapolar as linhas do discurso, mas que o

forma de maneira dialética. A resistência discursiva como estudada aqui contempla não somente as nuances do discurso, mas aquilo que o enreda, como a ideologia. Para mim, compreender a resistência discursiva significa estudar embates sociais e culturais, mas também abranger lutas individuais, que residem no eu, precedem estruturas sociais, mas as atravessam e transformam continuamente.

O segundo objetivo específico era definir a relação entre a ACD, a metodologia dialético-relacional e os recursos de significação a fim de embasar a análise discursiva. Este é cumprido no segundo capítulo do trabalho e atua como um fio condutor necessário para que o estudo pudesse se desenvolver. É a partir de noções como prática social, poder e ideologia de Fairclough e dos recursos de significação de Martin e Rose, que foi possível reunir as ferramentas necessárias para realizar a análise discursiva da biografia.

O terceiro objetivo específico, definir biografia, autobiografia e seus enredamentos, atravessando história, política e sociedade, é explanado e desenvolvido no terceiro capítulo, em que Arendt, Lejeune, Arfuch e outros autores são reunidos para uma discussão que guiou a leitura da biografia analisada. Foi nesse momento que foi possível compreender os enredamentos entre biografia e autobiografia, e também visualizar a construção dessa individualidade do sujeito no decorrer da história e como isso isso afeta a construção da realidade.

Como visto em sua biografia, Elza passou por inúmeras situações de violência e se dedicou desde muito cedo a família, sendo casada com filhos ainda na adolescência. No entanto, de acordo com o apresentado na análise de sua biografia, só foi capaz de romper com aquela realidade ao direcionar seu olhar para si mesma, fazer o que acreditava ser melhor para si, seguir sua vocação, seu amor pela música. Por mais que em muitos momentos a cantora afirme que a busca pela música era por uma mudança de vida também para sua família, para conseguir mais dinheiro, seria difícil não perceber, em algum nível, o autocentramento necessário na busca pela realização pessoal. O percurso profissional de Elza custou tempo com seus filhos, sua família, mas sim, mudou a vida de todos. Foi nesse processo de reconhecimento individual que a mudança aconteceu, inclusive na realidade daqueles que rodeavam a cantora.

O ato de Elza Soares de relatar a si mesma, em sua biografia, se apresenta mais como uma teia narrativa do que necessariamente uma história linear. Isso ganha ainda mais evidência ao cruzarmos as pontuações e descrições da cantora feitas pelo

autor do livro. Digo teia narrativa pois o movimento é continuamente ambíguo e multilateral. Elza fala de si ora como mãe, ora como cantora, ora como cantora por ter se afastado da maternidade em determinado momento e, em outros trechos, como uma mãe cheia de culpa por ter se afastado dos filhos. Ela também é a mulher do Garrincha e de outros homens, mas que se recusa a voltar a ser mulher de alguém, é também a mãe de todos, mas não quer mais cuidar de ninguém além de seus filhos. Elza Soares é a menina pobre com fome que comeu um passarinho roubado da gaiola e também a voz que ganhou a admiração de Louis Armstrong.

Tudo isso foi contado por Elza ou sobre Elza, e tudo isso é e não é Elza Soares. A grande forma de resistência discursiva que podemos identificar no ato de relatar a si mesma na biografia analisada é exatamente as possibilidades que não se concretizam, a forma como é possível reconhecer que há abertura, que as situações não precisam ser, mas transitar. Elza reconheceu isso de alguma forma e, por isso, não acreditou no que falavam que era, nem na pobreza nem no sucesso, ela parece ter resistido a qualquer rótulo e transitado pela vida como se diferentes caminhos fossem de fato uma possiblidade para ela, para o bem ou para o mal. Isso não é uma declaração de completa liberdade do sujeito, mas a identificação de que a mudança é uma constante e a resistência está exatamente neste reconhecimento.

Por fim, a tese defendida aqui é a de que a resistência se faz discursiva na medida que atua nas nuances da constituição do sujeito e a atuação deste no mundo. Sendo assim, a resistência discursiva é dialética, fluida e, por vezes, contraditória. É possível resistir para transcender ou estagnar. A biografia de Elza Soares demonstra muito bem esse desenvolvimento, no sentido de que abrange as rupturas e as limitações que travessaram a vida da cantora. Ela forçou sua entrada em lugares, simbólicos e físicos, que não a comportavam, como um palco de um clube racista, ao mesmo tempo em que se conformou a situações que a limitavam, como relacionamentos destrutivos. A vida de Elza, como narrada em sua biografia, é composta de contradições por ser vivida e narrada por sujeitos. Sujeitos estes formados na divisão, na dualidade entre sua origem e o processo de sua formação, como já abordei a partir de Fairclough. A resistência discursiva é dialética por atravessar e ser atravessada por sujeitos, e é nesse ponto de encontro que as transformações acontecem ou deixam de acontecer, de acordo com a prática e os atravessamentos do sujeito.

Além do que foi tratado nesta tese, reconheço que outros temas afins podem ser explorados em futuros trabalhos, como a análise do discurso do *ethos* na biografia e sua idealização, ou ainda a análise da contradição biográfica e autobiográfica, entre outros. No entanto, dentre o que foi apresentado, pretendo me aprofundar ainda mais em trabalhos futuros sobre questões sociais e seus entrelaçamentos na disputa de poder e resistência, principalmente relacionadas à mulher negra e sua posição como sujeito.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos do Estado**: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000 [1958].

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BADINTER, Elizabeth. **O conflito:** A mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. (2004). **Marxismo e filosofia da linguagem.** 11a ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARROS, Bruna F. ; Rafael Jose Bona . **A Imagem da Mulher Propagada na Linguagem dos Videoclipes**: um estudo de caso sobre Material Girl de Madonna. In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2010, Novo Hamburgo/RS. Anais eletrônico XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2010. p. 01-13.

BARROS, Bruna F. **Rap, resistência e(m) oralidade: representações de preconceito e subversão no rap de Karol Conka**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, 2019.

BARROS, Bruna F. **O rap e a racionalização neoliberal:** Uma análise da música "Gueto ao luxo" de Karol Conka. In: Conflitos e deslocamentos em práticas de linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 127-146. Disponível em <https://pedroejoaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/09/Conflitos-e-deslocamentos.pdf>

BREUER, J., & FREUD, S. **Estudos sobre a histeria.** In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 2) (2a ed.). Rio de Janeiro: Imago, 1987.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CASTILHO, Maria Lúcia. **O discurso de estudantes de licenciatura e negociação de identidades:** Uma abordagem crítico-discursiva. Tese. UNB- Universidade de Brasilia. Brasília, 2013.

COLLINS, Patricia Hills. **Black feminist thought**. New York: Routledge, 2009.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução: Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyné, 2020.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

_____. **Discurso e mudança social**. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].

_____. **A dialectical-relational approach to critical discourse analysis in social research.** In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. 2 ed. Methodsof Critical Discourse Analysis London: Sage, 2009.

_____. **Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica**. In Linha d'Água, n. 25 (2), p. 307-329, São Paulo, 2012. Disponível em <www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/47728/51460> Acesso em 02 de março de 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**, A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

_____. **A ordem do Discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Tecnologias de si**, 1982. In Verve: Revista Semestral do NUSOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária/Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Trad. Andre Degenszajn. PUC-SP, n. 6, p. 321-360, out. 2004.

_____. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GELEDES. Sojourner Truth. **E eu não sou uma mulher?** Disponível em: < https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/>. Acesso em: 31 jul. 2022.

HEGEL, G.W.F. **Filosofia do Direito.** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010.

HOOKS, bell. **Teoria feminista:** da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais**, 2022. Disponível em < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/45/88270> Acesso em17 abr. 2023.

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. 10 ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GONZALES, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos Rio Janeiro: Zahar, 2020.

MARTIN, J. R.; ROSE, David. **Working with Discourse**: Meaning beyond the clause. 2 ed. New York: Continuum, 2007.

MORAIS, Argus Romero Abreu de **O discurso político da extrema-direita brasileira na atualidade.** Cadernos De Linguagem E Sociedade, 20(1), 152–172, 2019.

OXFAM. **Tempo de cuidar**: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade. Acesso em: 27 out. 2022. Disponível em <https://sinapse.gife.org.br/download/tempo-de-cuidar-o-trabalho-de-cuidado-nao-remunerado-e-mal-pago-e-a-crise-global-da-desigualdade#:~:text=site%20de%20origem-,Tempo%20de%20cuidar%3A%20o%20trabalho%20de%20cuidado%20n%C3%A3o%20remunerado%20e,a%20crise%20global%20da%20desigualdade&text=A%20desigualdade%20econ%C3%B4mica%20est%C3%A1%20fora,4%2C6%20bilh%C3%B5es%20de%20pessoas.>

PEDRO, Joana M. **A experiência com contraceptivos no Brasil**: uma questão de geração. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/CBwFBCqgdprcPL8x53x8bNz/?lang=pt> Acesso em: 10 nov. 2023.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise do discurso crítica.** São Paulo: Contexto, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da educação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

WODAK, Ruth. **Do que trata a ACD**. in Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 223-243, 2004.

ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gêneros e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.